

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Programa de Pós-graduação em Linguística

Simone Muller Costa

**A INTERFACE HUMOR E TRABALHO DE FACE:
o uso da provocação como estratégia de aproximação/afastamento**

Juiz de Fora

2015

Simone Muller Costa

A INTERFACE HUMOR E TRABALHO DE FACE:

o uso da provocação como estratégia de aproximação/afastamento

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Sonia Bittencourt
Silveira

Juiz de Fora

2015

Dedico esta tese aos meus pais, à minha irmã e à minha família, pelo apoio incondicional; ao meu namorado, por compreender as minhas ausências, e à minha orientadora, pela dedicação e competência.

AGRADECIMENTOS

Chegar a mais esta vitória só foi possível porque recebi o apoio de muitas pessoas queridas durante esta longa caminhada de quatro anos– familiares, amigos, namorado, colegas de trabalho e professores. Por isso, gostaria de aproveitar este espaço para agradecer a essas pessoas por todo carinho que me foi dedicado, mesmo sabendo que estas simples palavras não serão capazes de expor a dimensão do meu agradecimento.

Agradeço: primeiramente, a Deus que me deu saúde e fé para persistir mesmo diante de dificuldades que eu julgava não ter solução;

à minha mãe, que sempre foi uma grande amiga, me incentivando e aconselhando, que sempre acreditou que eu era capaz, me consolou nas minhas crises de choro;

à minha irmã, que me fazia companhia nas horas de cansaço e tentava me distrair;

ao meu pai, que sempre buscou me apoiar da forma dele e me fazer rir das suas idéias;

ao Pablo, que se mostrou um grande amigo, embora não soubesse compreender direito a minha falta de tempo;

à minha querida orientadora Sonia Bittencourt Silveira, que foi muito mais que orientadora, foi uma segunda mãe, sabendo compreender minhas dificuldades e problemas pessoais, sem jamais deixar de confiar em mim;

aos tios e primos de Espera Feliz, que sempre estiveram de lá torcendo por mim;

à minha madrinha Graziela, que com seu carinho e palavras corretas, nos momentos de apreensão, me fez acreditar que chegaria até aqui;

a todos os colegas de trabalho, que sempre me ajudaram a conciliar a jornada de trabalho com as atividades do curso do doutorado;

Obrigada a todos que me apoiaram e que não mencionei aqui, simplesmente porque seria impossível fazer um agradecimento pessoal a cada um de vocês, neste curto espaço.

RESUMO

Neste trabalho, investigamos a relação entre humor, im/polidez, trabalho de face e papéis em episódios do programa “Quatro em Campo”. Esse é um programa de rádio, exibido de segunda a sexta, pela rádio CBN e tem como foco discutir futebol. O programa tem o formato de uma mesa redonda, com um apresentador/mediador e três apresentadores/comentaristas. Embora o foco do programa seja futebol, muitas vezes, surgem provocações humorísticas, que podem atacar tanto aspectos da vida pessoal quanto profissional dos participantes. A literatura estudada aponta que sempre houve dificuldades em definir humor e, que, por isso, a primeira Teoria do Humor só surgiu em 1985 (RASKIN, 1985). Mais recentemente, alguns autores (NORRICK (1993); HOLMES (2000)) têm buscado definir o humor em situações reais de interação, considerando, principalmente, a forma como o alvo reage aos supostos enunciados humorísticos. Attardo (1994) defende que a provocação é um tipo de humor que traz em si um elemento de “crítica” e se realiza com a presença do alvo da crítica na interação. Assim, por ter se mostrado recorrente em nossos dados, o nosso foco de análise serão as provocações. Deste modo, adotando uma perspectiva relacional em estudos do discurso e uma abordagem interpretativista em análise de dados, buscamos verificar: os papéis que caracterizam/constituem o tipo de atividade analisada (Quatro em Campo); a relação entre humor e trabalho de face; e como as provocações emergem e são negociadas no discurso. A análise desses dados mostra que, nesse contexto, as provocações emergem, principalmente, quando um comentário esportivo gera algum tipo de desacordo/dissenso entre os participantes. Com essas provocações, busca-se uma mudança do enquadre que está sendo dado ao tópico em curso. Entretanto, essa mudança depende da forma como os alvos das provocações as recebem. Notou-se que há uma relação entre a forma como os participantes reagem às provocações e o papel que eles assumem, por exemplo, se o de comentarista esportivo ou de torcedor. De forma geral, o uso do humor se mostrou ambivalente, produzindo, ao mesmo tempo, afastamento e aproximação entre os interactantes.

Palavras-chave: humor; provocação; trabalho de face; aproximação/afastamento; papel social; hibridismo.

ABSTRACT

In this paper, we investigate the relationship between humor, im/politeness, facework and roles in episodes of the program “Quatro em Campo”. It’s a radio program, aired from Monday to Friday by CBN radio and it focuses discussions about soccer. The program is shaped as a round table, with a presenter/facilitator and three presenters/commentators. Although the program’s focuses, as it’s said, is soccer, many times, emerge humorous provocations. The literature has showed that there have always been difficulties in defining humor and so the first Theory of Humor was built only in 1985 (RASKIN, 1985). More recently, some authors (NORRICK (1993); HOLMES (2000)) has been sought to define humor in real situations of interaction. Attardo (1994) argues that provocation is a type of humour which brings in it a critical element and it is done in the target’s of criticism presence. So, considering the fact that provocations have showed be recurring in our data, our anlysis focus will be provocations. Thus, adopting a relational perspective in the discourse studies and a interpretative approach to data analysis, we seek to ascertain: the roles which characterize/ constitute the type of activity analyzed (Quatro em Campo); the relationship between humor and facework; and how the provocations emerge and how they are managed in the discourse. The analysis of data shows that, in this context, the provocations emerge, mainly, when a sporting commentary generates some kind of disagreement or dissent among the participants. With these provocations, the participants seek a change in the frame wich has being given to the current topic. However, this change depends on how the provocations` target receive them. It’s been noted that there is a relation between the way how participants react to provocations and the role they assume, for example, if it is the commentator role or the fan role. Moreover, in a general way, the use of humor has showed to be ambivalent, producing, at the same time, separation and connection among interactants.

Key-words: humor; provocation; facework; separation/connection; social role; hybridity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 TEORIAS IMPORTANTES.....	15
2.1 HUMOR.....	15
2.1.1 Definição de humor.....	15
2.1.2 Teorias do humor.....	17
2.1.2.1 Teoria de Raskin (1985).....	17
2.1.2.2 Attardo & Raskin (1991).....	19
2.1.2.3 A proposta de Norrick.....	21
2.2 Humor e tipos de atividade: tratamento situado.....	27
2.3 Humor e papéis.....	30
2.3.1 Papel de atividade <i>versus</i> papel discursivo.....	33
2.4 Funções do humor e trabalho de face no contexto institucional.....	35
2.5 Discussões: Humor <i>versus</i> Ofensa.....	40
3 ORIENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	44
3.1 Perspectivas Interacionais em Estudos da Linguagem.....	44
3.1.1 <i>Enquadres, Footing</i> e Alinhamento.....	55
3.1.2 Estudos contemporâneos que abordam <i>enquadre, footing</i> e alinhamento.....	58
3.1.3 Enquadre como multi-camadas.....	59
3.1.4 Alinhamento na perspectiva de Wine (2008).....	61
3.2 Contribuições da Análise da Conversa Etnometodológica.....	63
3.3 Pragmática Interpessoal.....	68
3.4 Natureza da Pesquisa.....	73
3.4.1 Estudo de Caso.....	74
3.5 Contexto de pesquisa e o tipo de atividade.....	76
3.5.1 Programa “Quatro em Campo”	76
3.5.2 Prévia do Programa “Quatro em Campo”.....	76
3.6 O Papel da Audiência.....	77
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	80

4.1 Tipo de atividade e papéis.....	80
4.2 Recepção das provocações e papéis.....	82
4.3 Enquadre comentários espositivos <i>versus</i> brincadeira.....	89
4.3.1 Transição de enquadres e formação de grupos.....	96
4.5 PAR: PROVOCAÇÃO-RESPOSTA.....	105
5 DISCUSSÕES DOS RESULTADOS.....	121
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
7 REFERÊNCIAS.....	129
ANEXO A- Traduções de exemplos.....	137
ANEXO B- Tabela das convenções de transcrição.....	139
ANEXO C- Transcrições dos dados.....	141

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo o uso do humor em situações reais de interação. Destacamos que, embora o humor geralmente seja relacionado a momentos de divertimento, isto é, ao riso, focaremos, aqui, o uso do humor como uma estratégia para causar ofensa, de forma mitigada. Muitas vezes, não nos damos conta desse tipo de “humor ofensivo”, entretanto, ele está presente tanto no nosso dia a dia, nas diversas situações em que nos relacionamos com os outros, quanto nos contextos institucionais, como em programas de TV e rádio, debates, julgamentos, etc (Holmes, 2000).

Desta forma, buscaremos analisar como o uso do humor pode resultar em “minimização de ofensa” e realizar trabalhos de face importantes para a relação de colegas de trabalho em ambientes institucionais. Destacamos que o ambiente institucional que será analisado é um programa de rádio intitulado “Quatro em Campo”.

Escolhemos como objeto de pesquisa esse programa porque observamos que nele os participantes assumiam papéis que iam além do institucional de comentarista esportivo e isso parecia possibilitar o uso constante de provocações entre os participantes. Visto que nosso foco era o uso do humor para “minimizar ofensas”, a provocação nos pareceu ser uma forma de tornar isso possível e, portanto, necessitava de maiores análises.

Considerando as teorias estudadas e os nossos dados, procuramos responder às seguintes questões de pesquisa:

1. Quais as estratégias usadas para mitigar/atenuar possíveis ofensas no contexto estudado?
2. Como e quando o humor emerge nessa atividade?
3. Quais as principais funções que o humor exerce no tipo de atividade focalizada?
4. Como os participantes constroem /negociam os seus múltiplos papéis no curso da interação?
5. Como se configura a resposta do alvo à provocação?

6. Há alguma relação entre os diferentes papéis exercidos pelos participantes e a utilização/recepção de provocações, nesse tipo de atividade?

Assim, para a realização deste trabalho, primeiramente, realizamos um estudo sobre teorias importantes que abordavam o humor. Por isso, fizemos um levantamento das definições de humor mais recorrentes na literatura consultada; em seguida, analisamos os modelos/teorias sobre humor, principalmente as propostas por Attardo (1994) e Norrick (2003); depois, retomamos o Modelo de Impolidez (Culpeper, 2010) para, por fim, juntamente com a proposta de Holmes (2000) sobre o uso do humor nas relações de trabalho, refletirmos melhor sobre como o humor vem sendo utilizado como uma estratégia para minimizar a ofensa e causar aproximação (cf. Haugh, 2010).

A revisão bibliográfica sobre o tema “humor” foi realizada com o objetivo de se obter uma melhor compreensão do que é humor e como se dá a relação entre humor, (im) polidez e ofensa. Realizamos a leitura de textos de diversos autores, de perspectivas cognitivistas (Raskin & Attardo, 1991; Attardo, 1994) e interacionais (Norrick, 2003; Holmes 2000), além de retomarmos alguns textos que abordam Trabalho de Face e Impolidez (Brown & Levinson, 1987; Culpeper, 2010). Em seguida, selecionamos as propostas que estariam mais próximas de nossa perspectiva interacional e, por meio das postulações apresentadas pelos autores resenhados, mostramos a aplicabilidade dessas propostas aos usos do humor para minimizar a ofensa.

Ressaltamos que os trabalhos de Holmes (2000) e Norrick (2003, 2008) foram considerados inovadores por analisarem o humor em interações reais do dia a dia e não mais em piadas prontas (Raskin, 1985). Holmes (op. cit) é ainda mais inovadora, pois aborda o uso do humor e a relação de poder nos ambientes profissionais. Culpeper (2010) também merece destaque, já que conseguiu analisar, em dados de fala espontânea, como os falantes utilizam estratégias discursivas impolidas para gerar humor, pois até então, na maioria dos casos, o humor era relacionado apenas a comportamentos polidos para gerar intimidade e fortalecer as relações.

Deste modo, notamos que o humor pode ser usado em diferentes contextos, tanto em ambientes profissionais como em situações mais informais. Serve não apenas

para gerar intimidade, mas também para ofender/reprimir/oprimir o outro de forma mais discreta, mitigando a gravidade da ação. Assim, conforme os exemplos apresentados por Holmes (2000) e Norrick (2008), através do humor as pessoas mantêm ou subvertem as relações de poder no ambiente profissional, mostram sua crítica aos pensamentos dos outros, por exemplo, de forma “sutil”.

O humor é, portanto, um mecanismo discursivo que torna possíveis “ofensas” menos explícitas e, conseqüentemente, menos “ofensivas”. Assim, as pessoas o utilizam estrategicamente para exporem suas opiniões e críticas, sem parecerem desobedientes, arrogantes e, até mesmo, conforme veremos em nossos dados, para criar um enquadre de brincadeira no ambiente de trabalho.

Apresentamos ainda alguns conceitos importantes relacionados às perspectivas de estudos da linguagem que adotamos. Da Sociolinguística Interacional, abordamos os conceitos de enquadre, footing e alinhamento; da Análise da Conversa Etnometodológica, apresentamos a noção de organização seqüencial dos atos de fala e a sua organização básica na forma de Pares Adjacentes; da Pragmática Interpessoal, foi fundamental a proposta de observar não apenas o uso da linguagem nos contextos analisados, mas também de observar as relações que emergem do uso da linguagem. Além disso, nesse capítulo, apresentamos informações relacionadas à natureza da nossa pesquisa.

Holmes (2000) aponta a existência de uma relação estrita entre Humor, Papéis, (Im)polidez, Trabalho de Face e Minimização de Ofensa nos ambientes de trabalho. Desta forma, visto que são poucos os estudos que abordam o uso do humor em contextos reais de interação. E, em particular, estudos que mostrem a forma como esses construtos se interrelacionam, buscamos verificar em nossos dados como se realiza o uso do humor no contexto do programa “Quatro em Campo”.

O presente estudo tem por objetivo: (i) analisar como o Humor é utilizado estrategicamente para minimizar as ofensas; (ii) observar a relação entre o uso do humor e o papel de quem o produz; (iii) verificar se há alguma correlação entre o papel que o alvo do humor assume, no curso da interação, e a forma como ele responde à provocação; (iv) verificar como ocorre a negociação dos enquadres brincadeira e comentários esportivos; (v) descrever a organização seqüencial do par PROVOCAÇÃO-RESPOSTA; (vi) identificar como e quando o humor ocorre; (vii) examinar a função do humor neste tipo de atividade.

Buscando alcançar os objetivos elencados no parágrafo anterior, observaremos como se dá a articulação entre trabalho de face, papéis e humor no contexto estudado, o programa de rádio “Quatro em Campo”, da CBN. A relação entre Humor, (Im)polidez, Trabalho de Face, Papéis e Minimização de Ofensa parece ser um campo de pesquisa bastante produtivo. Por isso, neste trabalho, investigamos como esses construtos se articulam no discurso. Para tal análise, utilizaremos como *corpus*: (i) dois episódios do programa “Quatro em Campo”, transmitido pela rádio CBN de segunda a sexta, às 20h; (ii) dois episódios da prévia do programa, que também é transmitido pela rádio CBN, das 18:40h às 19:00h, que conta com a participação de duas jornalistas.

No programa principal, temos quatro apresentadores/participantes que tecem comentários sobre futebol. O programa tem um formato parecido com uma mesa redonda, em que há um mediador e vários debatedores. Assim, no programa, o mediador seria Éboli que é o apresentador do programa, mas que também atua como comentarista, e os demais participantes, Guiotti, Piotto/Massini, André que poderiam ser considerados comentaristas.

O apresentador, mediador, Éboli, faz a apresentação do programa na capital carioca. Entretanto, os demais participantes não ficam todos em São Paulo e sim nas capitais das regiões que representam, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo.

A prévia do programa é um mini-programa, de apenas vinte minutos que vai ao ar mais cedo, às 18:40h. Nele também se comenta futebol e ocorrem “brincadeiras” provocativas entre os participantes. A principal diferença em relação ao “Quatro em Campo”, propriamente dito, é que aqui temos a participação de mulheres, Tânia ou Carolina, que assumem o papel de apresentador/mediador e coordenam as discussões. Ressaltamos que essas discussões também ocorrem como se fosse uma mesa redonda.

É interessante destacar que nas últimas décadas os programas que abordam esporte ganharam uma nova configuração e, ao invés de tratarem apenas de comentários esportivos, começaram a mesclar brincadeiras e comentários esportivos. Deste modo, os programas esportivos se tornaram um gênero híbrido (Sarangi, 2010), cuja meta inicial de informar sobre esportes se sobrepôs à de entreter o público.

Este estudo se torna relevante por buscar investigar a relação entre Humor, (Im)polidez, Papéis, Trabalho de Face e Minimização de Ofensa, examinando o uso do humor nas interações e suas funções. Afinal, são poucos os trabalhos que articulam todos esses campos e que consideram ainda o tipo de atividade em curso para a análise.

Segundo Arundale (2006), durante a interação, realizamos trabalhos de face que podem tanto aproximar os participantes quanto afastá-los (*Connect* ou *Separate*). Quando ocorre o trabalho de conexão durante a interação, observamos unidade, interdependência e solidariedade entre os interactantes. Essa conexão pode ser observada, por exemplo, quando há aprovação recíproca de algo. Já a separação refere-se à emergência de diferenciação, autonomia e divergência durante a interação. Observa-se que os movimentos de separação ocorrem, por exemplo, quando as pessoas procuram atender ao desejo de autonomia durante a interação e, por conseguinte, defendem sua autonomia de pensar, mesmo que não seja de forma autoritária.

Este trabalho se organiza em seis capítulos: após a introdução, no segundo capítulo, fizemos um levantamento das definições de humor mais recorrentes na literatura consultada e analisamos alguns modelos/teorias sobre humor; no terceiro capítulo, apresentamos alguns conceitos importantes relacionados às perspectivas de estudos da linguagem que adotamos (Sociolinguística Interacional, Análise da Conversa Etnometodológica e Pragmática Interpessoal); no quarto capítulo, realizamos a análise dos dados; no quinto capítulo, discutimos os resultados encontrados a partir da análise dos dados; e no sexto capítulo, considerações finais, retomamos as questões de pesquisa que orientaram este estudo, sendo discutidas à luz dos resultados obtidos.

No próximo capítulo, apresentaremos alguns fundamentos teóricos importantes para a nossa pesquisa.

2 TEORIAS IMPORTANTES

2.1 HUMOR

2.1.1 Definição de humor

Conforme vários autores apontam, há uma enorme dificuldade em se categorizar o humor. Por isso, segundo Attardo (1994), alguns estudiosos, como Ducrot & Todorov (1972), preferem trabalhar com três categorias: humor, cômico e ridículo. E, devido a essa multiplicidade de categorias, muitos autores defendem que a definição de humor é impossível. Outros autores optam por não separar o humor em categorias e relacioná-lo ao riso, isto é, o humor seria qualquer evento ou objeto que incitasse o riso, divertisse ou fosse engraçado. Talvez seja em decorrência desta complexidade que o primeiro modelo teórico coerente sobre o humor só tenha surgido recentemente, em 1985 - (RASKIN, 1985).

E foi justamente essa suposta relação de dependência entre humor e riso um dos primeiros aspectos a serem questionado por autores como Raskin (1985); Attardo (1994). Para eles, essa identificação de um fenômeno mental (humor) com um fenômeno fisiológico (riso) era errônea. Olbrechts-Tyteca (1974*apud* ATTARDO, 1994), por exemplo, aponta cinco razões para contestar essa correlação: primeiro, há o riso fisiológico (provocado por drogas, por exemplo) e o riso originado do humor; segundo, o riso não indica apenas divertimento, ele pode fazer parte de um ritual, indicar constrangimento ou desorientação; terceiro, algumas pessoas podem conter o impulso do riso, não existindo, portanto, uma relação causal entre estímulo humorístico e riso; quarto, o humor pode desencadear o riso ou o sorriso e ainda não se sabe se o sorriso seria uma forma atenuada do riso; finalmente, por convenções sociais, o riso/sorriso pode ser simulado.

Além disso, Drew (1987) aponta que há muitos casos em que o humor é utilizado, como na provocação, e a reação a esses episódios pode ser bem séria -“po-faced responses”, isto é, as pessoas podem ficar sérias (cara séria) quando são provocadas.

Inicialmente, parece-nos que, mesmo que não seja uma regra, há uma correlação entre humor e riso, principalmente, quando se considera a piada como texto humorístico. Afinal, esses dois fenômenos estão bem interligados, embora alguns casos

de análise da performance demonstrem que essa relação não é tão direta assim e nem ocorra em todos os casos.

Assim, em 1985, Raskin (1985), baseando-se no conceito de “competência gramatical” de Chomsky, defende que as pessoas também possuem uma “competência humorística”, isto é, o humor também seria uma competência mental do falante. Essa teoria foi aperfeiçoada por Attardo & Raskin (1991) e será discutida nas seções subsequentes.

Ressaltamos que, Norrick (1993) e Holmes (2000), adotando uma perspectiva relacional, definem o humor a partir do seu uso. Para Norrick (1993), o humor pode ser definido a partir da resposta do ouvinte, por isso, um enunciado só será considerado humorístico, se a resposta do ouvinte for o riso. Holmes (2000) argumenta que os enunciados serão considerados humorísticos se utilizarem pistas discursivas, linguísticas e paralinguísticas para divertir e essas pistas forem identificadas pelos ouvintes como divertidas.

Após a análise dessas diferentes tentativas de definição de humor, observamos que conceituar humor não é uma tarefa simples. Por isso, acreditamos que seja necessário tentar integrar as diferentes propostas e acrescentar o fator contextual. Afinal, é inegável que há a intervenção de um fator mental e que o riso e o humor estejam interligados. Entretanto, não podemos nos esquecer de que o humor é situacional e pode sofrer algumas variações a depender do contexto (sarcasmo, ironia, ofensa, etc).

Além disso, conforme proposto por Boxer & Cortés-Conde (1997, p.279), as piadas conversacionais podem tanto “beliscar” (uma simples piada que pode ter por alvo algum participante da interação, mas que não chega a provocar ofensa), “aproximar” (uma piada tida como brincadeira e que leva à aproximação dos participantes) ou “morder” (uma provocação agressiva) os participantes/alvos. Deste modo, há um *continuum* com dois extremos: aproximação e mordida, e variações entre esses dois extremos. Haugh (2010), ao analisar as "provocações", também defendeu a existência do *continuum* proposto por Boxer & Cortés-Conde (1997).

É importante destacar que Attardo (1994) divide as interações humorísticas em quatro grandes tipos: a) piadas prontas; b) piadas conversacionais; c) provocação e d) piadas ritualísticas. Dentre esses tipos, nos interessa, mais especificamente, a provocação, por ter se mostrado recorrente em nossos dados.

A *provocação*, segundo Attardo (op.cit), tem sido objeto de uma ampla gama de pesquisas dentro dos estudos sobre humor. Ela se diferencia de outras interações humorísticas uma vez que traz em si um elemento de “crítica” em relação ao alvo da provocação, encaixando-se na perspectiva de Bergson (1901) de humor como corretivo social. A provocação serve como “um instrumento para reformular o discurso e as ações do outro e, assim, propor uma realidade alternativa, sem fazê-lo de forma séria” (MULKAY, 1988, p. 79).

Assim, no presente trabalho nos atentaremos, principalmente, ao tipo de humor categorizado como provocação (ATTARDO, 1994), buscando analisar como ela se configura nas interações e quais as funções interacionais que ela sinaliza no discurso.

Embora apresentemos aqui nosso ponto-de-vista de quais aspectos o conceito de humor deveria englobar, ainda não há na literatura nenhuma definição que abarque satisfatoriamente esses aspectos. Dentre os tratamentos dispensados ao tema, as propostas de Norrick (2003) e Holmes (2000), contudo, parecem ser as que melhor explicam as situações de uso do humor.

Na próxima seção, apresentaremos e contrastaremos as principais teorias sobre o humor.

2.1.2 Teorias do humor

Conforme dito anteriormente, devido à complexidade em se definir humor, uma teoria coerente de humor só surgiu em 1985: “Teoria do Script Semântico do Humor”, doravante SSTH, (RASKIN, 1985).

A seguir, apresentaremos, portanto, de forma sucinta, a SSTH.

2.1.2.1 Teoria de Raskin (1985)

A SSTH compartilha sua fundação ontológica com a gramática gerativa (GG) (CHOMSKY, 1965) e postula que os falantes possuem uma competência humorística. Assim, da mesma forma que o falante pode afirmar que uma sentença é gramatical ou não, ele pode dizer se um texto é engraçado ou não.

É importante ressaltar que à semelhança da gramática gerativa, a SSTH trabalha com a ideia de um falante/ouvinte ideal e propõe, por conseguinte, um modelo de

competência, não abordando a performance do falante, semelhança de perspectiva adotada, então, pela GG.

A hipótese principal da SSTH é de que um texto pode ser considerado humorístico, piada, se: (i) o texto for compatível, totalmente ou em parte, com dois scripts diferentes; (ii) os dois scripts com os quais o texto é compatível são opostos.

Assim, é importante apresentar o conceito de script que a SSTH adota. Segundo a SSTH, “script é uma estrutura cognitiva internalizada pelo falante que fornece a ele informações sobre como as coisas são feitas, organizadas, etc” (ATTARDO, 1994, p.199) e que, de acordo com Raskin (1985) podem ser evocados por itens lexicais.

De acordo com essa teoria, nas piadas, há um processo de combinação de *scripts* opostos (real/irreal; verdadeiro/falso; possível/impossível; normal/anormal; bom/ruim; vida/morte; obsceno/não-obsceno; dinheiro/não-dinheiro; alta/baixa). Assim, o texto de uma piada geralmente é construído por sequências de ações que conduzem o ouvinte/leitor a um *script*. Entretanto, alguns trechos serão compatíveis com mais de uma leitura, isto é, se encaixarão em mais de um *script*. Há, portanto, uma sobreposição de *scripts*. O texto perderá essa ambiguidade no “trecho-chave” (punchline), quando ocorrerá a mudança de um *script* inicial para outro. Deste modo, é nessa mudança de *script* que surge o humor da piada.

A SSTH postula que as piadas podem violar as máximas de Grice (1975), já que elas possuem um conjunto de máximas específicas ao modo de comunicação humorística denominado *non-bona-fine*. O modo *non-bona-fine* seria a passagem do aspecto sério para o fantasioso. Este modo é importante, pois postula que, no contexto humorístico, as pessoas não precisam estar comprometidas com a verdade do que dizem.

Assim, a piada, segundo Ramos (2011, p.56), apresentaria uma sequência própria que resultaria no humor:

- 1) Troca do modo *bona-fina* pelo o *non-bona-fine*;
- 2) Intencionalidade de ser uma piada;
- 3) Apresentação de dois *scripts* compatíveis com o texto;
- 4) Uma relação de oposição entre dois *scripts*;
- 5) Um gatilho, explícito ou não, que permite a oposição dos *scripts*.

Para entendermos melhor esse modelo teórico, vejamos um exemplo de piada, apresentado por Ramos (2011, p. 56):

"Uma mãe estava preocupada porque o filho passava o dia inteiro mexendo no computador. Ela decidiu, então, levar o garoto à Igreja para que ele conversasse com um padre. Chegando lá, a mãe explica a situação e o sacerdote pergunta ao menino:

- Meu jovem, você segue Deus?

E o menino responde:

- Não sei... qual o e-mail dele".

Segundo essa teoria, esta piada reuniria dois *scripts* opostos, o religioso e o do processo de interação no meio virtual. A pergunta do padre, ao usar o verbo “seguir” potencializa duas leituras (seguir=seguir os ensinamentos de Deus; seguir= acompanhar na internet). O jovem seleciona a leitura de “seguir” como acompanhar na internet e não o sentido de seguir dentro de um *script* religioso. Com a sua resposta, notamos que o jovem atualizou o sentido de “seguir” dentro de um *script* do mundo virtual/internet. Essa oposição de *scripts* se manifesta na frase final, com a pergunta “qual o e-mail dele?” Assim, o desfecho inesperado leva à produção de humor.

Embora a SSTH representasse um grande avanço em termos de teorização do humor, ela é uma teoria com limitações, pois tem como foco apenas as piadas “prontas”. A principal falha dessa teoria é que ela foi baseada em “piadas prontas”, por isso, mostrava-se limitada quando aplicada a outros contextos, principalmente, quando tentava-se aplicá-la às denominadas “Piadas Conversacionais”, isto é, as piadas que emergem durante a interação, as quais não possuem uma estrutura fixa.

Como uma tentativa de reformular a SSTH e, conseqüentemente, sanar as limitações que ela apresentou, Raskin & Attardo (1991) propuseram a “Teoria Geral do Humor Verbal”, doravante GTVH. Na próxima seção, apresentaremos as principais características dessa teoria.

2.1.2.2 Attardo& Raskin (1991)

A “Teoria Geral do Humor Verbal” (ATTARDO & RASKIN, 1991) é uma revisão da SSTH e enfatiza o fato de humor estar presente em qualquer tipo de texto

humorístico. Essa teoria realiza uma expansão do escopo da SSTH, pois deixa de ser uma teoria apenas semântica e passa a incluir, em suas bases teóricas, a linguística textual, a teoria da narrativa e a pragmática. Além disso, representa um grande avanço por não trabalhar apenas com as “piadas prontas” e buscar ser aplicada em pequenas narrativas - “short stories”.

Essa expansão foi possível pela introdução de seis “Fontes de Conhecimento” (“Knowledge Resources”) aos *scripts* de oposição. Com isso, a piada passou a envolver seis conhecimentos por parte de quem a lê/ouve: Linguagem; Estratégia Narrativa; Situação; Oposição de *Scripts*; Mecanismo Lógico; Alvo.

A “linguagem” é o parâmetro que contém toda a informação necessária para verbalização do texto, sendo responsável pela organização dos elementos funcionais que o constitui. A “estratégia narrativa” é responsável pela organização narrativa da piada. A “situação” é o contexto situacional em que ocorre a piada. A “oposição de *scripts*” é que torna o texto de uma piada ambíguo. O “mecanismo lógico” é o parâmetro que considera a forma como os dois sentidos (*scripts*) são negociados nas piadas. O “alvo” é o parâmetro que seleciona quem é o alvo da piada (por exemplo, as loiras, os portugueses, etc).

Attardo & Raskin (1991) defendiam que haveria uma relação hierárquica entre esses seis itens. Segundo os autores, a linguagem seria determinada no processo de produção da piada e os *scripts* já seriam determinados *a priori*. Por isso, estariam em campos extremos, a linguagem de um lado e os *scripts* de outro. Os demais itens ocupariam uma posição intermediária, sendo acionados durante o processo de produção da piada, conforme a necessidade.

Retomando o exemplo de piada, página vinte e cinco, apresentado por Ramos (2011, p.56), podemos examinar como esses 6 recursos (Linguagem; Estratégia Narrativa; Situação; Oposição de *Scripts*; Mecanismo Lógico; Alvo) estruturariam essa piada:

1) LINGUAGEM: a piada é verbalizada por meio da linguagem.

2) NARRATIVA: “*Uma mãe estava preocupada porque o filho passava o dia inteiro mexendo no computador*”.

3) ALVO: GAROTO: “*Ela decidiu, então, levar o garoto à Igreja para que ele conversasse com um padre.*”

4)SITUAÇÃO: “Chegando lá, a mãe explica a situação e o sacerdote pergunta ao menino:”

5)OPOSIÇÃO DE SCRIPTS: (1- seguir = filiar-se e 2- seguir = acompanhar (mundo religioso *versus* mundo virtual))

“- *Meu jovem, você segue Deus?*”

6)MECANISMO LÓGICO: (a seleção de um dos *scripts* mostra a forma como eles foram negociados)

“*E o menino responde:*

- *Não sei... qual o e-mail dele?*”.

Com isso, a piada é vista como uma instanciação dessas seis “Fontes de Conhecimento” e pela combinação desses parâmetros surge um número infinito de piadas.

A seguir, discutiremos algumas propostas mais interacionais de teorização do humor. Para começar, apresentaremos a proposta de Norrick (2003).

2.1.2.3 A Proposta de Norrick

Norrick (2003) reconhece que as teorias da incongruência representaram um grande avanço ao descrever o humor em termos de oposição de enquadres/*scripts*. Entretanto, essas teorias, segundo ele, não focalizam o texto humorístico em si. Para esse mesmo autor, embora Attardo & Raskin (1991; 1994) incluíssem aspectos pragmáticos ao modelo de oposição de *scripts* e tentassem aplicá-los a situações humorísticas que fossem além das piadas, eles não foram capazes de explicar o discurso humorístico em toda sua complexidade, ou seja, não era aplicável às piadas conversacionais, que emergem durante a interação.

Assim, Norrick (op. cit) ressalta a necessidade de um modelo capaz de descrever o humor nas performances de piadas conversacionais, ou seja, deve-se estudar o humor espontâneo, o qual utilizamos nas conversas do dia-a-dia.

As piadas conversacionais diferem das piadas prontas em vários aspectos:

(1)as piadas prontas possuem prefácios que servem para anunciar a piada e verificar se ela já é conhecida dos ouvintes;

(2) as piadas conversacionais, ao contrário das piadas prontas, utilizam ferramentas interacionais para chamar a atenção do falante e desenvolver a narrativa da piada, tais como: repetição, hesitações, autocorreções;

(3) as piadas prontas sempre utilizam um cenário pronto, baseado em um modelo, em que o centro da piada é um “*punchline*” ou “*trecho-chave*”, enquanto isso, nas piadas conversacionais, a interpretação se dá durante a construção da narrativa, por meio do uso de estratégias verbais que estabelecem a interpretação feita pelos falantes.

Vejamos, a seguir, um exemplo de piada pronta e outro de piada conversacional, respectivamente.

Um bêbado num comício:

O candidato está fazendo um discurso e, lá pelas tantas, diz:

— *Se eu for eleito, prometo que haverá trabalho para todo mundo.*

O bêbado comenta:

— *Já começou a perseguição.*

(TAFFARELLO, 2003)

Cenário familiar: Andrés é casado com Ana; Silvia é irmã de Andrés. Há ainda uma terceira pessoa que se mantém em silêncio, o marido de Silvia.

Andrés: O que acontece é que comprei uma camisa de popeline.

Ana: De que cor?

Andrés: [Azul] Lembra da que eu tinha comprado pra mim, e da que compramos para eles? Mais escura (...)

Silvia: E os sapatos?

Andrés: verde, tipo verde água.

*Ana: Não, comigo você não vai sair***.*

*Andrés: Era uma beleza, ***.*

*Ana: Verdade, está me ***. Está me zoando.*

Andrés: Me queria, me queria vender uma lilás, mas eu disse não, uma lilás eu não quero, me parece suja.

Silvia: [gargalhadas]

Ana: O quer que eu te diga? Eu preferiria a lilás à azul.

(BOXER& CORTÉS-CONDE, 1997, p.277)

A primeira piada constitui uma piada pronta. Assim, no início há um prefácio: “*Um bêbado num comício*”, que serve para anunciar a piada e juntamente com “*O candidato está fazendo um discurso e, lá pelas tantas, diz*” constrói uma narrativa e cria um cenário. Por fim, a fala do político e o anúncio de uma resposta por parte do bêbado anunciam o “*trecho-chave*”, que é o centro da piada.

A segunda piada é uma piada conversacional, pois durante a conversa com a esposa (Ana) e a irmã (Silvia), Andrés resolve brincar com a esposa e fala com ela que comprou uma camisa azul e sapatos verdes para ele. Ana avisa que não vai sair com ele, pois as cores das roupas não combinam. Com isso, fica evidente que Ana e Andrés tomam como referência *scripts* diferentes de uma possível combinação de cores. Ao questionar a verdade do que Andrés está dizendo, Ana parece suspeitar de que a intenção de Andrés é fazer uma provocação, zoar. Andrés ainda diz que queriam lhe vender uma camisa lilás, mas que ele não gostou e Ana opina que preferiria a lilás à azul. Mas são as gargalhadas de Silvia que sinalizam que a incongruência de combinar azul e verde água deve ser enquadrada como uma brincadeira.

Ana e Andrés parecem ter visões diferentes sobre o que seria uma boa combinação de cores. Assim, quando Andrés informa a cor dos sapatos (verde, tipo verde água), ele cria o que seria uma incongruência para Ana (combinar azul e verde). Porém, sua esposa responde nervosa, o que o leva a continuar a brincadeira, fingindo estar falando sério. O comportamento de Silvia, rir no final, mostra que ela, durante a interação, conseguiu identificar que a intenção de Andrés era fazer uma brincadeira.

Como observamos nesse exemplo, o estabelecimento de um enquadre de brincadeira claro é tão necessário na Piada Conversacional como na Piada Pronta, mas pode ser problemático o fato de a ambiguidade intencional ou não intencional precisar de um conjunto altamente convencionalizado de mecanismo para sinalizar o enquadre "brincadeira".

Em piadas contadas, as pessoas podem não pegar a piada, mas neste gênero a intenção do falante parece que fica mais evidente que na Piada Conversacional. Assim, geralmente, não compreender uma Piada Conversacional pode gerar impasse no fluxo da conversa.

Entretanto, lembramos que abordar a intenção/intencionalidade do falante é bastante complexo. Haugh (2009) destaca que a comunicação é geralmente conceituada como o reconhecimento/atribuição de intenções ao falante. Intenção é um conceito que subjaz às teorizações de Grice, dos neo-Gricianos, da Teoria da Relevância, da Teoria dos Atos de Fala, da Teoria da Expressão, etc. Deste modo, observamos que, muitas vezes, a definição de comunicação é crucialmente dependente dessas intenções do falante.

Segundo Edwards (2008), a “intencionalidade” pode ser dividida em dois sentidos: (1) sentido cotidiano de “intenção”, fazer algo com um propósito, que exige agentividade, deliberação ou algum tipo de finalidade, contrário a algo que aconteça acidentalmente; (2) sentido filosófico, seguindo a definição de Brentano e Husserl sobre “estado intencional”, que envolve uma cadeia de estados mentais como pensar, acreditar, conhecer, esperar, que é diferente de coisas ou eventos no mundo ou na mente que podem ser objetos de pensamentos, os entendimentos, os sentimentos, as crenças e outras experiências e termos epistemológicos.

Edwards (2008) defende ainda que, nas conversas cotidianas, para que a intenção seja invocada, na maioria dos casos, necessita-se da existência de um certo senso de confiança, pois quando há obstáculos entre a intenção e a ação ocorre a frustração da realização da ação.

Haugh (2009) defende que a intenção não deve se limitar à expressão e ao reconhecimento/atribuição de intenções. Por isso, numa perspectiva interacional, a comunicação deve ser estudada considerando-se também os aspectos sociais e culturais relacionados ao uso da linguagem. Deste modo, observamos que a intenção pode ser conceituada de duas maneiras: (1) como um estado mental “a priori” para os falantes (abordagens Cognitiva-Filosóficas); (2) um recurso “post facto” dos participantes que emerge durante a interação (pragmática Sociocultural-Interacional).

Para Arundale (1999), as intenções de Grice ou intenção em geral, não devem ter um papel central para explicar o uso da linguagem. Arundale (1999) argumenta que a intenção deve fazer parte da análise como uma descrição discursiva dos eventos vistos como tendo “directionality” (direcionalidade) ou “aboutness” (temacidade). Assim, o autor mostra que pode-se explicar a comunicação de uma maneira sofisticada, sem precisar usar as intenções de Grice, estados mentais.

Desta forma, concluímos que é difícil precisar qual a intenção do falante e que, portanto, ao se trabalhar com comunicação é mais plausível descrever discursivamente os eventos do que postular possíveis “intenções” do falante.

Retomando os tipos de piadas, Norrick (2003) destaca que o estudo do humor deve ter por foco, portanto, as piadas conversacionais. O autor mostra ainda que as piadas conversacionais podem ser ofensivas ou serem utilizadas para aproximação, isto é, elas podem permitir uma agressão direta a uma terceira parte, alguém ausente, ou podem ser utilizadas como *rapport*.

Norrick (op. cit) defende que os eventos humorísticos devem ser analisados durante o curso da interação. Assim, é a forma como rimos e respondemos às piadas que irá estabelecer o grau de agressão da piada. Por isso, Norrick (op.cit) aborda a importância de se observar o comportamento do outro. Por exemplo, a ausência de riso após a piada, sinaliza que houve algo errado, ou os recipientes não entenderam a piada ou não apreciaram o conteúdo e/ou a performance. Portanto, há uma co-produção do humor durante a interação.

No nosso dia a dia, observamos que algumas pessoas desenvolvem suas relações de amizade por meio de ataque verbal, provocação, etc. Nesses casos, as piadas possuem a função de aproximação, isto é, possuem função positiva.

Cortés-Conde & Boxer(1997) diferenciam piada de provocação. Segundo as autoras, a piada é sempre vista como um gênero¹ bem diferente da provocação. A principal diferença entre esses dois gêneros é que a provocação sempre tem por alvo alguém presente na interação, enquanto o alvo da piada geralmente está ausente.

Para elas, a provocação emerge como um dos três gêneros de fala, os outros dois são (2) piada sobre alguém ausente; (3) piada auto-depreciativa. Ao distinguir esses três tipos de Piadas Conversacionais, elas levam em conta o endereçado e o alvo da piada como parâmetros importantes. Dada essa definição, somente a provocação pode “morder” ou “beliscar”, isto é, agredir/ofender, já que essa atividade deve ser direcionada a um participante presente. Por outro lado, a piada sobre alguém ausente e a piada auto-depreciativa podem unir, pois não possuem a intenção de agredir, “morder”, nenhum participante.

Provocação requer que a piada conversacional seja direcionada a alguém presente. Essa pessoa é o endereçado ou o ouvinte e se torna o centro da interação na qual o enquadre humorístico se constrói. A provocação aparece ao longo de um *continuum* que vai de "elo" à "beliscada" à "mordida”.

EXEMPLO:

¹Gênero textual/discursivo, de acordo com MARCUSCHI (2003, p.23), é uma noção propositalmente vaga para se referir a textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Por isso, enquanto existe um número limitado de tipos textuais, há um número ilimitado de gêneros textuais/discursivos (redação de vestibular, artigo acadêmico, telejornal, coluna esportiva, bula de remédio, dentre outros).

Bob (um homem doente), Molly (uma amiga) e Denise (esposa de Bob).

Bob: Claro que faz. Eu estava contando para[Denise] que minha perspectiva mudou profundamente. Agora eu tenho que ajudar os outros que estão doentes.

Denise: Você agora não tem energia para ajudar ninguém.

BOXER & CORTÉS-CONDE (1997, p.280).

Neste exemplo, observamos que Denise provoca o marido, Bob. Após Bob dizer que agora quer ajudar aos outros, Denise, considerando que seu marido não a ajuda nas tarefas domésticas por conta da sua enfermidade, produz um enunciado que é uma provocação: “*Você agora não tem energia para ajudar ninguém*”. Essa provocação provavelmente fez com que Bob se sentisse ofendido, por isso, pode ser considerada uma mordida. Entretanto, Bob pode não ter se sentido ofendido, mas, provavelmente, foi afetado pela crítica, beliscada. Então, dependendo da “intensidade” de uma crítica/brincadeira/provocação, ela pode ser considerada beliscada (suave) ou mordida (ofensiva).

Mas conforme as autoras apontam, as provocações não geram apenas afastamento, elas também podem ser utilizadas para aproximar os participantes da interação, vejamos um exemplo apresentado por elas em que o humor gera aproximação:

Cenário: Amigas íntimas.

Corina: No dia seguinte, me liga***atendo o telefone e me diz. “Oi, Corina!”
 “Sim?” [gargalhadas] “Não sabe quem é?” e essas coisas...

Sara: Sim. “Sou eu, seu príncipe charmoso. Como se esquece da minha voz?”
 [gargalhadas]

Inês: “Como?”

Corina: “Você não vai acreditar” “Não”. Disse “É o David”

Inês: Sim.

BOXER & CORTÉS-CONDE (1997, p. 283).

Nesse exemplo, Corina imita a voz de David para zombar dele. A entonação, com exageros e descidas no tom de voz, indica que é um homem tentando seduzir. Nesse caso, as participantes não apenas riem juntas, mas também co-constrõem o texto.

Além disso, é o fato de elas partilharem do conhecimento de quem seria este homem que as aproxima.

Características suprasegmentais e não verbais da interação são pistas importantes para distinguir se a provocação é do tipo que une, belisca ou morde. Dada as diferentes pistas de contextualização (e.g. falta de público, contornos entonacionais, estresse), uma provocação pode ser considerada uma beliscada ou uma mordida.

Para Norrick (2003), um modelo de humor deve, portanto, dar conta do humor conversacional, deve estabelecer uma interpretação em multi-estágios, ou seja, além do processo de análise de dois enquadres semânticos conflitantes. A teoria do humor deve ser enriquecida por outros aspectos, como a resposta do falante, para, assim, dar conta dos efeitos interpessoais e interacionais das piadas e provocações, tais como o poder e o *rapport*.

2.2 Humor e tipos de atividade: tratamento situado

Segundo Levinson (1992), tipos de atividades dizem respeito a qualquer atividade culturalmente reconhecida, que pode ou não envolver períodos de fala. Esses tipos de atividades são centrais ao uso da linguagem, uma vez que restringem e delimitam as contribuições dos participantes para cada atividade, além de ajudarem a determinar os tipos de inferências que serão feitas a partir do que é dito. Nessa perspectiva, o evento de fala não é algo extralinguístico, uma vez que “pressuposições associadas a eventos específicos podem ser evocadas no curso da prática comunicativa para definir os critérios ou estabelecer enquadres para se interpretar as mensagens” (Gumperz, 1999, p. 456).

Sarangi (2000) propõe uma importante divisão entre tipo de atividade e tipo de discurso: o tipo de atividade é uma forma de caracterizar as configurações de um encontro, enquanto que o tipo de discurso é uma forma de caracterizar as “formas de falar” em um encontro (p. 2). E, tanto os tipos de atividade quanto os tipos de discurso, vão sofrendo reconfigurações ao longo da interação, sendo importante o uso da sensibilidade dos participantes e dos analistas para isso.

Portanto, para se compreender a interação dentro de um tipo de atividade, é necessária a convergência das perspectivas dos analistas e dos participantes, uma vez que não apenas o discurso, mas também diversos sinais comunicativos, como o olhar, os gestos simbólicos, o apontar, os risos, etc². participam das atividades conjuntas no uso da linguagem. Segundo Sarangi (op. cit.), tipos de atividades são ações que focalizam acontecimentos com objetivos claros, socialmente estabelecidos, que restringem não só os participantes, cenário, etc., mas principalmente os tipos de participações que são permitidas.

O humor, como um fenômeno linguístico importante que emerge na interação, deve ser estudado, portanto, considerando o tipo de atividade em que ocorre. Vários autores estudaram o humor em tipos de atividade específicos, conforme nos propomos a fazer aqui. Holmes (2000), por exemplo, mostra como o humor é utilizado nas interações verbais de rotina, especialmente, no ambiente de trabalho, tanto entre chefe e subordinados, quanto entre colegas. O humor, nesse contexto, pode ser usado para expressar afeto positivo, gerando aproximação, e/ou para causar ofensa.

Nos encontros em que as pessoas possuem níveis de poder desiguais, o humor é visto como uma estratégia que ajuda os superiores a manter o poder, mas que ajuda também os subordinados a desafiar as estruturas de poder, sendo utilizada como tentativa de subversão do discurso dos superiores.

Holmes (1982) defende que o humor pode ter multi-funções, podendo se configurar numa escala que vai do sarcasmo bem-humorado até as piadas para o simples divertimento. Citando Brown & Levinson (1987), Holmes (op. cit) destaca que o humor pode ser utilizado por meio de estratégias de polidez positiva e/ou para atender às necessidade de face negativa do endereçado. Holmes (op. cit) realça ainda que a Teoria da Polidez, de Brown & Levinson (1987), não aborda o uso do humor para ameaçar a face do outro, isto é, o humor ofensivo.

Afinal, muitas vezes, conforme Holmes (op. cit), o humor repreensivo é utilizado para legitimar o poder nas relações. Assim, os participantes mais poderosos tendem a fazer graça com os menos poderosos. Com isso, os mais poderosos mantêm o controle do comportamento de seus subordinados. Além disso, o humor pode ser uma alternativa para se dar ordens, pois, em algumas culturas, parecer autoritário pode não

² Na página 48, abordaremos detalhadamente as Pistas de Contextualizações, doravante PCs; Pressuposições Contextuais e Inferências Situadas (Gumperz, 1982).

ser bem visto. Assim, muitas vezes, o humor é utilizado quando se quer exercer poder sobre o outro, sem, contudo, parecer autoritário. O humor pode ser considerado uma estratégia de aproximação/afastamento.

Mak et al (2012) também estudam o uso do humor em ambientes de trabalho. Quando alguém chega a um novo ambiente de trabalho tem que enfrentar o desafio de socialização em novas comunidades de trabalho. Assim, conforme Plester & Sayers (2007), observou-se que o humor tem sido um importante fator nesse processo de adaptação, sendo utilizado tanto pelos recém-chegados quanto pelos antigos para negociar as relações interpessoais e as tarefas previstas para o cargo.

Além disso, o humor pode sinalizar para os novatos quais são os comportamentos apropriados e os inapropriados. Deste modo, o humor pode ser usado para se obter a integralização dos novatos no novo ambiente de trabalho e para moldá-los às normas sobre como as coisas devem ser feitas.

Hay (2001) analisa a resposta que os participantes dão ao uso do humor. O silêncio, por exemplo, pode ser decorrente do não-reconhecimento do humor ou sinalizar que o endereçado não apreciou o humor. Essas reações são, respectivamente, denominadas como “humor despercebido” e “humor rejeitado”

O humor ocorre em conversas informais, sendo raro o seu uso quando as pessoas estão discutindo lucros, perdas ou outros assuntos relacionados com dinheiro. Observeu-se ainda que os novatos, embora participassem dos comentários humorísticos, eles não iniciavam o humor.

Com isso, concluímos que aspectos revelados pelo tipo de atividade analisado, que vão além da simples questão da formalidade e /ou institucionalidade do evento discursivo, tais como: cenário, objetivo da atividade, relação existente entre os participantes, dentre outras, são fundamentais para a compreensão do uso do humor na interação.

A seguir, abordaremos as definições de papéis e sua aplicabilidade ao contexto analisado, pois acreditamos que haja uma correlação entre papéis e o uso do humor nesse tipo de atividade.

2.3 Humor e papéis

Sarangi (2010, 2011a, 2011b), com base na teoria de Merton (1957, 1968) sobre os “conjuntos de papéis” e os “múltiplos papéis” que as pessoas assumem em suas atividades diárias, argumenta que essa distinção conceptual deve ser seguida ao analisar os papéis envolvidos na interação.

A teoria de Merton (op.cit.) tem base sociológica e correlaciona status social a papel social. Assim, Merton (op. cit) parte da definição de Linton (1936) de status como “uma posição em um padrão particular que é uma coleção de direitos” (LINTON, 1936, p.113 - 114; cf. MERTON, 1957, p. 110) e papel social como o “aspecto dinâmico de um status [que] coloca os direitos e obrigações que constituem o status em questão” (op. cit.).

Desta forma, Merton (1957, 1968) seguindo Linton (1936), defende que *status* e papéis conectam as “expectativas definidas culturalmente com a conduta e as relações padronizadas, colocando em movimento a estrutura social” (MERTON, 1957, p.110). Entretanto, o autor contesta o fato de que para Linton (op.cit.) “cada pessoa em sociedade inevitavelmente ocupa múltiplos *status* e que cada um desses status tem um papel associado”. Ou seja, contesta o fato de que para cada *status* há um **único** papel associado.

Assim, Merton (1968), criticando Linton, argumenta que um *status* social não envolve apenas uma única ocupação, mas um conjunto de papéis. Por exemplo, o *status* de professor coloca em cena papéis diferentes, considerando-se sua relação com os alunos, os colegas de trabalho, os coordenadores de ensino, isto é, dependendo da situação o *status* professor envolve um conjunto de papéis (role-set) específicos (avaliador, mestre, colega de trabalho, subordinado).

A questão do conflito que circunda as noções de conjuntos de papéis e múltiplos papéis foi abordada por Sarangi (2010, 2011a, 2011b) em sua teorização de hibridismo de papel. Sarangi (2011) destaca que o “hibridismo” está presente nas esferas públicas e privadas. Deste modo, o autor defende que o hibridismo pode ser simples (footvoley, edutainment) ou complexo (ocorre em práticas profissionais em que há inter-relação entre os conjuntos de papéis e os tipos de discurso). Por isso, os conceitos de **papéis, conjuntos de papéis e múltiplos papéis** são tão importantes.

Sarangi (op.cit) argumenta ainda que a noção de papel é mais operacional nos estudos da interação social do que às noções de *self*, *status* e identidade, especialmente nas esferas institucionais e profissionais. Sarangi (op. cit) mostra que nós, ao interagirmos, não assumimos um único papel social, isto é, um único *status*, mas diversos papéis que, de certa forma, se complementam, são os denominados “múltiplos papéis”. Por exemplo, o professor, pode ser também pai, esposo, líder religioso, etc.

Essa diversidade de papéis pode ser usada na produção de humor. Afinal, em um ambiente institucional, os papéis propriamente institucionais não “permitem” a realização de comentários provocativos aos colegas ou a produção de enunciados que não estão relacionados às funções profissionais. Por isso, muitas vezes, o locutor muda de papel para produzir enunciados humorísticos.

No curso da interação, assumimos “múltiplos papéis”, dependendo da situação. De acordo com o papel assumido, há um conjunto de papéis relacionados. Estabelecer que papéis estão em jogo, em um dado contexto e como se dá a transição de um papel para outro, é muito importante para se compreender como se estrutura a interação em contextos específicos.

Nesse contexto, as provocações, muitas vezes, consideradas humorísticas, parecem justificar essa transição de papéis. Afinal, os comentários provocativos e humorísticos só são produzidos quando os apresentadores assumem papéis diferentes do institucional: comentarista esportivo.

Considerando que durante a interação podemos observar os participantes se posicionando e posicionando os colegas, achamos importante abordar, de maneira breve, a teoria do posicionamento, proposta por Harré (1999).

Harré (op. cit) chama a atenção para o fato que até pouco tempo atrás as interações sociais eram explicadas pela teoria do desempenho de papéis. Essa teoria apresentava problemas, principalmente, porque era difícil trabalhar com uma visão de papéis fixos. Por isso, na década de 1980, a noção de papel foi substituída por Harré, dentre outros, pela noção de posição.

Desta forma, Hollway (1984) passa a focalizar a forma como homens e mulheres, adultos e crianças, professores e alunos, bem como outras categorias de

pessoas manifestavam seus direitos e obrigações nas conversas. Por exemplo, quem tinha o direito de criticar quem, de interromper a fala do outro, etc.

Assim, uma vez assumida uma dada posição, a pessoa inevitavelmente passa a ver o mundo com base no ponto vantajoso dessa posição e das imagens particulares, metáforas, storylines³ e conceitos que se tornam relevantes dentro dessa prática discursiva específica em que os participantes estão posicionados.

Harré (1999) opta por um modelo em que papéis são concebidos como mais fluidos, podendo ser aceitos, recusados ou negociados no curso da conversa. Com isso, o conteúdo de um enunciado passa a ser avaliado conforme a “localização” do falante em dois aspectos: (i) o conteúdo empírico, isto é, avalia-se a condição de coerência de uma asserção com base em sua veracidade; (ii) o valor moral- o sentido atribuído à elocução depende também da credibilidade de quem fala, isto é, da posição que o falante ocupa em uma dada ordem moral local.

O posicionamento é definido por Harré (op. cit) como “a construção discursiva de narrativas pessoais que tornam as ações de uma pessoa inteligíveis e relativamente determinadas e dentro das quais os membros da conversa têm localizações específicas” (p. 395). Desta forma, os participantes são situados, nas conversas, de forma específica, através de posições.

Assim, uma pessoa pode se posicionar ou ser posicionado como: poderoso/sem poder; confiante/inseguro; dominante/submisso, etc. Outras vezes, os participantes assumem posições ou são posicionados em termos de papéis sociais (ex.: mãe, professora, etc).

Harré (op. cit) sugere então que para entendermos um episódio, devemos considerar três características básicas das interações: (i) as posições morais dos participantes e os direitos e obrigações que eles têm de dizer certas coisas; (ii) a história conversacional e a sequência de coisas que já estão sendo ditas; (iii) o que realmente é dito e seu poder de formatar certos aspectos do mundo social.

Além das noções de posicionamento e papéis sociais, os participantes de qualquer atividade assumem também papéis discursivos e papéis próprios à atividade em curso, conforme veremos a seguir.

³“Linhas de história” que são construídas por meio de ações conjuntas na interação. (DIVAN, 2011, p.15)

2.3.1 Papel de atividade *versus* papel discursivo

Thomas (1986) faz a distinção entre papéis de atividade e papéis discursivos. Para a autora, os papéis de atividade são dependentes do tipo de atividade da qual o indivíduo está participando e são normalmente definidos em relação aos demais participantes. Por exemplo: presidente, membro de comitê, entrevistador, apostador, etc. Já os papéis discursivos referem-se à relação entre os participantes e a mensagem (se ela/ele está produzindo a mensagem, recebendo-a, transmitindo-a em nome de outro, etc). Por exemplo: perguntador, respondente, etc.

Em um encontro, os membros podem responder a evocações específicas ou informações voluntárias que reportam as visões de pessoas presentes ou não, então ocupam diferentes papéis discursivos. Para Goffman (1981, p. 145), a mudança de papel social é obtida por um conjunto de papéis discursivos, isto é, através da relação entre os participantes e as mensagens que estão sendo produzidas. Assim, buscaremos verificar quais papéis de atividade emergem nos dados além daqueles previstos na estrutura do programa.

Além dos papéis de atividade, podemos observar ainda que os participantes do programa, como em qualquer interação, acabam negociando papéis discursivos, pois ora atuam como autores, expondo suas opiniões; ora reportam algo, como, por exemplo, a fala de algum técnico ou jogador; ora reportam acontecimentos, etc.

Goffman (1981) contribui fortemente para a desconstrução do uso dos termos falante e ouvinte em AD, já que seu uso implica em considerar a conversa como estritamente composta por som, ignorando o fato de a conversa ser multimodal, isto é, envolve outros órgãos do sentido (visão, tato). Por isso, o autor propõe que os paradigmas clássicos devem ser revistos.

Primeiramente, devemos considerar que a conversa pode ocorrer entre mais de dois indivíduos e que “um encontro social” se inicia no momento em que ocorre a aproximação física entre os indivíduos, geralmente, ritualizado por saudações, e finaliza quando os indivíduos se afastam, ritualizado por despedidas. E são esses rituais de saudações e despedidas que estabelecem o envolvimento oficial, ratificado.

Embora durante uma conversa tenhamos *a priori* os papéis oficiais, ratificados, de falante e ouvinte, pode haver também ouvintes que ouvem por intromissão (ouvir às escondidas, atrás da porta) ou que ouvem por acaso (de forma inadvertida e não intencional). Em suma, um participante ratificado pode não estar ouvindo e alguém que esteja escutando pode não ser um participante ratificado.

Além disso, durante a conversa, o falante pode endereçar a sua fala a um interlocutor específico, esse é, portanto, o endereçado, os demais participantes da conversa são considerados ouvintes não-endereçados, sendo porém ratificados quando são participantes oficiais de um encontro.

Dynel (2012) argumenta ainda, com base em Goffman (1981), que as pessoas assumem alguns papéis de participação durante a interação. Desta forma, os participantes podem assumir os papéis ratificados, isto é, falantes oficiais e interactantes (ouvinte ou terceira parte) ou papéis não-ratificados, como ouvinte por acaso, espectador, observador.

Dynel (op.cit) inova ao introduzir o papel de “terceira parte”. A “terceira parte” ocorre quando um participante assume o papel de ouvinte, mas os enunciados produzidos pelo falante não são diretamente endereçados a ele. Assim, os ouvintes por acaso, passam a ser considerados também ouvintes ratificados, pois, muitas vezes, embora o falante não os selecione como o endereçado de suas mensagens, o falante quer que eles ouçam a mensagem. Para exemplificar, a autora cita o caso de um gerente de restaurante que chama a atenção dos seus dois chefs na cozinha, rodeado pelos demais funcionários. Parece que, embora a mensagem seja direcionada aos chefs, ele quer que os demais também ouçam, isto é, ele quer também reprimir/alertar os demais.

Outro ponto importante apresentado por Dynel (op. cit) é a forma que ela sugere que devemos analisar a platéia ou telespectadores. Ainda que, segundo ela, muitos autores (Clark e Carlson, 1982; Heritage, 1985; Levinson, 1988; Heritage e Greatbatch, 1991; Scannell e Cardiff, 1991; Heritage e Roth, 1995; Illie 1999; Fetzer, 2000; Tolson, 2001, 2006; Clayman e Heritage, 2002; Hutchby, 2005, 2006; Matheson, 2005; Weizman, 2008) considerem a platéia e os telespectadores como ouvintes por acaso ou audiências por acaso, ela argumenta que eles de fato devem ser reconhecidos como recipientes ratificados dos programas que participam.

Os telespectadores e a platéia são, para Dynel (op.cit), um tipo de meta-recipiente, isto é, um recipiente informado que assiste ao programa de uma posição privilegiada, analisando conscientemente o discurso e fazendo observações sobre o sentido veiculado e os métodos empregados. Ele não assiste ao programa/filme primariamente por prazer e entretenimento, ele analisa o filme/programa de modo a compreender como ele funciona.

Cabe destacar que, atualmente, conforme aponta Goffman (1981), tornou-se ainda mais comum a fala em tribuna para uma platéia. Assim, temos uma nova configuração de ouvinte. O papel fundamental da platéia é o de apreciar as observações e não o de responder. Deste modo, o máximo que podemos observar nesse contexto são as respostas via “sinais de ouvinte”.

Assim, na análise dos dados, buscaremos mostrar como ocorre a negociação entre esses papéis da atividade e os papéis discursivos. Sobretudo, analisaremos como os papéis, sejam eles de atividade ou discursivos, são negociados durante/ para a produção de enunciados humorísticos. Além disso, verificaremos o tipo de audiência encontrada no programa “Quatro em Campo”.

A seguir, discutiremos as noções de Trabalho de Face e Im/polidez, pois um dos objetivos do presente trabalho é investigar as funções da provocação, dentre elas, a de minimizar o ataque à face. Acreditamos, portanto, que seja importante analisarmos como lidamos com os nossos desejos de face (positiva/negativa) nos encontros conversacionais do dia-a-dia. Além disso, partimos da suposição de que o humor ofensivo está diretamente relacionado à Im/polidez. Assim, na próxima seção, serão abordadas, de forma sucinta, algumas das contribuições teóricas/empíricas em relação ao papel da provocação como estratégia de Trabalho de Face.

2.4 Funções do humor e trabalho de face no contexto institucional

Para iniciarmos esta seção, devemos, primeiramente, lembrar que, para Goffman (1967), face é uma propriedade emergente das ações de ambos interlocutores. Assim, em qualquer cena social, a avaliação de face também envolve julgamento por parte dos

observadores, sendo, conforme Culpeper (2010, p.3233), dependente das expectativas, desejos e/ou crenças sobre a organização social que são mediados durante a interação.

Partindo do conceito de face de Goffman (1967), Brown & Levinson (1987) observaram que, na maior parte dos eventos interacionais, os participantes realizam estratégias para defender/ proteger a sua própria face e/ou a face do outro, isto é, as pessoas utilizam estratégias de polidez que visam atenuar as potenciais ameaças aos desejos de face (positiva/negativa) que os atos de fala realizam.

Haugh (2010) defende que analisar face e a sua inter-relação com os vários atos pragmáticos demanda atenção não apenas aos detalhes interacionais, conforme faz a Análise da Conversa, mas também fazer uso do recurso mais amplo da historicidade da face, na qual face não emerge simplesmente de interações em isolado, mas decorre do curso da relação no sentido mais amplo de contexto social.

Haugh (2010) propõe uma revisão do conceito de face e facework. Assim, adotando a Teoria de Constituição de Face (Arundale, 2006), ele defende que as provocações englobam diferentes grupos de ações na interação, entretanto, o autor teve como foco um grupo específico de provocações denominado "jocular mockery" ou "zombarias jocosas", em que os participantes se orientam para produzir solidariedade, *rapport* e afiliação. Observando como os atos de zombarias jocosas surgem na interação, concluiu que a zombaria pode ser interacionalmente percebida como jocosa ao invés de agressiva.

A zombaria é esquematizada ou projetada como jocosa, por meio das formas de expressar adotadas pelos falantes, tais como: exagero lexical, marcadores de mudança de tópico, pistas prosódicas, pistas gestuais e faciais, riso, etc.

As pessoas podem reagir de três formas às zombarias jocosas: 1) rejeitá-la, considerando-a falsa ou exagerada; 2- seguir em frente ou fingir a aceitação da zombaria; 3- ignorar a zombaria (Haugh, 2010). Assim, a zombaria pode ser recebida como jocosa por meio das risadas dos recipientes, embora o riso também possa sinalizar rejeição ou resistência à zombaria.

Assim, Haugh (2010) afirma que para se construir uma teoria compreensiva de face e facework, deve-se ter por base as propostas da Teoria de Constituição de Face (Arundale, 2006) e os aspectos pragmáticos obtidos pela análise da conversação.

Entretanto, analisar a historicidade da face é complexo, principalmente, porque pode ocorrer a imposição dos entendimentos do analista.

Outra proposta de relacionar trabalho de face e humor nos é apresentada por Brown & Levinson (1987, p.124) que, apoiando-se no trabalho de Goffman, afirmaram que contar piadas provoca ações que podem atender (1) aos desejos de face positiva do ouvinte, ou seja, o desejo que a pessoa tem de ser desejável por outros, e estabelecer camaradagem, especificamente, o desejo de compartilhar conhecimentos prévios e valores (BROWN & LEVINSON, 1987, p.124); como também (2) ameaçar os desejos de face negativa do outro, isto é, o desejo de que ações não lhes sejam impostas por outros (BROWN & LEVINSON, 1987, p.62).

Diferentemente das noções de face positiva e negativa, de Brown e Levinson (op.cit), Arundale (2006) defende que trabalhos de face podem ser vistos como movimentos de conexão e separação, sendo essa uma dialética relacional que engloba uma gama de manifestações culturais específicas.

A separação relacional envolve primariamente um sentido de “espaço próprio”, respeito ao território que não deve ser invadido sem consentimento prévio (tácito) do indivíduo ou do grupo, bem como um sentido de autorrespeito à própria competência (Haugh, 2010).

Contudo, embora separação seja uma preocupação óbvia para os interactantes, segundo Haugh (op. cit), ao analisar a interação entre desconhecidos, a conexão parece ser o foco primário no processo de “tornar-se conhecido”.

Nessa perspectiva, trabalho de face tem como subconjunto im/polidez, a qual é definida como “avaliações que os participantes fazem de projeções e interpretações de face, envolvendo ameaça ou suporte” (cf. HAUGH e HINZE, 2003).

Haugh (op.cit) defende ainda que o humor pode dar origem tanto à polidez como à impolidez e que, em alguns casos, parece ocorrer uma ambivalência. Isto significa que, em algumas culturas, como na australiana, as elocuições (potencialmente) ameaçadoras, tais como: provocações humorísticas ou ironia podem ameaçar a face da conexão, mas, ao mesmo tempo, podem ser interpretadas positivamente, indicando compartilhamento de sentimento. Desse modo, as provocações humorísticas dão suporte à face da conexão.

Por outro lado, Culpeper (1996) afirma que as ações de impolidez são totalmente negativas, provocando desarmonia social. Elas estão orientadas pelo ataque à face e por um conceito sensível emocional do “self”. Assim, Culpeper (2010, p.3233) define impolidez:

“A Impolidez é uma atitude negativa frente a comportamentos específicos que ocorrem em contextos específicos. Ela é sustentada por expectativas, desejos e/ou crenças sobre a organização social, incluindo, como as identidades de uma pessoa ou de um grupo são mediadas pelos outros na interação. Os comportamentos impolidos são vistos negativamente quando eles acionam conflitos com o que era esperado que fossem e/ou como pensavam que deveriam ser. Esses comportamentos sempre têm ou são presumidos para ter consequências emocionais, pelo menos sobre um participante, ou seja, eles causam ou são presumidos para causar ofensa. Vários fatores podem exacerbar como ofensas causadas são tidas como um comportamento impolido, incluindo, por exemplo, se um desentendimento pode ser tido como um comportamento fortemente intencional ou não”.

Observa-se que, para essa definição de impolidez, proposta por Culpeper (2010), torna-se central o conceito de face proposto por Goffman (1967). De acordo com Goffman (1967), as pessoas costumam apoiar a face do outro. No entanto, elas também podem ameaçar a face do outro, com diferentes graus de seriedade. Essas ameaças podem ser menos sérias, por exemplo, gafes verbais, ou mais sérias, por exemplo, quando as ações são julgadas como desagradáveis ou quando as pessoas julgam que o falante teve o propósito de insultar ou desrespeitar o outro.

Com base no modelo de Brown & Levinson (1987), Culpeper (1996) busca mostrar que há estratégias que, ao contrário de fortalecer ou encorajar a face, objetivam atacar à face. Assim, o autor constrói uma teoria sobre impolidez e propõe que há cinco formas de produzir atos de ameaça à face (FTA):

- (1) Impolidez direta: um FTA é produzido de forma direta, clara e de maneira simples em circunstâncias em que a face não é irrelevante.
- (2) Impolidez positiva: usa estratégias que objetivam ameaçar a face positiva que o endereçado deseja.
- (3) Impolidez negativa: usa estratégias que ameaçam a face negativa que o endereçado deseja.

- (4) Sarcasmo ou falsa polidez: produção de um FTA por meio de estratégias de polidez que são obviamente insinceras.
- (5) Polidez cancelada (“withhold politeness”) (a ausência do trabalho de polidez onde ele seria esperado).

Dentre as cinco formas de ameaçar à face do outro, propostas por Culpeper (1996), a que nos interessa é a quarta: Sarcasmo ou falsa polidez. Por nosso *corpus* ser constituído por interações entre colegas de trabalho em um ambiente profissional, logicamente, o ataque à face do colega nunca é direta e se realiza de forma provocativa. Muitas vezes, as provocações são construídas com tom irônico, isto é, fingindo uma falsa polidez, sendo, portanto, sarcasmo.

Culpeper (2008), abordando a “impolidez”, argumenta que a sua definição não deve partir do conceito de “polidez”, mas deve-se tentar aplicar o mesmo aparato conceitual que foi utilizado para descrever a polidez, para descrever a impolidez. No entanto, nem todos os conceitos do modelo de polidez devem ser considerados, pois podem nos levar a crer que a impolidez resulta da “ausência de polidez”.

Além disso, se se aplicam todos os conceitos, alguns problemas do modelo de polidez de Brown & Levinson (1987), conforme Culpeper (2008), podem ser transportados para o modelo de impolidez, tais como: (i) não trabalha com o conceito de polidez dos leigos; (ii) embora tenha como base o “trabalho de face”, utiliza um conceito inadequado de “face”; (iii) tem por base um modelo de comunicação inadequado, centrado na produção da linguagem pelo falante (ignora as contribuições do ouvinte/recipiente); (iv) foca inteiramente na realização lexical e gramatical das estratégias de polidez, não considerando a prosódia ou aspectos não-verbais; (v) trabalha com uma concepção inadequada de contexto e quase não leva em conta os aspectos culturais para a interpretação de um enunciado como impolido ou não; (vi) trabalha com atributos sociais pré-estabelecidos de poder e distância, sem considerar como eles emergem e são negociados durante a interação.

Após observarem que o modelo de impolidez baseado no modelo de polidez de Brown & Levinson (1987) apresentava muitas falhas, tem se defendido que é necessário produzir um modelo voltado para questões específicas da impolidez.

Para se obter a impolidez com fins humorísticos, geralmente, se emprega a superestratégia apontada como Sarcasmo (CULPEPER, 1996). No entanto, pode ocorrer a combinação dessa superestratégia com outras como: Impolidez Positiva ou Bald on Record Impoliteness. Além disso, conforme aponta Culpeper (2005), na impolidez para humor, a criatividade exerce um papel muito importante, pois são utilizadas várias estratégias não citadas por Culpeper (1996) para se obter o humor, como, por exemplo, a imitação.

Pelo o exposto aqui sobre impolidez, podemos considerar que quando utilizamos o humor como estratégia de ofensa, estamos sendo impolidos, visto que objetivamos, intencionalmente ou não, atacar à face de alguém. Entretanto, essa é uma forma mitigada de ofender, pois conforme aponta Haugh (2010), muitas vezes, a ofensa se constrói via provocação/ironia e, com isso, há um movimento ambivalente de conexão e separação.

2.5 Discussões: Humor *versus* Ofensa

Conforme discutimos, dentre as mutli-funções do humor, destacamos o uso do humor para causar ofensa e/ou reprimir. Assim, Norrick (2008) nos apresenta alguns exemplos em que o humor é utilizado para causar ofensa ou então para minimizar a agressão. Por isso, muitas vezes, devido à presença do humor a ofensa sofre mitigação. Observamos que parece existir um *continuum* em que o humor pode causar uma conexão, aproximação, entre os participantes e/ou a sepação entre eles, quando há a imposição de pensamentos contrários. Vejamos alguns exemplos de como o humor é utilizado na interação:

Exemplo (1) (NORRICK, 2008, p.1667)

1	Lea:	I looked in a photo of you oh on Kay`s tape
2		your legs look skinny
3		eh that photo when we were walking along like that
4	Tina:	I know=
5	Lea:	=well we both look skinny
6	Tina:	yeah=
7	Lea:	=you were much skinnier in those days were you
8		do you reckon

9	Tina:	you`re skinny now
10	Lea:	no I was-
11		I don`t think I`m skinnier now than I was then
12	Tina:	oh don`t you
13	Lea:	no
14	Kay:	you were skinny when you were in Auckland
15		weren`t you=
16	Lea:	YEAH
17	Tina:	no I WASN`T
18	Lea:	you had a very skinny patch there
19	Tina:	oh I WAS NEVER skinny
20	Kay:	((laughs)) skinny=
21	Lea:	=((laughs)) SKINNY ((laughs))
22	Tina:	{voc} stupid word=
23	Lea:	=it`s going a bit far isn`t it?
24	Tina:	yeah
25	Kay:	yeah I`m skinny now eh=
26	Lea:	=you`re lean, Ginny said you were lean,kay=
27	Kay:	= oh that`s nice, can`t have been me
28	Tina:	Hey that`s what I was
29		um, we listened to Dale Spender
30		eh talk on the radio as well

(tradução em anexo)

No exemplo (1), as amigas Tina, Kay e Lea reveem algumas fotografias do passado. A discussão gira em torno do físico de Tina. Lea e Kay afirmam que Tina está mais magra agora, entretanto, Tina contesta as opiniões das amigas: “no I WASN`T” (não, EU NÃO ERA), “oh I WAS NEVER skinny” (oh, EU NUNCA FUI magricela). Por fim, Lea concorda que Tina não está “skinny” (magricela) e sim “lean” (magra), ou seja, ela escolhe outra palavra com praticamente o mesmo significado. Daí decorre, portanto, o humor. Neste exemplo, há o uso do humor para impor uma opinião contrária sem parecer impositivo ou arrogante. Parece que a posição de que Tina está mais magra agora seria, de fato, uma “ofensa” minimizada por meio do humor. Ao optar por “lean” (magra), Lea consegue de uma forma humorística expor seu ponto de vista “Tina está mais magra agora”, mas sem parecer uma crítica.

Holmes (2000) também nos apresenta alguns exemplos em que por meio do uso do humor minimiza-se a ofensa ao interlocutor. Vejamos:

Vejamos outro exemplo:

Exemplo (2) (HOLMES, 2000, p.176)

1	Neil:	hate to drag you away when you`re obviously having so much fun
2		but it IS after ten
3	Ken:	[laughs] some fun

(tradução em anexo)

No exemplo (2), Neil é o chefe de Ken. Assim, Neil, por meio do humor repreende Ken por estar atrasado para a reunião das 10 horas: “hate to drag you away when you`re obviously having so much fun but it IS after ten”. (odeio interromper você quando você está obviamente se divertindo mas é MAIS de dez). Ken nota o tom repreensivo e humorístico de Neil e produz sua resposta: “[laughs] some fun” ([gargalhadas] um pouco de divertimento). Nesse contexto, o humor é claramente usado como um mecanismo discursivo para repreensão, que funciona para mitigar o ataque ao outro (Ken).

Holmes (2000) mostra ainda que o humor pode ser utilizado estrategicamente para contestar opiniões, principalmente, as opiniões dos superiores.

Exemplo (3) (HOLMES, 2000, p.177)

1	Hen:	they`re bound to fall over as soon as you present this stuff
2		it can`t be refuted
3	Bob:	let`s just hope they`ve been reading the same textbooks as you
4		[Both laugh]

(tradução em anexo)

No exemplo (3), Bob e Henry, o chefe, planejam as suas ações para uma reunião. Eles objetivam, nesse encontro, acabar com a oposição. Deste modo, Henry apresenta seu ponto de vista sobre a estratégia proposta: “they`re bound to fall over as soon as you present this stuff it can`t be refuted” (eles certamente irão cair assim que você apresentar este material, isso não pode ser recusado).

Entretanto, Bob parece não acreditar que o plano dará certo. Assim, para contestar a opinião do seu chefe, ele utiliza o humor: “let`s just hope they`ve been reading the same textbooks as you”(Vamos apenas acreditar que eles tenham lido os mesmos livros didáticos que você). Desta forma, Bob expõe sua crítica e evita uma contestação de seu superior, já que não a faz de forma explícita.

Vejamos mais um exemplo apresentado por Holmes (2000):

Exemplo (4) (HOLMES, 2000, p.178)

1	May:	I`m sure you would just love to show off your new whizz-bang
2		computer with all its special effects wouldn`t you Jenny
		[General laughter]

No exemplo (4), May utiliza o humor para “pedir” a Jenny, sua superior, que faça a próxima apresentação. Por May ser subordinada de Jenny, não se espera que ela lhe dê ordens. No entanto, o humor é utilizado por May para delegar tarefas a Jenny. Conforme Holmes (2000:178), o uso do humor, neste caso, se explica pelo fato de os subordinados possuírem uma “sutil licença” para desafiar a estrutura de poder. Sendo o humor, portanto, uma forma de tornar a relação de poder menos rígida, isto é, o humor é utilizado para desconstruir a relação de poder.

No próximo capítulo, apresentaremos algumas questões teórico-metodológicas abordadas para guiar o presente estudo.

3 ORIENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Neste capítulo, apresentamos a orientação teórico-metodológica utilizada como alicerce para a análise de nossos dados, pois “além de determinar o objeto de estudo, é preciso também especificar o olhar que será lançado sobre ele” (DIVAN, 2011, p.54).

3.1 Perspectivas Interacionais em Estudos da Linguagem

O presente estudo analisa o uso da linguagem em situações reais de interação. Por isso, para guiar essa análise, foram fundamentais alguns pressupostos teórico-metodológicos oriundos da Sociolinguística Interacional, da Análise da Conversa Etnometodológica e da Pragmática Interpessoal. A seguir, apresentaremos, brevemente, esses três “campos” de estudo e suas contribuições para a análise do uso da linguagem.

De acordo com Silveira (2007), a Linguística Interacional tem como ponto de partida o trabalho de Couper-kuhlen&Selting (2001), intitulado *Studies in Interational Linguistics*. Nesse trabalho, as autoras mostram que as principais perspectivas em estudo do discurso (e.g: Análise da Conversa, Antropologia Linguística e alguns funcionalistas) abordam a interação social como sendo o lugar a partir do qual se deve pensar a constituição e o uso da linguagem.

De acordo com essas autoras, o estudo do uso da linguagem, na perspectiva interacional, teria dois eixos principais: *comparatividade* e *interdisciplinaridade*. O primeiro surge da necessidade de se compreender melhor como as línguas são formatadas pela interação e de como as práticas interacionais são moldadas nas diferentes línguas. O segundo decorre da complexa interface entre linguagem e interação, que, de acordo com Silveira (op. cit), pode encontrar seus fundamentos na sociologia (Goffman, Sacks e Garfinkel), na antropologia (Del Hymes e Gumperz), nos estudos Bakhtiannos e na psicologia social (Vygotsky e Leontiev).

É importante destacar que os estudos linguísticos orientados para a interação buscam revelar padrões linguístico-discursivos recorrentes no aqui e agora da interação. Por isso, os analistas devem observar os recursos e as estruturas que os participantes de

uma interação tornam relevantes. Esses padrões são identificados não pela frequência, mas em termos de expectativas de rotinas interacionais (LEVINSON, 1983). É o uso estratégico de certos recursos que faz com que os participantes construam inferências situadas, co-construam e negociem sentidos no decorrer da interação.

Não podemos nos esquecer que, na perspectiva da Linguística Interacional, a linguagem deixa de ser concebida como uma forma de representação do mundo bio-físico-social, defendendo que o uso de um mesmo código linguístico (qualquer língua natural) não garante o sucesso da comunicação.

Dando ênfase à necessidade de se analisar a fala para além de suas estruturas linguísticas, Hymes (1972) defende que as pesquisas comparativas de então (após Segunda Guerra Mundial) fracassaram justamente pelo fato de as análises terem se concentrado somente na ESTRUTURA. Segundo o autor, além de serem necessárias novas abordagens analíticas para explicar a ESTRUTURA, também era indispensável uma análise da FUNÇÃO. Para isso, a fala deveria ser vista como um evento enquadrado culturalmente e constituído na interação.

Assim, Hymes (op.cit) argumenta que a fala também é responsável pela organização de eventos sociais e, com isso, introduz o conceito de “evento de fala”. Segundo o autor, o “evento de fala” é uma atividade governada por regras que estabelecem o uso da fala em uma dada sociedade. Tais eventos constituem encontros onde o que é dito é moldado por valores culturais, os quais estão associados a valores ideológicos de princípios de conduta e modos de fala.

Para guiar a análise desses “eventos de fala”, Hymes (op. cit) sugere a sigla SPEAKING, em que cada letra representa um elemento relevante para a análise do contexto: o S- *setting*- representa a cena ou cenário; o P- *participants*, os participantes; o E-*end*- as metas da comunicação; a letra A, o ato de fala; o K- *Key*- o tom da fala; a letra I, o registro do evento (oral ou escrito); o N, as normas de interpretação e interação durante o evento, e a letra G, o gênero do discurso.

Nessa perspectiva de análise da fala, a responsabilidade pela comunicação não está mais centrada no falante, visto que o código linguístico sozinho não garante a comunicação. Agora a linguagem é vista como forma de ação social. Todos os

participantes de um encontro social, direta ou indiretamente, são responsáveis pela comunicação.

Deste modo, a linguagem é vista como inter-ação, sendo resultante de atividades conjuntas. Por isso, faz-se necessário estudar a forma como as pessoas coordenam suas ações (vocais e não-vocais) durante suas atividades comunicativas. Segundo Clark (1996, p.49):

“ fazer coisas com a linguagem é diferente da soma de um falante falando e de um ouvinte ouvindo. Trata-se da ação conjunta que emerge quando Falantes e Ouvintes (escritores e leitores) desempenham suas ações individuais em coordenação”

A interação é fruto de uma “co-construção”. O termo “co-construção” torna-se central para a Linguística Interacional e designa diversas ações que são construídas de forma conjunta, tais como: interpretações, atitudes, identidades, dentre outras atividades ou realidades culturalmente relevantes.

Com o objetivo de explicar melhor o aspecto dinâmico da interação, Schiffirin (1994) apresenta-nos o modelo de comunicação “interacional”. Neste modelo, observamos uma descrição do processo comunicativo muito próximo ao que ocorre na interação real e é este o modelo de comunicação que adotamos como ponto de partida para olhar para interação no contexto estudado.

De acordo com esse modelo, qualquer comportamento na situação de interação possui um significado e é por isso que não temos como não comunicar nada. Afinal, não existe algo que não seja comportamento, mesmo comportamentos inativos como o silêncio transmitem um valor de mensagem e fazem com que os outros respondam a essa mensagem. Ou seja, mesmo quando os participantes de um encontro social não tenham a intenção de comunicar algo, eles comunicam.

Pensando que todos os comportamentos durante a interação são comunicativos, é importante destacarmos ainda a distinção proposta por Goffman (1959) entre informação que é dada (*given*) intencionalmente, através da linguagem, e informação que é “*given off*” não-intencional, através da expressão (GOFFMAN, 1959). Segundo o autor, das expressões dos participantes surgem dois tipos diferentes de atividade: as expressões que são dadas (denominadas informações dadas ou comunicadas) e expressões *given off* (coisas que você mostra em suas ações).

Goffman (op. cit) está preocupado com essas expressões *given off*, pois, para ele, são elas que possibilitam checar as verdadeiras ou reais atitudes, crenças e emoções dos indivíduos. Afinal, defende-se que esses atributos só podem ser observados através de comportamentos expressivos involuntários.

Além disso, as pessoas utilizam-se de conhecimentos provenientes de experiências passadas para fazerem inferências sobre os significados social e expressivo das informações a que eles têm acesso. Tal conhecimento é convencional, baseia-se nas convenções que são socialmente e culturalmente criadas. Com isso, a interpretação de uma dada ação depende de como essa ação está situada.

É justamente a noção de informação situada que constitui o ponto central do modelo interacional e o torna diferente dos demais. Assim, embora a análise deva se iniciar pelos sinais emitidos, isto é, pela língua natural particular, outras fontes de informação que são encontradas no contexto e as informações que os próprios recipientes trazem para os encontros sociais também são importantes (seu conhecimento obtido pela experiência, estados físicos, etc).

Com o objetivo de explicar nossa capacidade de interpretar aquilo que os participantes realizam em suas práticas comunicativas diárias e focalizando conhecimentos que afetam o nosso entendimento e que vão além da gramática e do léxico, surge a Sociolinguística Interacional. Assim, essa nova perspectiva da linguística busca mostrar que o que é comunicado é sempre situado e é situado de formas diferentes por diferentes pessoas.

Segundo Gumperz (1999) a Sociolinguística Interacional (SI) tenta construir uma ponte entre as duas tradições em Sociolinguística no que diz respeito à questão da diversidade linguística e cultural:

(1) de um lado, temos aqueles que pensam que as práticas comunicativas são formadas por “habitus”- disposições para agir e perceber o mundo, refletindo diretamente condições macrossociais, forças políticas e econômicas e relações de poder. Assim, defendem que devemos olhar para esses fatores condicionantes na busca por *insights* sobre a natureza da diversidade; e

(2) do outro lado, os que assumem uma abordagem mais construtivista e defendem que, se os nossos mundos são formatados em última instância pela interação, é necessário saber mais sobre a forma como processos interativos situados funcionam, antes que possamos estudar a diversidade.

Assim, a SI busca estabelecer uma conexão entre essas duas vertentes, focalizando as práticas comunicativas como o lócus do mundo real em que as forças sociais e interativas emergem.

Para Gumperz (1999), o núcleo da Sociolinguística Interacional está na concepção de que a linguagem é um sistema simbólico e culturalmente construído, utilizado de tal modo que reflete significados sociais em um nível macro (identidade do grupo, diferenças de *status*) e em um nível micro (o que alguém está dizendo e fazendo em um dado momento no tempo). Ocorrendo, assim, uma interface entre os níveis macro e micro de análise das interações sociais.

Deste modo, observamos uma mudança da questão analítica- em vez de se buscar regras do tipo tradicionalmente concebidas pela gramática para explicar a linguagem em uso, há uma mudança no tipo de questões, por exemplo:

(i) como e por meio de que mecanismos de sinalização se dá a evocação das pressuposições contextuais necessárias ao entendimento das trocas de fala;

(ii) que pressuposições estão em jogo em uma troca particular de fala.

A SI assume que avaliações interpretativas são sempre construídas de forma local ou envolvendo pressuposições que são específicas a um dado contexto e que são dinâmicas uma vez que podem mudar e mudam no curso da interação.

Os interactantes constroem suas interpretações com base em inferências conversacionais, vistas como procedimentos interpretativos através dos quais os participantes acessam as intenções comunicativas e nas quais se baseiam para planejar e produzir suas respostas.

Nesse processo interpretativo, os participantes da interação devem estar atentos à atuação de alguns conceitos propostos por Gumperz (1982), tais como as Pistas de Contextualizações, doravante PCs; Pressuposições Contextuais e Inferências Situadas.

As pistas de contextualização constituem aspectos da linguagem e do comportamento (signos verbal e não-verbal) que associam o que é dito ao conhecimento contextual (incluindo conhecimento de tipos de atividade particular: enquadres (GOFFMAN, 1974), contribuindo para as pressuposições necessárias para o inferenciamento adequado do que é significado (incluindo, mas não limitado, à força ilocucionária). Constituem vários (sub) sistemas de sinais que são estabelecidos culturalmente. Através do uso dessas pistas, comunicamos nossas intenções comunicativas (falantes) e inferimos as intenções de nossos interlocutores.

Essas pistas podem ser linguísticas (alternância de código, de dialeto e de estilo); paralinguísticas (pausas, tempo de fala, hesitações); prosódicas (entoação, acento, tom); não-vocais (direção do olhar, posturas, gestos, etc.)

Deste modo, Gumperz (1982) confere papel central às informações contextuais consideradas até então como marginais pelos lingüistas.

As Pistas de Contextualizações estão relacionadas a dois outros conceitos introduzidos por Gumperz (op. cit): Pressuposição Contextual e Inferência Situada.

As Pressuposições Contextuais são um tipo de conhecimento anterior assumido que permite a inferência (durante o curso de uma interação) de dois níveis de significados associados: (1) um nível é o tipo de atividade comunicativa (“evento de fala”, de Hymes): se estamos brincando, dando uma palestra, batendo papo, etc); e (2) o segundo nível é o ato ilocucionário particular que o falante pretende. Crucialmente, a interpretação do ato ilocucionário (com a ajuda das pistas de contextualização) é dependente do uso do “frame” (enquadre), cuja inferência também depende de pistas de contextualização .

Veja abaixo a reprodução de um excerto apresentado pelo autor (SCHIFFRIN, 1994, p. 100). Nesse excerto, o uso da entonação ascendente serve de pista de contextualização e considerando-se o evento em foco (sala de aula), podemos compreender o uso das perguntas feitas pelo professor e o tom que ele utiliza.

James: Eu não sei.

Professor: já que você não quer tentar, alguém se habilita, Freddy?

Freddy: aquilo é um “p” ou um “b”?

Professor: (encorajando) É um “p”.

*Fredy: Caneta*⁴

Outro conceito importante para dar conta do processo interpretativo realizado pelos participantes durante a interação é o de Inferência Situada. Na comunicação interpessoal, as pessoas têm a capacidade cognitiva de fazer inferências.

Segundo Gumperz (op. cit), as Inferências Situadas requerem envolvimento interpessoal e este depende do partilhamento de determinados conhecimentos linguísticos e socioculturais.

Na fala do dia-a-dia, as inferências situadas se realizam como avaliações sobre o que o falante realmente quer dizer com uma determinada mensagem, sendo que o sentido pretendido pode ser bem diferente do conteúdo proposicional do enunciado, como, por exemplo, no uso da ironia.

Para exemplificar o funcionamento dessas inferências situadas, Gumperz (PREVIGNANO & DI LUZIO, 2003) pede ao leitor que imagine que tenha conversado com Paulo. Em seguida, ele pergunta ao leitor qual seria a sua resposta se ele lhe perguntasse: “O que você acabou de fazer?” Segundo Gumperz, o leitor responderia: “Eu pedi a ele um favor” ou “Eu perguntei para ele se ele estava livre essa tarde”. O autor garante que o leitor jamais diria: “Eu fiz uma sentença” ou “Eu fiz um ato de fala”. No máximo, ele diria: “Eu lhe fiz uma pergunta”. Para Gumperz, isso demonstra que ao construirmos nossa resposta não fazemos referência a categorias gramaticais ou a atos de fala, mas explicitamos o que queremos ao utilizá-los. Assim, fica evidente que não interpretamos a pergunta feita apenas com o seu conteúdo proposicional.

Segundo Gumperz, é útil distinguir entre dois níveis de inferências nas análises dos processos interpretativos: a) inferências globais sobre: o que a troca de fala trata e como os direitos e obrigações mútuas se aplicam; quais tópicos podem ser trazidos à tona; o que se pretende com a forma de resposta escolhida; o que pode ser verbalizado em palavras e o que deve ficar implícito; e b) inferências locais estão relacionadas ao

⁴Original, em inglês (SCHIFFRIN, 1994, p.100):

James : I don't know.

Teacher : Well if you don't want to try, someone else will, Freddy?

Freddy: Is that a “p” or a “b”?

Teacher: (encouragingly) It's a “p”

Freddy: Pen.

que é pretendido com um movimento qualquer e o que é esperado como forma de resposta.

Os dois níveis de interpretação envolvem atividades como constructos cognitivos: o primeiro está relacionado ao que Goffman denomina “framing”, enquanto o segundo lida com algo como a “organização de preferência”, em Análise da Conversa de base Etnometodológica. Enquanto pistas de contextualização ajudam no resgate do conhecimento no qual o constructo da atividade se baseia, elas não trabalham sozinhas, a interpretação sempre apóia-se em signos lexicais e indexicais. Se tomadas como puramente indexicais, as pistas de contextualização são produzidas e interpretadas sem reflexão consciente. Elas são especificamente úteis em revelar aspectos frequentemente não percebidos do processo interpretativo, os quais tendem a ser altamente sensitivos à variabilidade cultural.

Gumperz (1982) argumenta que, muitas vezes, os participantes não interpretam corretamente as pistas de contextualização e, como consequência, surgem problemas na comunicação. O autor apresenta vários exemplos em que esses “erros” de interpretação resultam em má comunicação. Vejamos, abaixo, um exemplo apresentado pelo autor (GUMPERZ, 1982, p 157):

Um homem casado, sentado na sala de estar, se dirige à sua mulher. O homem é um norte-americano de classe média, e a mulher é inglesa. São casados e residem nos Estados Unidos há alguns anos.

Marido: cê sabe onde tá o jornal de hoje?

Mulher: *eu* pego pra você.

Marido: tudo bem. só me diz onde tá. *eu* pego.

Mulher: não, EU pego.⁵

Neste exemplo, segundo o autor, o marido está usando uma pergunta que, interpretada literalmente, indaga sobre a localização do jornal. Entretanto, em vez de responder diretamente, a mulher se oferece para pegar o jornal. Ela pronuncia o “eu” com acento tônico, dando margem a uma interpretação do tipo “eu pego, se você não pega”. Assim, o marido contrapõe que sua intenção tinha sido apenas obter uma

⁵ Exemplo original, em inglês:

Marido: do you know where today's paper is?

Mulher: I'll get it for you.

Marido: it's ok. just tell me where it is. I'll get it.

Mulher: no, I'll get it.

informação e que não estava fazendo um pedido. Ele também pronuncia o “eu” com acento tônico. A mulher ignora a real intenção do marido e, então, reitera sua afirmação, para enfatizar que pretende apanhar o jornal. Nesse ponto, o “EU” é pronunciado com maior intensidade, sugerindo irritação crescente.

Schiffrin (1994) ressalta que embora algumas noções de Gumperz pareçam embasadas no “indivíduo”, elas estão realmente embasadas em uma visão de “self” e no que ele faz (ex.: faz inferências, fica envolvido) como um membro de um grupo social e cultural e como um participante da construção social do significado: *Falantes* são membros de grupos sociais e culturais: “*a forma como usamos a linguagem não só reflete, mas também fornece indícios constantes de quem somos, do que queremos comunicar e de como sabemos como fazê-lo*”(Schiffrin, 1994:102).

Observamos que os conceitos propostos por Gumperz estão intrinsicamente ligados a outros conceitos introduzidos pelo sociólogo Goffman. Embora Goffman não analise a linguagem em si, seu foco na interação social complementa o foco de Gumperz sobre Inferência Situada e Pistas de Contextualizações. Por isso, a seguir, apresentaremos alguns conceitos importantes para a SI abordados por Goffman, tais como: self, face, enquadre, footing.

Segundo Goffman ([1974] 1998), a conversa é socialmente organizada em termos de processos linguísticos e extralinguísticos. Assim, quando a fala ocorre, ela ocorre dentro de encontros sociais, como, por exemplo, a conversa. Esses encontros são organizados e neles há sistemas que governam a troca de turnos e os papéis discursivos dos participantes.

O trabalho de Goffman coloca em relevo as complexidades estruturais da vida social no que tange à interação social face-a-face, domínio este ignorado pela teoria sociológica clássica. Assim, a partir dos trabalhos de Durkheim sobre fatos sociais (1895) e religião primitiva (1893), e do trabalho de Mead sobre a formação do self, Goffman defende que o SELF é uma construção social ou mais especificamente uma construção interativa.

Segundo Goffman (1967), o conceito de “face” possibilita ver o “self” como uma construção pública, visto que “face” constitui o valor social positivo que uma pessoa reivindica para si, com base nos padrões (atos verbais e não-verbais) que os

outros acreditam que ela tenha assumido durante um contato específico. Além disso, *face é algo que está difusamente situado no fluxo dos eventos de um encontro e só se manifesta quando esses eventos são interpretados a partir de avaliações que foram expressas.*

A manutenção de ambos – self e face - é condição da interação, não seu objetivo (GOFFMAN, 1967). Uma contribuição para a manutenção da face é o ritual interpessoal: tanto o de evitação (aquelas formas de deferência que levam o ator a manter distância do recipiente, GOFFMAN, 1967), quanto os rituais de apresentação “atos através dos quais o indivíduo faz atestações específicas aos recipientes acerca de como os considera”.

O que Goffman focaliza é a organização social do envolvimento, ele descreve a forma como diferentes ocasiões sociais (e diferentes fases de uma mesma ocasião) podem criar uma ampla rede de expectativas para a demonstração de envolvimento (e.g. rituais de acesso- como saudações exigem envolvimento aumentado) de sorte que muitos processos- ‘estar’ envolvido ou ‘mostrar’ envolvimento - são eles mesmos socialmente situados. Segundo Goffman, as interações impõem suas próprias regras de envolvimento, assim devemos ver essas inferências baseadas em envolvimento como também sendo governadas por regras mais amplas de engajamento social.

Goffman (1974) propõe os conceitos de “enquadre”⁶ e “footing”. Os enquadres constituem os princípios organizacionais e interacionais através dos quais as situações são definidas e sustentadas como experiências. Já o “footing” refere-se “*aos alinhamentos que escolhemos para nós mesmos e para os outros presentes, expressos na forma como gerenciamos a produção e recepção de uma elocução*”. (GOFFMAN, 1981, p. 128). Goffman (op. cit) também nota que o que indica mudança de footing e alinhamento não é apenas a forma como gerenciamos a produção de um enunciado, mas também o tipo de mecanismos que utilizamos, identificados por Gumperz (1982) como pistas de contextualização. Isto significa que a sociolinguística pode ajudar no estudo do

⁶ Optamos pela tradução de “frame” como “enquadre” para deixar explícito que estamos operando com o conceito de “frame” proposto por Goffman (1974). Há duas acepções de “frame”: 1- esquemas de conhecimento ou padrões prototípicos e estereotípicos (Fillmore, 1982) 2-enquadre, por sua vez, não diz respeito apenas a um conhecimento estruturado em termos linguísticos e conceptuais, e sim ao enquadramento social dos falantes na interação e aos regimes e práticas sociais que a qualificam, de acordo com Goffman (1974) ou Tannen e Wallat (1998). Adotamos aqui essa segunda definição do termo “frame”.

“footing”. Mas a sociolinguística também pode obter ajuda do estudo sociológico do “footing”.

Acrescentamos ainda que o Trabalho de Goffman (1974) sobre a análise de enquadre (os enquadres através dos quais as pessoas estruturam a experiência) mostra como a organização da atividade de enquadre é ela mesma situada socialmente. Então, outra vez, podemos ver o trabalho de Goffman como fornecendo uma elaboração das pressuposições contextuais, que as pessoas tanto usam e constroem durante o processo de inferenciamento, como algo que oferece uma visão dos meios pelos quais essas pressuposições são externamente construídas, impondo restrições externas sobre as formas pelas quais nós entendemos as mensagens.

Estas conexões entre os trabalhos de Gumperze e Goffman apóiam-se nas referências recíprocas que os autores fazem ao trabalho um do outro.

Embora já tenhamos abordado, rapidamente, os conceitos de enquadre, footing e alinhamento propostos por Goffman (1974), devido à sua importância para análise de nossos dados, iremos revê-los na próxima seção.

Gostaríamos de destacar ainda que ao abordarmos os pressupostos teórico-metodológicos propostos pela SI ficou evidente que a fala deve ser vista como um evento socialmente situado e co-construído. Afinal, os participantes co-constroem a interação e dão significados aos enunciados através da articulação dos níveis micro e macro da linguagem.

Além disso, no nível micro, o posicionamento sequencial dos turnos de fala é uma das principais fontes em que se baseiam os interactantes para produzir suas inferências conversacionais. Por isso, devemos adotar uma perspectiva de micro análise que focalize as trocas de fala que ocorrem de forma situada na organização sequencial dos turnos de fala. Desta forma, é importante analisar a organização sequencial dos turnos e considerar os pares adjacentes em que as ações verbais são organizadas no curso da interação, conforme propõe a Análise da Conversa de base Etnometodológica.

Destacamos, portanto, que nas próximas seções também abordaremos como as ferramentas de análise propostas pela “Análise da Conversa Etnometodológica” são importantes para a análise de nossos dados.

3.1.1 *Enquadre, Footing e Alinhamento*

Bateson (1972) foi quem introduziu a noção de “enquadre” que serviu de base para a postulação de *enquadre* proposta por Goffman (1979).

Bateson (1972) realizou seu estudo sobre o uso da linguagem com base nas seguintes hipóteses: primeiro, a comunicação verbal humana pode operar em muitos níveis contrastantes de abstração; segundo, o ser humano parece ter sofrido uma evolução e se tornou capaz de suspeitar dos indícios de humor, assim, passou a interpretar tais indícios como sinais. Deste modo, pode-se confiar, desconfiar, falsear, negar, ampliar e/ou corrigir tais sinais. Com isso, surgiu a distinção entre mensagem e meta-mensagem. Assim, passou-se a verificar que uma mensagem podia ser interpretada tanto como séria quanto como brincadeira, dependendo da sua situação de produção.

Encontramos na brincadeira uma instância de sinais que representam outros eventos e, desse ponto de vista, parece que a evolução do fenômeno brincadeira pode ter sido um importante passo na evolução da comunicação. Para exemplificar uma situação em que os sinais representam coisas diferentes do que se esperaria, Bateson (1972) cita o caso de dois macacos se mordendo. A cena nos leva à primeira interpretação de que eles estão em uma situação de combate. Entretanto, como as mordidas parecem não ser “verdadeiras”, não ferem, somos levados a enquadrar a cena como brincadeira.

Em 1974, Goffman desenvolve o conceito de enquadre introduzido por Bateson (1972). Goffman (1974) afirma que em qualquer encontro face a face, os participantes estão permanentemente propondo ou mantendo enquadres, os quais organizam o discurso e orientam os participantes em relação à situação. Para Goffman (op. cit), “O enquadre situa a meta-mensagem contida em todo enunciado, indicando como sinalizamos o que dizemos ou fazemos ou sobre como interpretamos o que é dito e feito”.

Então, a partir da noção de enquadre, Goffman (1974) introduz o conceito de “footing” como um desdobramento desse conceito. “Footing”, segundo este autor “representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção” (RIBEIRO & GARCEZ, 2002, p. 107). Deste modo, o “footing” consegue captar o

aspecto dinâmico dos enquadres e a sua natureza discursiva, podendo sinalizar aspectos pessoais (fala afável, sedutora), papéis sociais (professor/aluno, médico/paciente), papéis discursivos (entrevistador/entrevistado, porta-voz).

O “footing” é definido, primeiramente, como alinhamento, ou porte, ou posicionamento, ou postura, ou projeção pessoal do participante que está de alguma forma em questão; essa projeção pode ser mantida por trechos curtos ou longos de comportamento; há um *continuum* que parte de alterações de tom mais sutis e chega a mudanças evidentes de posicionamento; mesmo quando sinalizadas de forma sutil.

De acordo com o que foi visto até aqui, podemos notar que o *footing* enfatiza a natureza dinâmica do conceito “enquadre”, visto que no curso da interação são realizados constantes reenquadres e realinhamentos entre falantes e ouvintes, sendo, portanto, a mudança de *footing* uma característica inerente à fala natural. Essas mudanças de enquadres e alinhamento se expressam na forma como conduzimos a produção/ recepção de uma elocução. Desta forma, quando há uma mudança de footing, há, conseqüentemente, uma mudança no nosso enquadre de eventos.

Devemos lembrar que, neste momento, na literatura, enquadre é um termo associado a constructos/modelos estáticos, tais como: “scripts”, “protótipos”, “cenários”, etc.

Podemos observar que com a introdução da noção de *footing*, a situação social em que falante e ouvinte estão envolvidos passa a ser vista como dinâmica. Assim, Goffman (op. cit) acredita que para dar conta dessa dinamicidade, os conceitos de falante e ouvinte também precisam ser revistos.

A primeira crítica do estudioso é em relação à concepção tradicional de que a interação ocorre apenas com dois indivíduos envolvidos na comunicação; depois ele critica a forma como falante e ouvinte são concebidos: o primeiro como estando envolvido totalmente com a transmissão de seus pensamentos e o segundo estando apenas atento ao que está sendo dito; critica também o fato de não haver possibilidade de outros “não-participantes” na interação, apenas ouvinte e falante têm conhecimento e controle sobre o que está acontecendo; por fim, critica o modelo de comunicação vigente por ele considerar apenas o som na organização da fala, sendo que aspectos

como a visão e gestos possuem um papel organizacional importante, uma vez que podem ser utilizados, por exemplo, para monitorar a tomada de turnos.

Assim, Goffman (op.cit) denomina a interação verbal como um “encontro social”, marcado por certos rituais como: saudações/despedidas, no qual os participantes, ratificados ou não, precisam estar em um “estado de conversa” para que a fala ocorra, isto é, requer que os participantes tenham um mesmo foco de atenção visual e/ou cognitiva para que a conversa ocorra.

O autor reformula a estrutura de participação e divide os participantes desse encontro social em dois grupos: ratificados e não-ratificados. Os participantes ratificados constituem os participantes oficiais do evento, enquanto que os não-ratificados são aqueles que mesmo não estando envolvidos na ação, acabam participando dela (ex.: circunstante- ouvinte não-oficial, mas que tem acesso ao que está acontecendo).

Goffman (op.cit) argumenta ainda que a conversação não é o único contexto de fala, uma vez que ela pode ser monológica expositiva (discursos políticos, palestras, recitais). Com isso, surge outro participante do encontro de fala: a platéia, a qual pode estar ao vivo ou não, pode participar ou não.

Tannen (1993, p. 21) busca discutir a proposta inicial de enquadres (GOFFMAN, 1974) como “estruturas de expectativas”, isto é, argumenta que nossas ações são baseadas na nossa experiência anterior e no nosso conhecimento sobre o sistema do mundo. Assim, trazemos conosco “esquemas de conhecimento” (TANNEN & WALLEY, 1987) que evitam que estejamos descobrindo coisas novas o tempo todo. São esses esquemas que nos permitem perceber e interpretar objetos, eventos no mundo, elas formatam nossa percepção com base no modelo que nos fornecem.

Tannen & Walley (1987) argumentam que esse conhecimento que trazemos por experiência é armazenado em “esquemas” para serem recuperados posteriormente. Os esquemas:

“são, portanto, estruturas de conhecimento de natureza não-interacional, são expectativas a partir de experiências acumuladas que direcionam nossas interpretações sobre objetos, pessoas, eventos, lugares, maneiras de interagir e tudo o que nos é familiar a nossa volta e em nossos relacionamentos” (TANNEN & WALLEY, 1987, p. 207).

Para Tannen & Wallerstein (op. cit), a noção interativa de enquadre possibilita a definição do que está acontecendo em uma interação. Assim, um enunciado pode ter significado contrário ao que está explícito no discurso, pois dependendo do enquadro com que o falante opera, pode sinalizar brincadeira, ironia, provocação, etc. A mudança de enquadre e esquema é sinalizada pelo uso de pistas linguísticas, tais como: escolhas lexicais, sintáticas e prosódicas, escolha de registro.

As autoras destacam ainda que há a possibilidade de ocorrer conflito de “esquemas de conhecimento”, visto que as pessoas têm definições diferentes do que está acontecendo em uma interação. Por isso, no exemplo apresentado por Tannen & Wallerstein (1987, p. 136-138), mãe e médica têm opiniões diferentes sobre o que de fato é problemático no quadro clínico da criança.

3.1.2 Estudos contemporâneos que abordam esquema, footing e alinhamento

Na contemporaneidade, Gumperz (2001) define “enquadre” como uma “ponte” que possibilita a ligação entre o verbal e o social. Segundo ele, é através da análise dos “enquadres” que os valores sociais e os princípios de conduta são transformados e refocalizados para a interpretação de uma dada situação. É por meio dos enquadres que os participantes negociam seus entendimentos culturais e demonstram concretamente suas crenças. Afinal, eles demonstram que compartilham os mesmos esquemas de conhecimento, utilizam as mesmas normas estruturais do discurso e lançam mão do mesmo repertório de papéis, etc.

Deste modo, conforme aponta Park & Takanashi (2011), o enquadre possibilitaria o encontro das categorias sociais mais amplas com os modelos do uso da linguagem em seu nível micro, possibilitando o encontro entre linguagem e sociedade. É nessa conceituação de enquadre, baseada em Gumperz (1982, 1996, 2001), que os trabalhos em sociolinguística, análise do discurso e antropologia linguística se apoiam.

Park & Takanashi (2001) ao analisarem seus dados, observaram que quando surgem padrões de construção de alinhamento afetivo através da interação, torna-se possível determinar enquadres comuns para a interpretação das falas que serão produzidas. Assim, embora a negociação do afeto emergja na interação, dependendo do

contexto, a repetição de ocorrências similares, em diversos contextos, possibilita determinar um enquadre mais duradouro para a fala.

Conforme observamos até aqui e de acordo com Park & Takanashi (2011), enquadre deve ser visto como um conceito dinâmico que faz parte do processo de comunicação. De acordo com Cook-Gumperz & Gumperz (2011), o principal desafio dos estudos de linguagem e interação têm sido a necessidade de relacionar a microanálise a aspectos socioculturais mais amplos que envolvem as situações de interação.

Por isso, Cook-Gumperz & Gumperz (op.cit) defendem que noção de enquadre deve ser repensada para ir além da noção de “contexto construído”, proposta por Levinson: “como um conjunto de proposições tidas como corretas para os participantes” (2002, p. 33). O enquadre precisa fornecer uma ligação entre as características culturais mais amplas de uma situação através de especificidades verbais da interação, para assim dar conta da lacuna entre o que é dito e o que realmente aquilo significa em um determinado tempo e em uma determinada situação que envolva fala.

Cook-Gumperz e Gumperz (op.cit) argumentam que Duranti e Goodwin (1992) apresentam uma boa conceptualização de contexto. Na concepção de Duranti e Goodwin (1992), “a noção de contexto envolve uma justaposição fundamental de duas entidades: (1) um evento focal e (2) um campo de ação com o qual esse evento está relacionado” (1992, p. 3). Então o contexto passa a englobar não só o que é saliente e que, portanto, deve ser observado em qualquer interação, mas também o que é fundo, o que está por detrás da situação em foco.

Na próxima seção, veremos a proposta de Johnson (2008) de rever a noção de enquadre, considerando seus múltiplos aspectos.

3.1.3 Enquadre como multi-camadas

Johnson (2008) propõe um modelo multi-camadas para a noção de enquadre, no qual as várias facetas de uma situação podem ser vistas qualitativamente em diferentes noções sobrepostas de enquadres. Desta forma, a autora divide as noções de enquadre na literatura em quatro categorias: situacional, funcional, tonal e personagem.

O ENQUADRESITUACIONAL é o cenário físico. É importante, pois, muitas vezes, os interactantes criam suas expectativas baseadas no cenário (ex.: escola ou um lugar de trabalho) e acabam relacionando um *footing* ao cenário em questão.

O ENQUADRE FUNCIONAL está relacionado ao evento de fala de Hymes (ex.: uma conversa casual ou uma palestra). Esse enquadre funcional é similar à atividade de fala de Gumperz, a qual ele define como “um conjunto de relações sociais promulgadas sobre um conjunto de esquemas em relação a alguma meta comunicativa” (p. 166). Inclusos no enquadre funcional estão os sub-enquadres baseados nas diversas funções (ex.: contar uma piada, contar uma estória) que são realizadas na função maior. Ambos os enquadres situacional e funcional estão inclusos na discussão de esquema de conhecimento (TANNEN & WALLET, 1993), ou nas expectativas que nós temos sobre as formas como as pessoas falam e agem em situações específicas.

ENQUADRE TONAL é um conjunto enquadres que relaciona o tom que cada participante da conversa escolhe para exibir suas palavras e ações durante a interação (ex.: tom de brincadeira, tom sarcástico, tom sério). Cada interactante pode recorrer a diferentes enquadres tonais. Esses enquadres tonais são similares à noção de enquadres psicológicos de Bateson (1972), o qual descreve os interactantes operando os enquadres de forma global, tais como brincadeira e sério.

ENQUADRE PERSONAGEM inclui as duas formas que cada participante pode utilizar para se mostrar para o outro participante: “enquadre autoimposto” -a forma que cada pessoa se enquadra (inteligente, poderoso, confiável); e “enquadre imposto pelo outro”- a forma que os interactantes estão enquadrando um ao outro durante a interação. Se esses enquadres de personagem estão em acordo, então os participantes estão alinhados uns aos outros e co-constroem um personagem em comum acordo para cada pessoa envolvida; se eles estão em conflito, os interactantes não estão alinhados um com o outro.

Ao analisar seus excertos com base na sua proposta, Johnson (2008) mostra que as pessoas se comunicam de forma complexa e que muitos enquadres conceituais estão em jogo ao mesmo tempo. Afinal, segundo a autora, nossa habilidade para tarefas múltiplas e para atender aos vários enquadres num mesmo tempo é realmente surpreendente.

Wine (2008) apresenta-nos outra tentativa de “reorganizar” esses conceitos e critérios para analisar melhor os alinhamentos.

3.1.4 Alinhamentos na perspectiva de Wine (2008)

Wine (2008) argumenta que, de acordo Simpson (1988), os termos enquadre, footing e alinhamento podem ser muito superficiais: “Eu posso não ser capaz de defini-lo, mas eu sei identificá-lo quando o vejo”. Entretanto, a autora reconhece que a riqueza das noções de Goffman reside precisamente na sua habilidade em fazer com que as metáforas suficientemente imprecisas capturem os caprichos e ambivalências da condição humana. Afinal, a habilidade de expressarem o que é difícil de medir em formas mais reducionistas é o que torna as metáforas brilhantes.

Assim, Wine (op. cit) argumenta que encontrar definições manejáveis para constructos- que, por sua natureza, podem ser equívocos-é uma importante parte do jogo. Entretanto, afirma que não se interessa por esse tipo de desafio e se diz satisfeita com as definições de Goffman (1974). Porém, a autora conta que foi convencida por Dr. Leslie Beebe a tentar definir melhor o que framing, footing e alinhamento poderiam realmente significar.

Assim, Wine (op.cit), basendo-se em Lakoff (2004), mostra que enquadres podem ser pensados minimamente em pelo menos três formas: como metáfora do container; como estruturas de expectativas; e como formadores de opinião ou manipuladores de pensamento.

Wine (op.cit) argumenta que a grande conexão dos objetos num enquadre, os fazem aparecer juntos; eles contam uma estória ou significam coletivamente alguma coisa e cita o exemplo dado por Sacks (1992) que escreveu: o “bebê chorou” e “a mamãe a pegou”. A partir desses dois enunciados formou-se uma estória, porque o nosso senso comum de noções de causa e efeito e relações familiares nos conduz ao enquadre desses dois enunciados como relacionados. Nós fazemos isso, de acordo com Bateson (2000), Goffman (1974, 1981) e Tannen (1993), porque nós temos esquemas ou estruturas de expectativa encaixadas socialmente e culturalmente que evidenciam o que a justaposição de certos elementos em um enquadre significa.

Em outras palavras, enquadres são metaforicamente containers que guardam informação, assim como nos fornecem fontes estruturais e cognitivas para interpretar essa informação.

Já a concepção de frames como formadores de opinião ou manipuladores de pensamento pode ser melhor compreendida através da definição de frames de Lakoff (2004:15):

“Frames são estruturas mentais que moldam a forma como nós vemos o mundo...as metas que buscamos, os planos que fazemos, a forma como agimos, e o que consideramos como bom ou ruim produzem nossas ações...Você não pode ver ou ouvir frames. Eles são parte de nossa inconsciência cognitiva- estruturas em nossos cérebros que nós não acessamos conscientemente, mas sabemos de sua consequências: a forma que nós raciocinamos e o que consideramos como senso comum. Nós também conhecemos os frames através da linguagem. Todas as palavras são definidas em relação a frames conceituais. Quando ouvimos uma palavra, seu frame (ou coleção de frames) é ativado no nosso cérebro”.(Lakoff, 2004, p.15)

Como Goffman (1974) argumenta, algumas vezes, tentamos mudar os enquadres (reenquadrar [re-frame] ou alterar suas relações sociais e cognitivas) numa interação social através da mudança de nosso footing ou alinhando interlocutores uns aos outros e seus enunciados. Essa mudança no footing pode afetar a combinação de status e distância social inicial entre os interlocutores. Algumas mudanças são suspensões momentâneas de relações sociais que são retomadas depois. Goffman, por exemplo, descreve a mudança momentânea de Nixon do seu enquadre presidencial para fazer um comentário pessoal sobre uma roupa que Helen Thomas, uma jornalista, estava usando.

Embora Wine (2008) clarifique os conceitos de frames, dividindo-os nas três formas: metáfora do container; estruturas de expectativas; e formadores de opinião ou manipuladores de pensamento, acreditamos que o seu trabalho se diferencia dos demais apresentados aqui por ser o único que detalha questões relacionadas ao alinhamento. A respeito do alinhamento, a autora destaca três pontos:

- 1- alinhamento sempre é usado simultaneamente com acordo, por isso, compreende qualquer tipo de harmonia entre os participantes, tanto no nível intelectual quanto no emocional. Assim, pode acontecer de os falantes estarem emocionalmente alinhados, mas não intelectualmente, ou vice-versa. Entretanto, devemos realçar que não sabemos até que ponto alinhamento ocorre simultaneamente com acordo, visto que em alguns casos as pessoas se alinham a determinado pensamento, mas o acordo pode não

ser total. Além disso, acreditamos ser difícil avaliar a ocorrência de alinhamento emotivo uma vez que a emoção é um plano muito subjetivo.

- 2- Acordo não significa necessariamente consenso real. “Falsos acordos” podem ocorrer em decorrência das relações de poder dos participantes, quanto menos poder alguém tem, o mais forte deve trabalhar para projetar alinhamento e se consagrar.
- 3- Os alinhamentos podem ser egocêntricos ou falsos - os participantes agem como se estivessem executando uma coreografia, isto é, encenam um par conversacional onde assumem estar dissimulando alguns níveis simplesmente pela virtude do poder de estar controlando seus passos no piso da dança.

Goffman (1959) trata a questão do papel social das mentiras brancas na proteção de face, criamos um “acordo superficial, um aparente consenso” (Goffman, 1959, p. 9) na crença de que para afastar conflitos todo mundo finge que alcançou pelo menos algumas de suas metas. Entretanto, Wine (op.cit) destaca que nem todos os alinhamentos são egocêntricos ou falsos. Algumas projeções são sinceras. A linguagem pode ser utilizada como ferramenta para desconstruir relações de poder escondidas e pode resolver até problemas sociais, envolvendo solidariedade (alinhamento verdadeiro), mudança social maior e mais duradoura.

Deste modo, observamos que durante a interação, os participantes lançam mão de pressuposições contextuais que auxiliam na co-construção de sentido, por isso, nesse processo informações “implícitas” relacionadas ao “enquadre” e ao “footing” são essenciais, além de auxiliarem também nos posicionamentos adotados pelos participantes.

Na próxima seção, abordaremos algumas contribuições que a Análise da Conversa Etnometodológica (ACe) nos oferece. Conforme já foi dito, uma análise micro dos dados é facilitada com a utilização das ferramentas propostas pela ACe.

3.2 Contribuições da Análise da Conversa Etnometodológica

De acordo com Duranti (1997), o estudo da conversa foi negligenciado por muito tempo por linguistas e antropólogos. Os linguistas acreditavam que a conversa era muito desorganizada e que, por isso, não ofereceria um conjunto coerente de dados para analisar a gramática de modo sistemático. Até mesmo sociolinguistas como Labov, que

estavam interessados no uso real da linguagem, preferiam usar entrevistas, que são parecidas com conversas, mas que, apresentam uma melhor organização, visto que o entrevistador controla a direção da fala.

Somente no início dos anos de 1970 que a conversa em si passou a ser objeto de estudo. Isso aconteceu quando um pequeno grupo de sociólogos, dentre eles destacam-se Harvey Sacks e Emanuel Schegloff, passou a analisar as trocas conversacionais como um campo de batalha para assim questionar pressuposições comuns a respeito de ordem social e unidades de análise necessárias para o seu estudo. Tal programa de estudo ficou conhecido como “Análise da Conversa” para enfatizar que a conversa era o tópico de investigação.

A partir desses estudos, a AC passou a oferecer ferramentas de trabalho importantes para os pesquisadores interessados em unidades de análise maiores do que frases isoladas ou atos de fala, como, por exemplo, os conceitos de: *tomada de turno, piso, par adjacente, reparo, preferência*.

De acordo com Gago (2005), a ACe se vincula com a Etnometodologia por compartilhar com ela de algumas posições-chave. A primeira posição é a de que a linguagem é constitutiva da vida social, sendo “linguagem” compreendida aqui como aquela que utilizamos no dia-a-dia, isto é, a linguagem que utilizamos ao participarmos de uma reunião, ao assistirmos a uma aula, ao conversarmos com amigos, etc. Deste modo, Gago (op.cit) aponta que se torna evidente a primazia da conversa na constituição do mundo social, uma vez que “vivemos em um mundo basicamente conversacional, em que a maioria dos negócios em sociedade realiza-se através da conversa.” (p. 62). Por esta razão, a conversa passa a ser considerada o gênero básico de linguagem em uso nas relações humanas.

Outra posição é que realidade e ordem sociais não são preexistentes e que se estabelecem através de um “processo” no qual a aparente estabilidade da organização social é continuamente criada nas interações cotidianas.

Nessa perspectiva, a realidade social é uma realização contínua dos atores sociais, os quais são concebidos como seres que atuam intensamente no mundo, intervindo como agentes na construção do mundo ao seu redor, criando mundos e

aplicando conhecimentos, regras de comportamento, processos para definir as situações sociais em que se encontram.

O objetivo da ACe é, portanto, descrever a organização de padrões de ação nas diversas atividades da vida humana, através da análise da estrutura da fala. Afinal de contas, a estrutura social se efetiva na fala-em-interação.

Para nosso trabalho, a ideia chave de *organização sequencial*, proposta pela ACe, torna-se central. De acordo com essa concepção, a fala dos participantes de interações constituem *ações* em andamento com uma trajetória definida e delimitada. Assim, a organização estrutural da interação deixa de ser fundamentada ao redor de tópicos e passa a se estruturar em função de ações. A delimitação das ações pode ser exemplificada em um pedido de informação, o qual pode ocupar, minimante, o “espaço” de dois turnos de fala- um de pergunta e outro de resposta.

Conforme Gago (op. cit), os jatos de linguagem proferidos pelos participantes de interações são alocados em espaços conceituais denominados “turnos conversacionais” ou “turnos de falas”. As unidades de fala que ocupam esses turnos são denominadas “unidades de construção de turno” e podem ser quatro tipos: **lexical**- extensão de uma só palavra; **sintagmática**- extensão de um sintagma; **clausal**- oração com um único núcleo verbal; **sentenciais**- oração com mais de um núcleo verbal.

Esses turnos de fala se organizam em uma sequência conversacional básica denominada “pares adjacentes”. Os “pares adjacentes” constituem um grupo de ações que ocorrem sempre em pares, tais como: cumprimentos (“oi”/ “oi”); o agradecimento e a resposta (“obrigado”/ “de nada”), o convite e a aceitação (“aceita?”/ “aceito”), etc. Eles apresentam algumas características básicas, em sua forma mínima, não expandida: 1- são compostos de dois turnos; 2-executados por diferentes falantes; 3- posicionados de forma adjacente (um depois do outro); 4- podem ser diferenciados primeira parte do par (PPP) e segunda parte do par (SPP); 5- os pares são de tipos específicos (não é qualquer SPP que pode seguir um PPP). (Gago, 2005, p.64).

Como consequência de os pares serem de tipos específicos, surge a questão da “relevância”. Assim, após uma PPP, espera-se que a fala seguinte seja relevante, isto é, que seja uma resposta possível à PPP proferida. Desta forma, podemos dizer que os

pares adjacentes ativam regras de relevância que permitem que os participantes analisem a fala após uma PPP, suas ações e as ações dos outros participantes.

Cabe ressaltar que as regras de relevância também são responsáveis por localizar as ausências na conversa, isto é, quando após uma PPP há uma lacuna. Essas ausências também são percebidas pelos participantes e podem trazer consequências à interação.

Embora tenhamos abordado até aqui os “pares adjacentes” como uma sequência mínima de dois turnos de fala, devemos destacar que muitas dessas sequências mínimas podem sofrer expansões. Tais expansões constituem participação adicional das partes por meio da produção de turnos de fala adicionais, que, segundo Gago (2005), “gravitam” em torno da ação base em curso.

Essas expansões podem ser de três tipos: pré-expansões, expansões por inserção e pós-expansões.

As pré-expansões são ações que ocorrem antes da PPPb, cujas funções são: tornar relevante uma resposta (uma SPP) e a partir da resposta recebida, avaliar a possibilidade de se avançar com a PPPb, visto que as respostas podem ser *encorajadoras*, sinalizando que o falante pode prosseguir com PPPb, pois provavelmente terá sucesso; ou *bloqueadoras*, criando a expectativa de que, se a PPPb prosseguir, poderá sofrer recusa.

As expansões por inserção também constituem sequências discursivas e ocorrem entre a PPPb e a SPPb, quebrando-lhes a contiguidade. Elas são produzidas por prospectivos falantes de SPP e têm por objetivo retardar a SPPb, inserindo algum tipo de trabalho interacional relevante que precisa ser resolvido para que a SPPb seja executada. Há dois tipos de expansão por inserção: as inserções *pós-primeiras* e as *pré-segundas*. As do primeiro tipo se realizam como inserção de reparo, tendo assim escopo para “atrás”; já as do segundo tipo buscam estabelecer recursos para que a SPPb pendente seja implementada e, por isso, seu escopo está na “frente”.

Por fim, temos as pós-expansões, as quais ocorrem após a produção da SPPb. Geralmente a produção de uma SPPb indica que a sequência base chegou ao fim, principalmente, quando temos uma sequência em que não há a atuação de nenhuma estrutura de preferência, como as sequências de saudações (“tchau”/ “tchau”).

Entretanto, há casos em que as sequências não se encerram após SPPb. Nesses casos, as extensões podem ser *mínima* ou *não-mínima*. Na extensão *mínima*, pode-se notar que não há intenção dos participantes em promover uma extensão da sequência conversacional e ela se realiza pela adição de apenas um turno de fala, o qual serve exclusivamente para promover o fechamento da sequência. Na extensão *não-mínima*, o turno após a SPP base é constituído por uma nova PPP e, por isso, projeta pelo menos um turno a mais em resposta. Daí decorre o nome dado a esse tipo de pós-expansão.

De acordo com Gago (2005), a noção de *turno de fala*, embora abstrata, é capaz de dar conta dos jatos de linguagem proferidos pelos participantes durante as interações. Além disso, o autor ressalta que a análise sequencial da ação verbal permite um entendimento de contexto baseado no “aqui e agora” da interação, pois a ação de um turno corrente é concebida como resposta a um turno anterior, que, por sua vez, também projeta as ações possíveis de serem realizadas pelo próximo falante.

Podemos concluir que a organização sequencial, de fato, possui um papel importante para a compreensão das ações humanas. No entanto, não podemos nos esquecer de que ela constitui um dos vários sistemas de organização das ações e que nem toda interação conversacional pode ser reduzida a pares adjacentes ou expansões, por exemplo. Por isso, utilizaremos as ferramentas de análise da ACe em conjunto com as propostas pela SI.

Ressaltamos que, considerando o nosso objeto de pesquisa – as provocações, acreditamos que o entendimento da interação como uma sequência de turnos poderá nos ajudar a compreender melhor o comportamento dos participantes na interação. Em princípio, acreditamos que nos nossos dados a presença do par adjacente “provocação”/ “reposta à provocação” seja recorrente. Necessitamos, portanto, analisar melhor a realização de tais sequências, à luz das propostas da ACe.

Na próxima seção, abordaremos o surgimento de uma nova abordagem de estudo da linguagem sob a perspectiva interacional que recebe o rótulo de “Pragmática Interpessoal”. Conforme veremos, essa abordagem propõe um novo foco para os estudos em Pragmática.

3.3 Pragmática Interpessoal

Haugh (2012) argumenta que o estudo da interação conversacional tem sido abordado em uma gama de diferentes formas de pragmática, refletindo em parte a diversidade sempre crescente do campo. Para exemplificar essa diversidade na análise de fenômenos pragmáticos, o autor cita que, algumas abordagens analisam uma variedade de fenômenos pragmáticos que ocorrem na interação conversacional, incluindo o uso da linguagem padrão, uso de marcadores discursivo-pragmáticos, a referência e a dêixes, a pressuposição, a implicatura, os atos de fala, o humor, a im/polidez, além das questões de identidade e poder, entre outros, para se estudar a estrutura e a organização da fala como uma forma de ordem social em si.

Tendo em vista a importância dos estudos pragmáticos para a compreensão da interação, Haugh (op.cit) realça a existência de duas tendências em pragmática nos estudos de interações conversacionais:

(i) Uma vertente de cunho filosófico, influenciada fortemente por filósofos da linguagem como Grice, Austin, Wittgenstein, que analisa o significado da linguagem da conversa cotidiana se abstraindo dos detalhes da conversa em si para formalizar regras e princípios que os falantes utilizam para dar significado às coisas no discurso do dia-a-dia. As regras para os atos de fala (SEARLE, 1969) e a lógica conversacional (GRICE, 1989) constituem exemplos de sistemas formais de raciocínio abstrato através dos quais o significado do falante pode ser analisado.

(ii) Uma segunda vertente que sofre influência de sociólogos e antropólogos nos estudos da linguagem, tais como: Sacks, Schegloff, Jefferson e Gumperz. Na Análise da Conversa (AC), o foco principal é entender a estrutura organizacional e social da conversa em si. O analista examina os detalhes da interação conversacional, descobrindo como os participantes se compreendem e experimentam ações, e administram os mecanismos pelos quais a fala se realiza.

Entretanto, com passar do tempo, surge um crescente interesse nas pesquisas sobre a linguagem interpessoal em uso: Spencer-Oatey (2005, 2007) estudam o “rapport management”; Locher & Watts (2005, 2008) propõem a análise do “trabalho relacional”; Arundale (2010) desenvolve uma “Teoria de Constituição de Face”. Esses estudos mostram que fenômenos como a “im/polidez” constituem meios pelos quais as relações podem ser negociadas e contestadas/desordenadas.

Com isso, Locher & Graham (2010) observaram que os *foci* de atenção das pesquisas em Comunicação Interpessoal - privacidade, relação dialética, conflito, cooperação, alienação social, incivilidade, etc- se sobrepujam significativamente àqueles que ocupavam as pesquisas em pragmática - “im/polidez”, “trabalho de face” e coisas do tipo. Assim, as autoras sugerem que esses estudos, interessados no aspecto interpessoal/relacional da linguagem em uso, deveriam ser abordados por uma nova perspectiva, denominada por elas como “pragmática interpessoal”.

Nessa concepção, de acordo com Locher & Graham (op. cit), os participantes da interação são considerados “atores sociais usando a linguagem”. Com isso, o real propósito da pesquisa é estudar como a linguagem é utilizada “para moldar e formar relações”, sendo o contexto em foco as “interações” e não os enunciados ou a linguagem em uso.

Assim, a meta crucial que motivou a pragmática interpessoal foi a mudança de compreensão da natureza da linguagem em direção à compreensão das relações humanas que emergem a partir do uso da linguagem. Deste modo, a Pragmática Interpessoal surge propondo uma mudança do foco de análise dos falantes para os participantes, visto que participantes, diferentes de falantes e ouvintes, não pertencem aos enunciados, mas à interação. (O`DRISCOLL, 2013).

A Pragmática Interpessoal investiga: 1- comunicação entre pessoas identificadas (isto é, aqueles que podem escolher um ao outro, excluindo, portanto, a comunicação em massa) e 2- as situações reais dessa comunicação. A princípio, poderia se pensar que ela investigaria apenas a comunicação entre pessoas em grupos muito pequenos. Entretanto, ela não se restringe ao número de pessoas, mas sim às partes da comunicação que impactam de alguma forma sobre as relações interpessoais.

O contexto relacional prototípico é aquele em que interactantes constroem suas relações como sendo relativamente íntimas (ex.: amigos ou parentes ao invés de colegas de trabalho) e se comportam de acordo com um foco de atenção pessoal (isto é, um ou mais participantes e /ou seu sentimentos ao invés de uma tarefa ou um objeto de transação).

Entretanto, como Haugh et al (2013) mostram que não é de todo difícil encontrar comunicação interpessoal ocorrendo em contextos diferentes desse prototípico. Podemos citar como exemplo os dados que utilizamos para a realização do presente estudo, pois embora a atividade analisada se realize em um contexto

institucional/profissional que, inicialmente não envolveria os sentimentos dos participantes, observamos que as tarefas profissionais se sobrepõem aos sentimentos dos participantes, o que resulta em um contexto relacional em que os interactantes desenvolvem relações relativamente íntimas.

Conforme já foi dito, o objetivo principal dessa iniciativa não é compreender a linguagem, mas as relações sociais humanas que emergem durante a interação. Por isso, deve se focar no contexto inicial e depois partir para um contexto mais amplo, observando o que a presença/ausência de algo que possa ter significado para interação.

Haugh et al (2013) realça a preocupação de Locher e Graham de que a “pragmática interpessoal” fosse tratada como uma sub-disciplina em isolamento dos trabalhos da Comunicação Interpessoal. Elas propunham que “pragmática interpessoal” deveria ser conceituada como uma perspectiva em pragmática dos aspectos interpessoais da comunicação e da interação, sendo interdisciplinar e multidisciplinar por natureza. Assim, seu objetivo é construir interfaces ou pontes entre os campos da Pragmática e da Comunicação Interpessoal com campos relacionados e não criar fronteiras ou disciplinas adicionais.

Segundo Haugh et al (2013) tratar a “pragmática interpessoal” como uma perspectiva, conforme sugeriram Locher & Graham (2010), possui duas vantagens: primeiro, evita um problema crescente nos trabalhos acadêmicos de “colocar vinho velho em garrafas novas”; segundo, permite-nos desenvolver melhor relações observadas na interação por pensadores como Bourdieu, Foucault, Grice, Goffman, Garfinkel, Gumperz e Marleu-Ponty

Por focar as “conversas interacionais” em suas análises, Haugh (2012) destaca a importância de se definir o conceito de “conversa” abordado pela Pragmática Interacional. Embora a AC e a Pragmática tenham focado na conversa no sentido popular da palavra, isto é, o uso da fala no dia-a-dia entre familiares, amigos ou conhecidos, atualmente, a conversa tem ganhado um sentido mais “técnico”, englobando além dos tipos de interação face a face ou por telefone, as que ocorrem em ambientes institucionais como em sala de aula ou no ambiente de trabalho, e as formas de comunicação mediadas pelo computador. Por isso, para distinguir essa noção “mais técnica” do sentido popular da “conversa”, estudiosos da AC têm adotado o termo “fala-em- interação”. Todavia, com o intuito de enfatizar o caráter “mundano” e “institucional” da conversa, no qual se fundamentam os conceitos analíticos da Pragmática, Haugh (2012) opta por utilizar o termo “conversa interacional”.

Haugh et al (2013) reafirmam que a análise da “pragmática interpessoal” não deve se centrar em gêneros e concepções estabelecidos *a priori*, mas sim na forma como os indivíduos esquematizam o que eles acreditam ser comportamento apropriado ou contestável ao gênero ao construírem suas posições sobre eles mesmos- falantes e ouvintes.

Haugh et al (op. cit) destacam que as relações interpessoais devem ser abordadas de forma ampla e que, por isso, não devemos ignorar como os participantes percebem e experenciam por eles mesmos a interação, visto que eles não vão para o evento de fala com uma “tabula rasa”⁷ na mente, eles fazem analogias com interações prévias e estabelecem suas expectativas a partir do conhecimento que trazem de enquadres⁸. (TANNEN, 1993). Assim, além dos elementos relacionais emergentes, elementos sócio-cognitivos também são importantes, pois o trabalho relacional se origina e se fundamenta a partir do individual.

Pelo que foi exposto aqui, observamos que a principal preocupação da “pragmática interpessoal” são as relações interpessoais. Essas relações interpessoais consistem em conexões sociais mútuas entre pessoas através da interação.

Após expormos os conceitos e perspectivas de análise de dados que julgamos importantes para nosso trabalho, gostaríamos de realçar aqui, dentre os muitos conceitos apresentados, aqueles que, de fato, guiarão nossa pesquisa.

Primeiramente, é de fundamental importância ressaltarmos que iremos trabalhar com a concepção de linguagem como ação social, fruto da inter-ação dos participantes que co-constroem e negociam sentidos durante a interação. A linguagem é utilizada nos denominados encontros sociais. Assim, conforme postula o modelo interacional de linguagem, o qual adotaremos, qualquer comportamento transmite alguma mensagem, até mesmo os silêncios. Ao trabalharmos a linguagem como resultado de ações conjuntas em um determinado contexto, devemos considerar tanto os fatores de nível macro (identidade de grupo, status, etc) quanto os de nível micro (por

⁷ John Locke (1632 – 1704), filósofo inglês, negava radicalmente que existissem idéias inatas, tese defendida por Descartes. Quando se nasce, argumentava, a mente é uma página em branco (tabula rasa) que a experiência vai preenchendo.

⁸Haugh et al (op. cit) definem enquadres como o conhecimento de convenções interacionais, papéis e procedimentos e processos de socialização adquiridos, assim como normas de expectativas, lembrando que, conforme abordado aqui, essas expectativas podem se transformar com o tempo, devido ao aspecto histórico.

exemplo, o que se diz em um dado momento) que colaboram para a construção do evento de fala em análise.

Analisaremos a conversa em um ambiente institucional, mais especificamente, um programa de rádio intitulado “Quatro em Campo”. Durante a análise, devemos ficar atentos ao fato de que quando os indivíduos se envolvem na atividade de fala-em-interação eles trazem consigo conhecimentos prévios e organizam suas ações com base em esquemas de conhecimento (TANNEN, 1993) e/ou enquadres (GOFFMAN, 1974). Além disso, a forma como os participantes gerenciam a produção/recepção das elocuições depende dos alinhamentos que eles escolhem para si e para os outros, isto é, da negociação de footings.

Lembramos que os movimentos de footing e a formatação do enquadre em questão são sinalizados através do uso que os participantes fazem de pistas de contextualização e de inferências situadas.

Outro conceito importante é o conceito de face (GOFFMAN, 1967). A face constitui a imagem que reivindicamos para nós ou que nos é atribuída durante um evento social. Como veremos nos dados, o tempo todo construímos ou reivindicamos, mesmo que inconscientemente, imagens para nós mesmos e para os demais participantes da interação. Essas imagens são negociadas durante a interação e podem estar relacionadas aos papéis sociais que assumimos.

Cabe ressaltar que durante um evento de fala, há participantes ratificados e não-ratificados (GOFFMAN, 1974), por isso, devemos considerar a participação de todos eles na construção da mensagem. Afinal, os participantes se posicionam em função das ações ou presença dos demais participantes.

Outra questão importante que será abordada é a organização seqüencial da fala proposta pela ACe. Segundo a ACe, os turnos de fala se organizam na forma de pares adjacentes, podendo os pares base sofrer algumas alterações (pré-expansão, expansão por inserção, pós-expansão). Assim, com base nessa proposta, analisaremos o par PROVOCAÇÃO-RESPOSTA, buscando encontrar o formato recorrente desse par. Daremos atenção especial à resposta, pois um de nossos objetivos é analisar a forma como os alvos reagem localmente, em sua organização seqüencial, à provocação.

Por isso, considerando que nosso objeto de pesquisa - a provocação - constitui um fenômeno pragmático no qual conexões sociais como “intimidade” e “papéis” são

aspectos fundamentais para o estabelecimento das relações durante a interação, julgamos que a adoção da perspectiva da “pragmática interpessoal” pode nos oferecer importantes reflexões para uma análise dos dados em busca de uma melhor compreensão de como a fala-em-interação se constrói e de como as relações sociais são estabelecidas e negociadas durante a interação, no programa “Quatro em Campo”.

Acreditamos ainda que a mudança de foco de análise proposta pela “pragmática interpessoal” das unidades de linguagem em uso para as relações sociais construídas na interação pode nos possibilitar uma descrição melhor não só da interação, mas da vida social de uma maneira mais geral. Além disso, observamos que a sociolinguística interacional e a “pragmática interpessoal” compartilham de noções importantes, tais como: a co-construção de sentido/relações durante a interação, o papel dos enquadres para a construção dos sentidos/relações e a “conversa interacional”, que abrange diversos gêneros discursivos, como o objeto de análise em foco, dentre outros.

A seguir, serão abordadas questões importantes relacionadas à metodologia utilizada em nosso trabalho.

3.4 Natureza da pesquisa

Nesta pesquisa, utilizamos a abordagem qualitativa interpretativa. Segundo Denzin & Lincoln (2000, p. 576), a pesquisa qualitativa é definida da seguinte forma:

“A pesquisa qualitativa é um campo interdisciplinar, transdisciplinar e às vezes contradisciplinar que atravessa o âmbito das ciências humanas, sociais e físicas. A pesquisa qualitativa representa muitas coisas ao mesmo tempo. Ela tem um foco multiparadigmático e um método de abordagem múltiplo, reconhecido por seus seguidores, que adotam uma perspectiva naturalista e um entendimento interpretativo da experiência humana. Ao mesmo tempo, a pesquisa qualitativa é um campo inerentemente político, moldado por múltiplas posições étnicas e políticas.”

Nos estudos em que se utiliza a abordagem qualitativa utiliza-se o ambiente natural como fonte direta de dados; o pesquisador é o instrumento fundamental; realizam-se descrições; há uma preocupação em identificar o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida; utiliza-se o enfoque indutivo e analisa-se um determinado fenômeno por meio do seu corte temporal-espacial.

Becker (2007) argumenta que o ato de pesquisar pode ser correlacionado ao ato de narrar histórias, pois uma teoria científica para ser aceitável, à semelhança das

histórias, “tem de nos levar daqui para ali de tal maneira que ao chegarmos ao fim, possamos dizer: sim, este é o modo como deve terminar” (p. 34). Isto é, ao realizarmos nossas pesquisas, devemos relacionar as coisas, seguindo princípios razoáveis, que as tornem congruentes. Assim, da mesma forma que as coisas acontecem numa série de etapas nas histórias, elas são construídas, nas pesquisas, por um conjunto de “processos” que explicam um evento.

A abordagem qualitativa caracteriza-se, portanto, pela imersão do pesquisador no contexto; assim, a pesquisa se guia pela interpretação e o pesquisador pode ser considerado um intérprete da realidade. Não podemos nos esquecer, entretanto, que, inevitavelmente o conhecimento de mundo do pesquisador interfere em sua interpretação. Afinal, “nossas ideias não são puras, mas moldadas por nossos conceitos, vemos aquilo sobre o que temos ideias e não podemos ver aquilo para o que não temos palavras e ideias” (BECKER, 2007, p.34).

Deste modo, ao empregarmos a abordagem qualitativa interpretativa de pesquisa, analisaremos os dados de interações de fala em situações reais, guiados pela nossa percepção (interpretação) de pesquisador e considerando a possível intenção comunicativa dos falantes na produção de seus enunciados.

3.4.1 Estudo de caso

Uma das técnicas empregadas na abordagem qualitativa é o estudo de caso. Essa técnica foi adotada no presente trabalho. O estudo de caso é, portanto, uma forma de pesquisa qualitativa, em que o pesquisador busca descrever detalhadamente o que ocorre em seus dados, sem a preocupação de adotar metodologias, de obter verdades universais ou encontrar relações de causa e efeito. Este tipo de estudo não precisa conter uma interpretação completa ou acurada; em vez disso, sua proposta é estabelecer uma estrutura de discussão e debate (YIN, 2001).

O estudo de caso é uma investigação que se assume como **particularista**, isto é, que se desbrucha sobre uma situação específica, supostamente única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e

característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenômeno de interesse. (PONTE, 2006, p.2)

No estudo de caso, o pesquisador analisa um grupo de indivíduos ou de eventos semelhantes, com o intuito de conseguir gerar uma discussão interessante a partir desta análise, a qual possibilite uma reflexão crítica ou um entendimento de circunstâncias problemáticas, o que poderá contribuir para a compreensão de outras situações parecidas: “cada local de pesquisa é um caso de uma categoria geral, e, por isso, conhecimento sobre ele fornece conhecimento sobre um fenômeno generalizado” (BECKER, 2007, p. 69).

Assim, em nosso estudo, analisamos um grupo de indivíduos em situações de fala em que negociam seus múltiplos papéis (SARANGI, 2011). Desta forma, os participantes da interação podem ser interrogados, podem perguntar, provocar ou ser provocados, além de serem por vezes convidados a exporem suas opiniões/pensamentos. Nesse contexto, emergem situações que nos possibilitam refletir criticamente sobre os papéis que os participantes desempenham e sobre como o humor é utilizado nesse ambiente “institucional”, que apresenta semelhanças com contextos não-institucionalizados, como conversa entre amigos.

Uma análise interpretativa e detalhada de como os indivíduos se comportam nessas situações, possibilita-nos entender melhor como os indivíduos deverão agir em situações semelhantes, por isso, podemos dizer que realizamos uma análise de caso.

BECKER (2007) propõe que esqueçamos a ideia de ver tipos de pessoas como categorias analíticas e passemos a nos importar com os tipos de atividades em que essas pessoas estão envolvidas. Segundo o autor, “tipificar pessoas é uma maneira de explicar a regularidade nas suas ações; tipificar situações e linhas de atividades é um caminho diferente” (p. 63), que desperta o interesse do pesquisador pela mudança e não pela estabilidade, que mostra um processo, e não uma estrutura.

Nossa pesquisa, portanto, terá como foco a atividade em que as pessoas estão envolvidas. A seguir, apresentaremos detalhadamente nosso contexto de pesquisa.

3.5 Contexto de pesquisa e o tipo de atividade

3.5.1 –Programa “Quatro em Campo”

O nosso *corpus* é constituído pelo programa de rádio “Quatro em Campo”, exibido de segunda a sexta, às 20h, pela rádio CBN. Utilizamos inicialmente dois episódios deste programa, exibidos em 2010. Nesta época, o programa possuía quatro participantes/apresentadores: Éboli, Guiotti, Piotto/Massini e André.

Esse programa tem uma estrutura muito semelhante à de uma mesa redonda, pois o apresentador oficial, Piotto, em São Paulo, convoca os demais participantes, situados em seus estados, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, para o programa e, claro, para as discussões. A agenda dessas discussões inicialmente é constituída por tópicos como: futebol- times, campeonatos, jogadores, torcidas, técnicos, partidas, etc.

O primeiro aspecto que merece destaque é o fato de o programa “Quatro em Campo” poder ser considerado um gênero híbrido, pois é um programa cujo propósito inicial, conforme dito, é debater futebol. Entretanto, a forma como os participantes conduzem as discussões, com muitas brincadeiras, faz com que ele se torne um programa com muito humor e, portanto, também de entretenimento.

3.5.2 Prévia do Programa “Quatro em Campo”

Analizamos também uma prévia do programa que vai ao ar antes do programa principal “Quatro em Campo”, às 18:40h. Este é um programa que tem duração de apenas vinte minutos e adianta aos ouvintes as discussões que serão apresentadas no programa principal.

Este programa também tem a forma de uma mesa redonda, com um mediador/apresentador e trata de tópicos sobre futebol, entretanto, o mediador deste programa é uma mulher, que varia entre Carolina e Tânia.

Destacamos que neste programa também observamos a negociação entre os enquadres comentários esportivos e enquadre brincadeira, por meio do uso de comentários provocativos.

Certamente, o aspecto mais interessante nesta atividade é a forma como os participantes, durante a interação, lidam/negociam os seus papéis sociais (LINTON, 1936). Observamos que, nessa atividade, eles possuem múltiplos papéis (SARANGI, 2011). Afinal, possuem o papel institucional de debatedores e apresentadores, mas também performatizam vários papéis não institucionais como, por exemplo, de amigos íntimos, colegas de trabalho, torcedores, representantes de seus estados de origem e seus hábitos e cultura, etc,

Ao negociar esses papéis, o humor emerge como uma estratégia importante. As brincadeiras entre os participantes, ora beliscam, zombam, ora mordem, e parecem marcar, portanto, o papel social em cada momento da interação.

A seguir, discutiremos a importância da platéia para o programa “Quatro em Campo”. Afinal, é em razão e para essa platéia que o programa é apresentado.

3.6 O Papel da Audiência

Goffman (1981) ressalta que, atualmente, tornou-se ainda mais comum a fala em tribuna para uma platéia. Assim, temos uma nova configuração de ouvinte. O papel fundamental da platéia é o de apreciar as observações e não o de responder. Deste modo, o máximo que podemos observar nesse contexto são as respostas via “sinais de ouvinte”. A platéia/audiência manifesta sua aprovação ou não por meio de movimentos corporais, gestos, expressões faciais, etc.

Goffman (op. cit) ressalta que temos dois tipos de platéia: a platéia ao vivo e a platéia da tv e do rádio. No primeiro caso, o discurso é direcionado a um agrupamento massificado, mas visível. No segundo caso, o discurso é direcionado a interlocutores imaginados. Há ainda programas que têm os dois tipos de platéias.

Goffman (op.cit) destaca que é a platéia quem define o que será exibido. Afinal, o espetáculo é montado de acordo com os interesses do público. Sem platéia, não há espetáculo.

Muitas das atuações ocorrem em cenários domésticos, como, por exemplo, quando alguém dá uma canja numa reunião familiar, quando um parente narra uma

história, quando o pai ou mãe lê uma história para os amigos. Nesses casos, essas atuações são “pessoais”, visto que não há um cenário específico e nenhuma pauta prévia que estabeleça como os “atores” devem atuar.

A platéia também pode ser encontrada nas competições esportivas. Por isso, nesse cenário, os jogadores devem ter uma atuação que vai além da diversão, devem lutar por um título, um prêmio, devem ter garra, para agradar à platéia que paga para vê-los atuar.

Há ainda os funerais, cerimônias pessoais e casamentos. Nesses contextos, os espectadores atuam como testemunhas, convidados e assistem por convite.

É, portanto, a platéia do programa de rádio que iremos observar, visto que esse é o tipo de platéia do nosso *corpus*. Essa platéia embora não esteja ao vivo, considerando-se o tipo de atividade apresentado pelo programa, pode ser considerada uma platéia de palestras e conferências (cf. GOFFMAN, 1981). Visto que essas atividades, da mesma forma que o programa analisado, são bastante mistas, pois misturam instrução e entretenimento.

Considerando-se a função de entreter desse programa, devemos, como sugerido por Goffman (op. cit), questionar se as brincadeiras/ conversas pessoais que são apresentadas, por exemplo, durante a apresentação de um cantor, são mesmo improvisadas. Segundo ele, provavelmente, elas fazem parte de um roteiro, mas são acolhidas como algo não oficial, fora do quadro das canções, pela platéia.

Ao fazermos parte de uma platéia, em muitos casos, fingimos ter um conhecimento parcial dos fatos e de nós mesmos. Por isso, como espectadores, agimos como se ignorássemos o final – o que pode de fato acontecer, e ainda deixamos de lado nosso conhecimento de que as personagens e suas ações são irreais.

Goffman (op. cit) afirma que no drama radiofônico a informação espacial precisa ser introduzida no começo da cena e, por isso, os sons característicos do espaço são introduzidos no início da cena e depois são silenciados. Assim, durante as transmissões, os comentários escolhidos para associar um som a um contexto são disfarçados como “mera” conversação.

No rádio, como não há como abrir as cortinas ou cair o pano para marcar o início e o final da encenação, respectivamente, por isso, lança-se mão da diminuição do volume do som.

Outro aspecto realçado por Goffman como positivo para os autores ficcionais é o fato de eles poderem escolher por qual ponto de vista irão relatar a história. Os leitores mesmo tendo conhecimento dessa “artimanha”, muitas vezes, a ignoram durante a leitura.

No próximo capítulo, nos dedicaremos à análise dos dados.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, analisaremos, portanto, alguns excertos do programa “Quatro em Campo”, buscando observar: quais as estratégias utilizadas para mitigar/atenuar possíveis ofensas; como e quando o humor emerge nessa atividade; quais as principais funções que o humor exerce nesse tipo de atividade; como os participantes constroem/negociam os seus múltiplos no curso da interação; como se realiza a resposta do alvo à provocação; e se há relação entre os papéis exercidos pelos participantes e a utilização/recepção de provocações, nesse tipo de atividade.

Para iniciarmos nossa análise, nos excertos a seguir, faremos um levantamento dos papéis assumidos pelos participantes no programa “Quatro em Campo”. Deste modo, analisaremos como os participantes usam o humor e negociam seus “múltiplos papéis” nesse tipo de atividade especificamente.

4.1 Tipo de atividade e papéis

O programa “Quatro em Campo” tem por foco a construção de comentários esportivos, mais especificamente, comentários sobre futebol. Conforme o nome do programa sugere, são quatro apresentadores/comentaristas. O programa se estrutura como se fosse uma mesa redonda, em que Éboli assume o papel de apresentador/mediador e os demais participantes assumem, a princípio, o papel de comentarista.

Durante as interações, observamos que os participantes assumem papéis múltiplos e, muitas vezes, a mudança ou o hibridismo de papéis decorre do uso do humor *via* provocações e ironia. Assim, observamos que emergem papéis sociais como, por exemplo, de pertencimento a um dado grupo, decorrentes da naturalidade e papéis relacionados à expertise e ao *status* social, por exemplo.

Além desses papéis sociais, os participantes assumem também papéis discursivos variados, sendo ora comentaristas, ora avaliadores, ora respondentes, ora perguntadores.

Vejamos, no excerto a seguir, como os papéis emergem durante o curso da interação:

Excerto (1):

TEMA DISCUTIDO: A atuação das equipes mineiras

PARTICIPANTES: Guiotti (Minas Gerais); Piotto e André (São Paulo); Éboli (Rio de Janeiro)

ALVO DA PROVOCACÃO: Guiotti

34	Guiotti:	agora, o: o: o ano já começa quente aqui em Minas, viu, ô
35		Adalberto
36	Piotto:	por quê?
→37	Guiotti:	porque nós já estamos na hora do clássico mineiro né? Cruzeiro e
→38		Atlético, só que esse clássico é <u>tão</u> pujante, <u>tão</u> gran:dioso, que
→39		extrapolou as fronteiras de Minas e do Brasil
→40	Éboli:	opa↓
→41	Guiotti:	[opa↓
→42	Piotto:	[puxa [vida
→43	André:	[caram:ba
→44	Piotto:	[tão pujante↓
→45	Éboli:	[ah::, é::, tá certo, vocês vão fazer a preliminar do clássico:
→46		uruguaio, né?
→47	Guiotti:	não, Cruzeiro e Atlético vão jogar [no Uruguai no próximo sábado-
→48	Piotto:	[[h] na canela, canelada
49	Guiotti:	é, é bobo demais, né?
50	Éboli:	[hhh

No excerto 1, podemos observar como o humor é utilizado para negociar os múltiplos papéis dos participantes. Assim, Guiotti reivindica o seu papel de comentarista esportivo e começa a avaliar o futebol em Minas (linhas 34-35). Guiotti continua sua fala (linhas 37-39), como comentarista esportivo. Entretanto, ao continuar sua avaliação, devido às suas escolhas lexicais (tão pujante, tão gran:dioso), notamos que ele parece reivindicar também um papel híbrido de pertencimento ao grupo e de naturalidade, isto é, torcedor mineiro. Esse posicionamento está mais próximo, portanto, ao posicionamento de um torcedor do que ao de um profissional. Guiotti parece, nesse momento, assumir o papel de torcedor mineiro.

É justamente a escolhadesses adjetivos, que o posiciona como torcedor e sinaliza alto envolvimento com os times, que permite enquadrá-lo no papel de torcedor. Devido ao alto envolvimento, isto é, por Guiotti reivindicar o papel de torcedor, os colegas reagem aos seus comentários com provocações.

Primeiramente, os colegas repetem os adjetivos usados pelo colega em tom irônico. Em seguida, Éboli critica seu posicionamento, filiando-se ao papel de torcedor e abandonando, aparentemente, uma visão mais comprometida, necessária ao desempenho do papel de comentarista. Assim, Éboli critica o fato de os times mineiros

disputarem uma “preliminar”, avaliando “preliminar” como algo inferior, indigno, portanto, de comemoração (linhas 45-46).

Guiotti refuta a provocação de Guiotti (linha 47). Piotto, filiando-se ao enquadre de brincadeira colocado em pauta por Éboli, alinha-se a Guiotti, avaliando a resposta de Guiotti ao comentário de Éboli como adequada, isto é, capaz de rebater a crítica feita (linha 43). Após essa brincadeira de Piotto, Guiotti também parece aceitar o enquadre brincadeira (linha 49).

Os comentários esportivos servem para atenuar a ameaça à face do endereçado e para mitigar a estratégia de separação (marcação das diferenças entre eles). Com isso, acabam por criar um sentimento de solidariedade entre os participantes.

Neste excerto, pudemos observar como as provocações emergem dos comentários futebolísticos e como os múltiplos papéis dos participantes são negociados no curso da interação. Os participantes parecem assumir “papéis híbridos”, pois fica difícil estabelecer, por exemplo, se Guiotti assume os papéis de comentarista ou de torcedor ou de mineiro. Parece-nos que esses papéis estão juntos, tornaram-se híbridos. Além disso, pode-se notar que o enquadre comentário esportivo, foco do tipo de atividade em questão, acaba dando lugar ao enquadre brincadeira.

A seguir, veremos como os alvos das provocações reagem à provocação. Eles podem ignorar, aceitar ou refutar/debater os comentários dos colegas. A reação do alvo parece estar relacionada ao papel jogo, ou seja, ao papel que as críticas atingem.

4.2 Recepção das provocações e papéis

Excerto (2):

TEMA DISCUTIDO: Esquema de jogo

PARTICIPANTES: Guiotti (Minas Gerais); Piotto e André (São Paulo); Éboli (Rio de Janeiro)

ALVO DA PROVOCAÇÃO: Guiotti

→08	Guiotti:	ô, André.você sabia que o primeiro jogo:, o jogo assim oficial internacional que aconteceu foi mil c- mil oitocentos e sessenta e sete, (h) e foi entre seleção da Inglaterra e da Escócia, e tinha nove atacantes em cada time, era um goleiro, um zagueiro e nove atacantes, <sabe quanto terminou o jogo>? zero a zero. nem-sempre-muitos atacantes-significam gols.(0.8)
→09		
→10		
→11		
→12		
→13		
14	Éboli:	é::
→15	Piotto:	nossa,momento [histórico

→16	Éboli:	[é, interessante isso-agora, hein
→17	André:	eu não entendi muito a relação, [Guiotti-
→18	Piotto:	[e eu fico imaginando como é que
→19		conseguiríamos viver esse ano sem essa infor[mação
→20	Éboli:	[é::-[é::-
→21	Piotto:	[pó:xa vida=
→22	André:	=é, em dois mil e nove, falando da defesa dos time da copa de São
23		Paulo, as defesa são: muito r- não sei se por conta da formação,
24		se a-as bases jogam demais no-no esquema com três zagueiros (h) e
25		os zagueiros não são formados como- antigamente- enfim, mas as
26		defesas são- estão muito [fracas.
27	Éboli:	[e, olha só, <há uma explicação muito
28		simples pra esse dado-histórico- agora levantando >pelo nosso
29		nobre companheiro Marcos Guiotti (h)-
30	André:	o verdadeiro professor.
31	Éboli:	isso. é::, quanto mais desequilibrado é um time, mais
32		desorganizadoele é taticamente e as chances de dar tudo errado é
33		enorme. né.>não adianta realmente você colocar cinco, seis, sete,
34		atacantes<, (h) porque não va:i haver um equilíbrio-
35	Guiotti:	é::
36	Éboli:	na equipe, entã:o >não adianta nada<, realmente.
37	Guiotti:	não adianta jogar o time [todo pra cima-
38	Éboli:	[não, não adianta. você tem que ter
39		equilíbrio, tem que ter cada um na sua posição, é melhor <cada um
40		no seu quadrado>

Conforme foi dito, o programa “Quatro em Campo” é um gênero híbrido, pois mescla comentários esportivos e brincadeiras (entretenimento). No excerto 2, podemos observar como as provocações são utilizadas para tentar realizar a mudança de enquadre.

Neste excerto, observaremos, em especial, a reação dos alvos das provocações. Eles podem refutá-las, ignorá-las ou aceitá-las. Muitas vezes, a escolha de uma dessas três reações está relacionada ao papel assumido pelo alvo.

No excerto (2), Guiotti reivindica para si o papel de comentarista esportivo e inicia seu comentário esportivo, narrando fatos históricos sobre o futebol, mais especificamente sobre o esquema de jogo adotado no primeiro jogo internacional oficial. Esses comentários embora estejam relacionados ao papel de comentarista, sinalizam expertise em termos de conhecimento sobre o tema, o que em termos de senso comum estaria associado ao papel de professor, visto como alguém que tem conhecimento sobre X.

O interessante é que embora Guiotti selecione André como seu destinatário, Piotto e Éboli se autosselecionam e fazem comentários em tom de zombaria ao que foi

dito por Guiotti (linhas 14-16). André, o ouvinte selecionado, entretanto, parece querer manter o enquadre comentários esportivos e se alinha a Guiotti, buscando esclarecimento sobre o comentário do colega (linha 17).

Piotto e Éboli novamente produzem comentários provocativos ao que Guiotti disse (linhas 18-21), ignorando a tentativa de André em continuar o enquadre comentários esportivos, proposto por Guiotti.

André ignora as provocações de Piotto e Éboli e se alinha a Guiotti, tentando manter o enquadre de comentários esportivos. Assim, traz o tópico abordado por Guiotti sobre esquema de jogo para uma questão mais atual e local (esquema de jogo adotado pelo São Paulo, em 2009) (linhas 22-26).

Observamos que, neste excerto, embora os comentários tenham sido impolidos, o que poderia gerar problemas relacionais entre os participantes, a forma como a provocação é construída por Piotto, com a utilização de exageros extremos (impossibilidade de vida): “eu fico imaginando como conseguiríamos viver este ano”, e exageros na pronúncia: “pó:xa vida=”, faz com que a provocação que inicialmente poderia ser enquadrada como ofensiva, seja recebida como uma brincadeira, o que justifica, portanto, a reação do alvo de ignorá-la.

Neste momento da interação, podemos notar a formação de dois grupos: 1) Guiotti e André que se alinham para falar de esquema de jogo e sustentam o papel reivindicado por Guiotti de comentarista; 2) Piotto e Éboli que se alinham para criticar os comentários de Guiotti, tentando mudar o enquadre para brincadeira e se recusando, portanto, a se alinhar ao papel comentarista.

Éboli (linhas 27-29) mistura os dois enquadres, aceitando falar sobre o tópico colocado por Guiotti, mas o faz associando-o ao enquadre brincadeira e mantendo os termos “exagerados” utilizados na construção da provocação (categoriza o momento como “histórico” e Guiotti como “nobre companheiro”).

Então, André (linha 30) parece se alinhar momentaneamente a Piotto e Éboli e aceitar a mudança de enquadre, categorizando Guiotti como “o verdadeiro professor”, isto é, alguém que detém conhecimento sobre um dado tema histórico, talvez devido à sua forma de agir como alguém que detém o conhecimento, Guiotti possa apresentar atributos associados ao papel de professor.

Éboli (linhas 31-34) se alinha a Guiotti e André, assumindo o enquadre comentários esportivos. Assim, o enquadre comentários esportivos parece ganhar a disputa e permanece até o final da interação.

É interessante destacar ainda que, neste excerto, o alvo das provocações assume o papel de comentarista e parece-nos que quando as provocações atacam o papel de comentarista esportivo (profissional), a sua aceitação é mais difícil do que quando ataca o papel de torcedor, por exemplo. Talvez seja por isso que, durante esta cena, André e Guiotti ignoraram os comentários Piotto e Éboli.

Vejamos no excerto (3), a seguir, mais um exemplo de como os alvos respondem às provocações:

Excerto (3):

TEMA DISCUTIDO: A participação de um time mineiro na final

PARTICIPANTES: Guiotti (Minas Gerais); Piotto e André (São Paulo); Éboli (Rio de Janeiro)

ALVO DA PROVOCAÇÃO: Guiotti

→29	Guiotti:	[a certeza que eu tenho eh que- um mineiro >tá na final<
→30	Piotto:	é:-
→31	Guiotti:	do torneio
→32	Piotto:	é-isso é-
→33	Guiotti:	isso eu posso te garantir hh
→34	Piotto:	tá bom.
→35	Eboli:	e que vai pegar um uruguaio, ne.
→36	Guiotti:	e que vai pegar-(h) ou (h) Penharol (h) ou Nacional.hhh
→37	Piotto:	ou-outra cer[teza.
→38	Andre:	[<brilhante> dedução.
→39	Piotto:	[<brilhante>, [e, demais.
→40	Guiotti:	[ah -ah-, me mandou-u- um
41		ouvinte > me mandou um e-mail aqui, até esqueci o nome dele, eu
42		ia trazer aqui pro estúdio, ele dizendo que já<t-<quando> os
43		times de São Paulo e do Rio fizeram um clássico dos
44		internacionais fora do país, o nome dos times que participavam do
45		torneio ninguém conhece, era da terceira divisão - e o Nacional-
46		[é da primeira divisão e de libertadores-
47	Eboli:	[mas olha só, o-os clubes do Rio não precisam jogar fora <pro
48		mundo assistir>, joga aqui dentro que todo mundo vê lá fora, não
49		tem pro[blema
50	Guiotti:	[hum- joga fora, né- se é do Rio joga fora
51	Éboli:	o apelo é grande, fla flu tem que ser no maracanã, não precisa ir
01		lá pra fora, [não-
02	André:	[pronto, virou um confronto, um duelo [Rio Minas

No excerto (3), notamos que os papéis em jogo são os de torcedor e comentarista esportivo, principalmente, o papel de torcedor, se é que podemos separá-los. Assim,

Guiotti, torcedor mineiro, e Éboli, torcedor carioca, provocam um ao outro sobre a atuação das equipes cariocas e mineiras.

Guiotti inicia narrando a “excelente” atuação das equipes mineiras, argumentando que uma delas estará na final e terá como adversária ou a equipe do Nacional ou do Penharol (linhas 29, 31, 33 e 36). Ao fazer tais avaliações por meio do uso de assertivas: “a certeza que eu tenho” e “eu posso garantir”, Guiotti introduz o enquadre brincadeira. Assim, na sequência, André e Piotto se alinham para co-construírem o enquadre brincadeira, fazendo críticas aos comentários de Guiotti e avaliando a sua escolha lexical que marca o uso do exagero para menter o enquadre brincadeira: “brilhante” (linhas 37-39).

Mas mesmo assim Guiotti desconsidera os comentários irônicos dos colegas André e Pioto e, reivindicando o papel de comentarista/torcedor, continua falando do excelente desempenho das equipes mineiras que enfrentarão equipes importantes (linhas 40-46). Nota-se que Guiotti sendo pertencente ao grupo dos mineiros, exalta os times de Minas Geais.

Éboli (linhas 47-49) refuta a estratégia de aumento de face para os times mineiros e reivindica papel de destaque para as equipes cariocas. Continuando sua refutação, Éboli (linhas 51 e 01) aumenta a face do self em relação aos cariocas e ameaça a face dos mineiros, que, segundo ele, só são notícia se jogam fora.

André ao perceber que as provocações estavam sendo refutadas, ou seja, que o enquadre comentário esportivo sinalizava alto envolvimento, categoriza a disputa como bairrista, tentando criar um enquadre de brincadeira (linha 02). De certa forma, ao categorizar a disputa como bairrista, André ameaça a face de ambos, pois não legitima as faces reivindicadas para os grupos e acaba com a disputa inicial.

Neste excerto, os participantes alvos das provocações assumiam o papel de torcedor/comentarista e, conforme pensávamos, as provocações não foram encaradas como simples brincadeiras, sendo refutadas até o final da interação, quando André, que não participava das provocações, resolve intervir e mudar o enquadre para brincadeira.

Excerto (4):**TEMAS DISCUTIDOS:** Ansiedade de Éboli e brilhantismo do Cruzeiro.**PARTICIPANTES:** Guiotti; Carolina; Éboli e Sanches.**ALVO DA PROVOCAÇÃO:** Éboli e Guiotti.

01	Carolina:	Carlos Eduardo Éboli, tudo bem?
02	Éboli:	tudo bem, Carolina, boa tarde!
03	Carolina:	Paulo Massini, boa tarde
04	Massini:	oi, Carol, como vai? boa tarde
05	Carolina:	André Sanches, tudo bom?
06	Sanches:	tudo bem, Carol? boa tarde!
07	Carolina:	Marcos Guiotti (.) tudo bom, Guiotti?
08	Guiotti:	tudo bem, Carolina (.) como vai você?
-09	Carolina:	eu vou muito bem (.) o Éboli tá aqui ansioso pra
-10		falar do- do Flamengo e Atlético Paranaense
-11	Guiotti:	ansioso? ele tá sempre ansioso pra falar
-12	Éboli:	a anSIEdade
-13	Carolina:	ele entrou agGITado aqui -no estúdio
-14	Éboli:	a ansiedade
-15	Guiotti:	eu termino boa tarde, ele já fica ávido para
-16		iniciar a conversa ((risos)) fica à vontade,
-17		Éboli, uma hora é pouco pra você
-18	Éboli:	antes de falar de Flamengo e Atlético Paranaense
-19		também do São Paulo e Ponte Preta, eu tô
-20		impressionado com a empolgação da torcida do
-21		Cruzeiro, Guiotti (.) pra lotar o Mineirão,
22		fazer um jogo de festa, entrega de faixas , ou
23		SEja (.) o Bahia tá fudido
-24	Guiotti:	() hello, que país você tá? hello?
25	Éboli:	o Bahia tá frito
-26	Guiotti:	ué, é jogo da taça, filho (.) volta olímpica (.)
-27		cê conhece volta olímpica?
-28	Éboli:	eu conheço, papai
-29	Guiotti:	pois é, o jogo de levantar a taça, mostrar pra
-30		torcida (.)vão ter cem mil litros de cerveja, cê
-31		que o quê?((começa a tocar o hino do Cruzeiro))
-32	Éboli:	hino de novo?
-33	Carolina:	de novo?
-34	Guiotti:	é só falar de taça
-35	???	cada dia aumenta o volume
-36	Guiotti:	é só colocar
-37	Carolina:	podia mudar a parte do hino pelo menos
-38	Guiotti:	ahn mas sabe o que acontece?
-39	Éboli:	han
-40	Guiotti:	esse hino é automático (.) falou em taça ele já
-41		começa, não precisa apertar nada
-42	Carolina:	entendi, é o dedo nervoso
43	Guiotti:	é:: não precisa ((risos))

44	Éboli:	é claro
→45	Guiotti:	é pra fechar (.) o gran finale
→46	Éboli:	é óbvio (.) é óbvio ((risos))
→47	Massini:	é um poliglota
→48 49 50 51 01 02 03 04 05 06 07	Éboli:	mas é óbvio que o comportamento do Cruzeiro vai ser diferente, é Óbvio que o Cruzeiro vai jogar numa outra rotação, diferente ah do- do- comportamento contra o Vasco da Gama, antes que vem aí os-as teorias de conspiração (.) então veremos um Cruzeiro diferente, uma questão óbvia de motivação, de jogar diante do seu torcedor, de se despedir da sua torcida, entrega de faixas, é um jogo de festa, então o time vai encarar de uma maneira diferente (.) pra mim tá tudo dentro da normalidade

No excerto 4, o programa se inicia com cumprimentos e durante esses cumprimentos instala-se o enquadre brincadeira. Nesse caso, o alvo das provocações é Éboli. Os colegas Carolina e Guiotti se alinham para categorizar Éboli como ansioso e falante (linhas 9-17).

Na linha 18, Éboli introduz um novo tópico com o objetivo de iniciar o enquadre oficial “comentários esportivos” (linha 24). É importante destacar aqui que Éboli realiza uma autocorreção em sua avaliação inicial “o Bahia tá fudido” para “o Bahia tá frito”. Isso demonstra que ele se preocupa também com o seu papel de âncora, o qual deve zelar pela organização das ações do programa e, por isso, não deve usar palavrões.

Guiotti aceita o enquadre proposto por Éboli, mas qualifica os seus comentários como óbvios e irrelevantes. Desta forma, para enfatizar sua provocação e criar o enquadre de brincadeira, Guiotti chama Éboli de filho, isto é, alguém que tem muito ainda que aprender. Éboli responde à provocação em tom irônico (linha 28), isto é, categoriza Guiotti como “papai” (sabixão) e resiste às suas colocações. Destacamos que o papel em jogo aqui é o papel institucional: comentarista esportivo, o que parece justificar a resposta de Éboli e sua resistência em aceitar a provocação.

Na linha 29, quando os participantes ouvem o hino do Cruzeiro, instaura-se novamente o enquadre brincadeira, agora Éboli e Carolina se alinham novamente para provocar Guiotti. O alvo das provocações aceita-a (linha 41). Por fim, Massini, Carolina e Éboli aceitam o fanatismo de Guiotti, que chegou a ser categorizado como “poliglota” pelos colegas (linhas 45 e 47).

Éboli reintroduz o tópico Cruzeiro, mas concedendo-lhe um enfoque profissional, com isso, observamos o enquadre “comentários esportivos”, pois agora o potencial da equipe mineira, em termos de futebol, é o tema abordado e discutido.

4.3 Enquadre comentários esportivos *versus* brincadeira

O programa “Quatro em Campo”, embora seja uma atividade cujo foco são comentários esportivos, acaba se apresentando como um gênero híbrido (SARANGI, 2011), já que, em muitas ocasiões, os participantes deste programa tentam criar um enquadre de brincadeira, provavelmente, para entreter o público.

Assim, nos excertos a seguir buscaremos analisar como ocorre essa “negociação” de enquadres. Ressaltamos que embora nos excertos anteriores (item 4.2) tenhamos focado a relação papel e recepção de provocações, essa negociação de enquadres também pode ser observada.

Vejamos o excerto (5):

Excerto (5):

TEMA DISCUTIDO: Performance de Éboli no carnaval do Rio de Janeiro

PARTICIPANTES: Guiotti (Minas Gerais); Piotto e André (São Paulo); Éboli (Rio de Janeiro)

ALVO DA PROVOCAÇÃO: Éboli

33 →34 →35	Piotto:	é. não cabe, né. tem conta não fecha, né. é, não faz sentido. mas, ô Andrezinho, você sabe que o Éboli, durante o carnaval [no Rio de Janeiro-
36 37	Éboli:	[ih:: voltei. voltei, voltei.
38	André:	[você quer voltar ao assunto, né.
→39	Piotto:	[ele perde a cidadania de carioca, ele fica suspenso.
→40	André:	por quê?= =>aí na quarta-feira de cinzas ele recupera<, porque,<imagina, isso não sabe sambar, né, Andrezinho, não faz isso>.
→41 →42	Piotto:	[ah::, você não sabe o que tá falando.
→43	Éboli:	[imagina isso sambando como deve ser, um homem com dois metros de altura, sambando, você imagina-
→44 →45	Piotto:	[<você não sabe o que-ta-falando>.
→46 →47 →48	Éboli:	[ele perde a cidadania. aí ele recupera, ele vai lá na câmara municipal, na quarta-feira de cinzas, e recupera a cidadania. é

→49		isso aí.
→50	André:	eu acho que o Éboli é um >grande passista do carnaval carioca<.
→51 →01	Éboli:	eu sou uma das figuras mais <u>bem</u> recebidas em <todas as quadras de escola de samba do Rio de Janeiro>.
→02	Piotto:	(h) Ah (h), meu Deus do céu.
03 04	André:	ah, lá. depois (h) da (h) dança do quadrado, o Éboli <samba> no estúdio >da CBN Rio de Janeiro<=
05	Éboli:	=ó, eu não vou sair da cadeira, posso sambar com um dedinho só?

O excerto (5) é muito interessante, pois nele podemos observar que predomina o enquadre brincadeira (entretenimento), que a princípio não estaria relacionado a um programa de comentários esportivos. Esse excerto mostra ainda que o humor faz com que uma possível provocação seja interpretada apenas como brincadeira.

Primeiramente, podemos observar que toda a interação tem por base um tópico que não é próprio do evento institucionalizado em questão, mas que de certa forma está previsto na agenda tópica do programa. Deste modo, busca entreter, divertir o público, uma vez que o tópico da conversa é a performance de Éboli no carnaval carioca. Está sendo reivindicada a existência de proximidade/intimidade entre os participantes. Os interagentes saem de seus papéis institucionais e assumem os papéis sociais de amigos íntimos ou pelo menos é produzido um enquadre em que uma cena hipotética é construída tendo como finalidade a produção de entretenimento.

Logo, no início da interação, Piotto seleciona André como seu endereçado e utiliza o conector MAS, o qual sinaliza que haverá mudança de tópico e implica também em mudança de enquadre (linhas 33-35). Assim, mudam do enquadre comentários esportivos para brincadeira. Éboli passa a ser o alvo da brincadeira e simula interesse pela “informação” (linhas 36-37).

André parece se alinhar a Piotto e lhe faz perguntas que acabam por instigá-lo a continuar com as provocações (linhas 38 e 40). Então, Piotto responde às perguntas de André, continua sua provocação a Éboli e o categoriza como ISSO, ou seja, trata Ébolio como uma coisa, objeto, o que seria ofensivo. Mas Éboli (linha 43) parece aceitar o enquadre brincadeira e dentro do enquadre brincadeira esse pronome demonstrativo acaba perdendo o valor ofensivo.

André parece manter o enquadre de brincadeira e ajuda a zombar de Éboli, categorizando-o como “grande passista” (linha 50). Embora essa seja uma categorização

oposta a de Piotto, que defende que Éboli não sabe sambar, Piotto e André estão alinhados, pois os dois são irônicos.

Éboli recusa ser categorizado como alguém estranho ao ambiente do samba e se auto-posiciona como alguém que pertence ao mundo do samba (linhas 51 e 01), ou seja, não é apenas um simples “passista”. Assim, Piotto parece não acreditar nessa posição reivindicada por Éboli e produz um novo comentário com tom de zombaria: “(h) Ah (h), meu Deus do céu”.

André mantém o enquadre brincadeira, retomando para isso uma provocação feita anteriormente a Éboli (o fato que ele dançaria a “dança do quadrado”) (linhas 03-04). Por fim, Éboli constrói uma resposta ao comentário do colega no enquadre brincadeira (linha 05). Éboli revela que aceita o enquadre brincadeira como não tendo outra opção e diz que pode sambar sentado, como se fosse para satisfazer o desejo dos colegas que questionavam a sua habilidade com a dança.

Destacamos que aqui o participante alvo das provocações, Éboli, assume o papel de carioca, bom de samba, e não o papel comentarista/torcedor, o que, talvez, justificasse a sua aceitação mais solidária ao enquadre brincadeira proposto pelos colegas.

Vejamos no excerto (6) como ocorre essa negociação de enquadres:

Excerto (6):

TEMA DISCUTIDO: A criatividade como forma de contornar a crise

PARTICIPANTES: Guiotti (Minas Gerais); Piotto e André (São Paulo); Éboli (Rio de Janeiro)

ALVO DA PROVOCAÇÃO: Guiotti

→29	Éboli:	a crise <u>exi-existe</u> , só que é preciso ter <u>criatividade</u> para
→30		combatê-la, e Corinthians tá tendo criatividade, tá tendo muito
31		trabalho na área de marketing, porque::tá todo mundo correndo
32		atrás de <u>patrocínio</u> , o flamengo vai reduzir investimentos, a,
→33		>todo mundo tá com problema<, a-, a não ser o-o Marcos Guiotti e o
→34		sheik, lá, o:: Mansur, [>que tão esbanjando dinheiro<,né.
→35	Guiotti:	[hhh sheik-
→36	Piotto:	você tem h algum-
→37	Guiotti:	[olha aqui-
→38	Piotto:	[você tem pelo menos [cem reais aí-
→39	André:	[sheik Marcos Guiotti h
→40	Piotto:	você tem <u>cem</u> mangos no bolso, Guiotti porque o sheik tem cem-
→41		milhões -h.

→42	Guiotti:	olha-é- um momento [de crise-
→43	Piotto:	[de euros-ou de libras, melhor dizendo-
→44	Guiotti:	[num momento de crise-
→45	Piotto:	[ou de qualquer outra moeda, né.
→46	Guiotti:	[num momento de crise, Piotto-
→47	Piotto:	[é-hh mé-menos real.
→48	Guiotti:	num momento de crise, a: criatividade supera >o conhecimento, né<
→49		então a gente: usa a criatividade pra poder conseguir algum, né
→50		hhh
→51	André:	a gente quem? você e o sheik.
→01	Guiotti:	(h) por exemplo, eu tenho- h eu tenho uma canoa lá em Angra. hh.
→02	Éboli:	tem o <u>quê</u> †
→03	Guiotti:	sério- hhh
→04	André:	>uma h canoa [em Angra
→05	Éboli:	[uma canoa- hh tá sendo humilde, porque ele fala que
→06		tem um >iate anco[rado em Angra dos Reis-
→07	André:	[isso <de três andares>-
→08	Piotto:	mas Angra fica <tão longe> de Belo Horizonte, poxa, tem o
→09		<Espírito Santo inteiro>, [tem o litoral norte do Rio-
→10	Guiotto:	[pra quem-não tem helicóptero[ou lancha-
→11	Piotto:	[ah, h
→12		bo(h)m, <u>nossa</u> , que <u>coisa</u> <u>b(h)oa</u> , desculpa- (haha) desculpa, tá
→13		certo-

No excerto (6), novamente observamos que há uma fuga à agenda tópica de programa sobre futebol. Assim, Éboli começa comentando sobre a forma como os times de futebol estão usando a criatividade para lidar com os problemas, ou seja, um comentário esportivo (linhas 29-32). Entretanto, Éboli tenta mudar o enquadre para brincadeira e compara Guiotti ao jogador Sheik, argumentando que os dois são os únicos que não estão em crise (linhas 33-34). Éboli parece fazer uma analogia entre o nome do jogador, Sheik, e o cargo de governador árabe, xeique, isto é, ambos são líderes. Deste modo, ao comparar Guiotti ao jogador, Éboli tenta fazer uma mudança de enquadre e coloca em cena a questão do *status social* de Guiotti.

Piotto e André se alinham ao posicionamento de Éboli e, ao chamarem Guiotti de “Sheik Guiotti” e perguntar se ele tem dinheiro, contribuem para construir o enquadre de brincadeira. Destacamos que enquanto os colegas zombam de Guiotti, ele tenta retomar o enquadre anterior e explicar como se usa a criatividade para contornar a crise (linhas 37, 42, 44 e 46). No entanto, ele é ignorado pelos colegas que continuam o enquadre brincadeira.

Somente na linha 48, que Guiotti parece conseguir retomar o enquadre comentário, mas mesmo assim André tenta voltar ao enquadre brincadeira (linha 51).

Todavia Guiotti continua sua argumentação, citando um exemplo pessoal de como ele usa criativamente uma canoa em Angra para resolver seus problemas (linha 01). Mas ao usar “canoa” para se referir a sua embarcação, ele refuta o *status* de alguém de poder financeiro que lhe foi atribuído pelos colegas. Com isso, André, Piotto e Éboli se alinham e retomam o enquadre brincadeira, questionando que a canoa seria, na verdade, um iate (linhas 02, 04, 05, 06 e 07).

Piotto continua a provocação argumentando que de nada adianta ter um iate em Angra se se mora em Belo Horizonte (linhas 08 e 09). Porém, Guiotti refuta o argumento de Piotto como não sendo aplicável a todos os casos, visto que a distância ente Belo Horizonte e Angra seria irrelevante para quem tem um helicóptero, por exemplo (linhas 11-13). Deste modo, Piotto é forçado a reconhecer a relevância do argumento de Guiotti e desculpar-se, mas mantém o enquadre brincadeira, evitando, com isso, ameaçar a própria face. Afinal, fez uma avaliação equivocada das reais condições do outro, no enquadre que ele mesmo construiu.

Neste excerto, o papel em jogo não está relacionado ao contexto profissional, ou seja, seria um papel de “amigo”, relacionado à vida pessoal de Guiotti. Deste modo, conforme observado, considerando o papel que Guiotti assume, o seu comportamento de ignorar as provocações, pode ser considerado o esperado para essa atividade. Porém, quando Piotto faz uma provocação incongruente com o *status* que ele havia criado para o colega, Guiotti é obrigado a refutar a provocação de Piotto.

Vejamos como o enquadre brincadeira emerge no excerto (7):

Excerto (7):

TEMA DISCUTIDO: A participação de um time mineiro na final do campeonato

PARTICIPANTES: Guiotti (Minas Gerais); Piotto e André (São Paulo); Éboli (Rio de Janeiro)

ALVO DA PROVOCAÇÃO: Guiotti

12	Piotto:	[quem tem mais história internaciona:l, essa coisa toda, né.
13	Éboli:	não tenha dúvida que ultimamente Cruzeiro vem sendo o maior
14		representante de Minas Gerais .hh no aspecto nacional e também
15		no-no-no cenário internacional
16	Piotto:	é:.hh
→17	Guiotti:	e por isso mesmo::>agora o clássico internacional<, a partir de
→18		agora.
→19	Éboli:	ah, a partir de a-
→20	Guiotti:	já teve um Corinthians e Palmeiras fora do Brasil? Já teve um big

→21		mass fora do Brasil?=-
→22	André:	mas o clássico não continua sendo nacional?
→23	Guiotti:	hum:: agora é internacional.
→24	André:	hhh corta.
→25	Éboli:	hhh.hh [ai, meu Deus do céu, tá-

Neste excerto, o comentário inicial de Éboli sobre a importância do Cruzeiro no cenário nacional e internacional (linhas 13-15) possibilita a Guiotti categorizar o clássico do qual o Cruzeiro participa como “internacional” (linhas 17 e 18). Guiotti parece assumir um lugar de torcedor ufanista ao enquadrar o evento como sendo de natureza internacional.

André tenta fazer com que Guiotti reveja seu equívoco na forma de uma indagação, na linha 22, sem, contudo, ter sucesso. Guiotti reafirma que o evento é “internacional”. Diante dessa insistência, André enquadra a fala de Guiotti como sem sentido, usando a metáfora cinematográfica: “corta”, usada quando, no cinema, uma dada cena deve ser descartada. Essa avaliação negativa do comentário/enquadre de Guiotti é visto como algo sem nexotambém por Éboli, com a produção de risos e do comentário metadiscursivo “ai meu Deus do céu” que sinaliza sua avaliação da fala de Guiotti como ilógica, irracional. Notou-se que Éboli não aceita a categorização proposta por Guiotti (linhas 14, 15).

Essas estratégias discursivas mitigam o que seria um ataque à face positiva de Guiotti, já que enquadram sua fala como algo incongruente. Assim, apenas comentários humorísticos são capazes de atenuar a crítica feita a Guiotti, a qual poderia desqualificá-lo como comentarista esportivo.

Neste excerto, notamos que o enquadre brincadeira emerge de um comentário esportivo “equivocado” e serve para mitigar um ataque à face positiva do comentarista Guiotti.

Destacamos que Guiotti assume um papel híbrido, visto que o papel de torcedor cruzeirense está sobreposto ao de comentarista esportivo. Guiotti refuta a provocação dos colegas mesmo estando claro que ele cometeu um equívoco.

Vejamos mais um excerto em que há negociação entre os enquadres comentários esportivos e brincadeira:

Excerto (8):**TEMA DISCUTIDO:** A forma de Éboli se expressar**PARTICIPANTES:** Piotto e André (São Paulo); Éboli (Rio de Janeiro)**ALVO DA PROVOCAÇÃO:** Éboli

47 →48	André:	>na-na-na-na-não, melhor-melhor não melhor não <Guiotti, por favor, fale novamente, ele só tem tamanho (h)
→49 →50	Piotto:	é- h fala aí- h só tem tamanho- o grandão- pode falar aí né verd- h [que coisa-
51	Éboli:	[hhh-ah, olha aqui (h), [posso (h) cont-
→01 →02 →03	Piotto:	[>ele fiou-ele ficou envergonhado de dizer o refrão inteiro- ele só falou- cada um no seu quad- mas ele tava querendo dizer isso aí<
→04	Éboli:	não, mas pra bom entendedor, [meia palavra basta.
→05	Piotto:	[é:: pois é::
→06	Éboli:	ou meio refrão basta.=
→07	Piotto:	é, tá bom
→08	Éboli:	[olha aqui, eu tô-eu tô surpreso é com essa-
09	André:	[imagi-imagina-imagina ele dançando no estúdio da cbn
10	Éboli:	Hhh
→11	André:	assim hhh exatamente-
→12	Piotto:	nossa, deve ser uma coisa assim- lamentável, né.hh
→13	Éboli:	[deixa eu mudar de assunto↑
→14 →15	Piotto:	[Carlinhos de Jesus - Carlinhos de Jesus fica <desesperado> quando vê isso aí, mas tudo bem...
→16 17 18 19 20 21	Éboli:	(h) <u>deixa</u> eu mudar de assunto. rapidamente, eu tô impressionado com o <u>voto</u> do:: Maradona e também >com o voto do Dunga pra essa história de melhor jogador do mundo<.o Maradora colocou o Emanuel (h) a-de-ba-yor (h) entre os melhores <e nem citou o Kaká> e o Dunga, <não quis nem saber do Messi↓>Brasil e Argentina tão muito bem servidos de treinadores, realmente, sabem tudo.

No excerto (8), novamente os participantes tratam de um tema que não é relacionado ao programa, a performance de Éboli. Aqui o alvo das provocações é Éboli. As provocações surgem porque Éboli usa um funk para expressar seu pensamento, mas fala a letra da música de forma errada.

Piotto mostra que Éboli falou a letra da música errada, ou seja, avalia que ele tem dificuldades de se expressar, é atrapalhado. André se alinha à crítica de Piotto e a sustenta argumentando que, conforme Guiotti disse, Éboli só tem tamanho. Piotto se alinha a André novamente repetindo seu comentário como forma de demonstrar que concorda com ele (linhas 47-50).

Em vários momentos, Éboli (linhas 51, 08 e 13) tenta mudar o enquadre, porém André e Piotto buscam construir um enquadre de brincadeira. Em alguns momentos, Éboli parece aceitar o enquadre brincadeira (linhas 04, 06 e 10), pois, provavelmente, acreditava que se alinhando aos colegas, colocaria um fim nas brincadeiras e poderia mudar o enquadre para comentários esportivos. De fato, ele não se alinha aos colegas, mas busca se solidarizar com a brincadeira.

Em meio às tentativas de Éboli de retomar ao enquadre comentário esportivo, André continua suas provocações e questiona como seria Éboli dançando (linha 09). Piotto agora se alinha ao posicionamento de André e reforça o enquadre de brincadeira, argumentando que Éboli dançando seria uma cena “lamentável” (linha 12).

Novamente, na linha 13, Éboli tenta pôr um fim ao enquadre brincadeira, mas Piotto continua a crítica de que ele não sabe dançar e argumenta que Carlinhos de Jesus ficaria desesperado ao ver isso (Éboli) dançando. Mais uma vez Éboli é tratado como coisa (isso), mas, neste caso, parece que o seu desejo de voltar ao enquadre de comentários esportivos é tão forte que ele ignora essa crítica. Enfim, na linha 16, após ignorar as provocações ou respondê-las humoristicamente, Éboli consegue retomar o enquadre comentários esportivos (“deixa eu mudar de assunto”).

Aqui, Éboli assume o papel de comentarista e aceitar as brincadeiras e ignorar as provocações parece ser uma estratégia utilizada para tentar pôr fim rapidamente às brincadeiras e retomar o enquadre comentário esportivo que lhe interessava.

A seguir, veremos alguns excertos que mostram como os participantes da interação se unem e se alinham de modo a formarem grupos que apoiam ou discordam dos comentários provocativos dos colegas.

4.3.1 Transição de enquadres e formação de grupos

Exceto (9):

TEMA DISCUTIDO: Falsidade de Guiotti e favoritismo do Cruzeiro.

PARTICIPANTES: Carolina, Sanches, Massini, Éboli e Guiotti.

ALVO DA PROVOCAÇÃO: Guiotti.

-08	Carolina:	bom, eu também tava com saudade (.) MARCOS
-09		GUIOTTI (.) tudo bom, Guiotti?
-10	Guiotti:	Olha, você não sabe a alegria em ouvir a sua voz
-11		((risos))porque na sua [ausência
-12	Éboli:	[jogada mestre
-13		((risos))
-14	Guiotti:	na sua ausência me boicotaram (.) tinha dia que
-15		sequer me davam boa tarde, esqueciam que [eu
-16		estava presente
-17	Carolina:	[é mesmo?
-18	Guiotti:	é, pensei até em sair, pra te falar a verdade
-19	Carolina:	você so- sofreu bullying, Guiotti?
20	Guiotti:	é eu tava só escutando a rádio[()
-21	Éboli:	[não entra nessa nao
-22	Carolina:	que drama, que drama, hein?
-23	Sanches:	amanhã, amanhã a Tania apresenta ele fala
-24		exatamente a mesma coisa
-25	Carolina:	EU SEI(.) ele fala isso pra todas
-26	Guiotti:	ah vê se eu sou falso, se eu tenho cara de
-27		falsidade
-28	Carolina:	((gargalhadas))
-29	Éboli:	eu acho estranho que ele não tocou o hino do
-30		Cruzeiro hoje
-31	Carolina:	pois é (.) eu já ia começar perguntando se já
-32		temos um campeão
-33	Guiotti:	já
-34	Éboli:	claro (.)domingo que vem a tendência é essa
-35	Guiotti:	eu só posso tocar o hino com a (.) conivência de
-36		vocês (.) cêis acham que já ganhou, ou não?
-37	Éboli:	é, tô falando
-38	Carolina:	tem que esperar a [próxima rodada, né?
-39	Éboli:	[eu estou falando isso::já há
-40		algum tempo
-41	Sanches:	acho que não (.) acho que ainda vai ganhar
-42	Éboli:	pode tocar o hino que o Cruzeiro é [campeão
-43	Sanches:	[domingo
-44	Guiotti:	é campeão? É Massini? Posso tocar ou não?
-45	Massini:	POde ((toca o Hino do Cruzeiro))
-46	Guiotti:	finalmente
-47	Carolina:	vai ficar tocando este hino daqui até [domingo,
-48		gente
-49	Guiotti:	[finalmente
-50	Carolina:	segunda-feira ele já tá tocando o hino
-51	Éboli:	não, vai tocar até dia oito de dezembro
-01	Carolina:	segunda-feira já tá tocando o hino
-02	Guiotti:	finalmente o pessoal do Rio-São Paulo reconhece a
-03		vitória antes de domingo
-04	Éboli:	AI AI
05	Carolina:	esse pessoal da imprensa é fogo, né?
06	Éboli:	ai () do mal
07	Guiotti:	tem gente que não, tem gente que acha o Atlético
08		Paranaense pode ganhar seis seguida e o Cruzeiro

09		perder seis seguida, ma::s tudo bem
10	Éboli:	agora, o que chama a atenção, né?
11	Guiotti:	Hum
12	Éboli:	ninguém esperava um desfecho como esse pro
13		campeonato (.) um campeonato que vinha se
14		anunciando como muito equilibrado e de repente o
15		Cruzeiro: conseguiu essa arrancada
16	Carolina:	desde aquele jogo Cruzeiro e Botafogo começou a
17		desenhar-
18	Éboli:	-é::
19	Carolina:	desenhar, né? esse cenário

No excerto (9), podemos observar a abertura da prévia do programa “Quatro em Campo”. É interessante que nos dois programas (Quatro em Campo e Prévia do Programa) o início se dá sempre com o (a) apresentador (a) (Éboli ou Carolina) cumprimentando os demais participantes. Geralmente, após esses cumprimentos, os participantes passam a discutir temas da agenda tópica do programa, isto é, falam de futebol.

Nesse excerto, durante os cumprimentos, antes mesmo da introdução de temas relacionados ao futebol, temos a introdução de enunciados provocativos direcionados a Guiotti.

A princípio, Carolina e Sanches (linhas 22-24) se alinham para questionar a verdade do que é dito por Guiotti, ou seja, a saudade que sentiu de Carolina durante sua ausência, visto que ele a expressa de forma exagerada e intercala seu comentário a risos. Com isso, temos a introdução do enquadre brincadeira. Guiotti refuta a provocação, num movimento de proteção à face do self. (PENMAN, 1990). Destacamos que as gargalhadas de Carolina demonstram que ela encarou os comentários de Guiotti como brincadeiras, ou seja, ela acredita que ele não sentiu tantas saudades dela assim como ele expõe.

Éboli ao perceber que os colegas estavam no enquadre brincadeira, decide introduzir um tópico novo para mantê-lo: hino do Cruzeiro. Este tópico embora possa estar relacionado à agenda tópica do programa, é introduzido de forma a manter o enquadre em questão.

Assim, nos trechos de fala que se seguem, os participantes Éboli, Sanches e Carolina se alinham e formam um grupo para provocar Guiotti. Guiotti aceita a

brincadeira e até contribui para a construção desse enquadre ao fazer perguntas aos colegas para que eles confirmem o favoritismo da sua equipe (linhas 35, 36 e 44).

A seguir (linhas 7, 8 e 9), Guiotti introduz um novo tópico: a probabilidade de derrota do Cruzeiro. Esse tópico indica uma sobreposição dos enquadres brincadeira e comentários esportivos, pois embora este tópico possa endossar o ponto de vista de Guiotti de que o Cruzeiro é favorito absoluto, visto que precisa perder seis partidas seguidas, a forma como Guiotti expõe seu ponto de vista, coloca em dúvida a sua credibilidade. No entanto, por os demais participantes também terem focalizado o favoritismo do Cruzeiro, o comentário de Guiotti (linhas 7-9) também pode ser considerado esportivo já que utiliza de argumentos lógicos e marca uma transição para o enquadre comentário esportivo, que é introduzido, em seguida, por Éboli (linhas 10, 12, 13 14 e 15).

Nos turnos seguintes, os participantes assumem o papel institucional de comentarista esportivo e acabam se alinhando e defendendo que não há mais competição pelo título, já que o Cruzeiro já pode ser considerado campeão, há uma luta entre as demais equipes para não serem rebaixadas. Deste modo, acaba vencendo o enquadre comentários esportivos.

No excerto analisado, Guiotti assume os papéis de “amigo” e torcedor. Assim, embora ele refute as provocações dos colegas, observamos que essas refutações são construídas com base em argumentos e

Vejamos mais um excerto:

Excerto (10):

TEMAS DISCUTIDOS: Maneira utilizada por Guiotti para se expressar e valorização de ações na bolsa de valores.

PARTICIPANTES: Carolina, Sanches, Massini, Éboli e Guiotti.

ALVO DA PROVOCAÇÃO: Guiotti.

01	Éboli:	muito boa noite a você amigo ouvinte da radio CBN,
02		que a partir de agora o Quatro em Campo, nesta
03		terça-feira dia vinte e seis de novembro de dois
04		mil e treze. ((escalação)) (.)time titular em
05		campo mais uma vez (.) Marcos Guiotti em BH (.)
06		fala, Guiotti, boa noite!
07	Guiotti:	tudo bem? como vai? boa noite!

08	Éboli:	tudo bem (.) Paulo Massini Moura, boa noite!
09 10	Massini:	eu vou bem! Boa noite, Éboli e boa noite aos amigos ouvintes também
11	Éboli:	André Sanches, boa noite!
12 13 14	Sanches:	olá, Carlos Eduardo Éboli (.) Boa noite a você, a você Paulo Massini, a você Marcos Guiotti, a você ouvinte do Quatro em Campo
-15	Guiotti:	as ouvintes e os ouvintes
-16	Sanches:	Isso
-17 18	Guiotti:	faz favor () é isso aí
-19	Sanches:	precisa fazer destruição?
-20 -21	Guiotti:	não, é que se diz ouvintes, você não qualifica as e os ouvintes
-22	Sanches:	não (.) citamos a espécie, não precisa de gênero
-23 -24	Guiotti:	não (.) eu falo o que eu quiser, também, não começa
25	Sanches:	não
26	Éboli:	e aliás Marcos Guiotti
27	Sanches:	ahn, não (.) não gente
28 29	Éboli:	Guiotti (.) ouvi uma notícia no repórter CBN que eu fiquei preocupado
-30	Guiotti:	é? ((risos)) qual a notícia?
-31 -32	Éboli:	não, é queda de ação, né? na Petrobrás, e o Marcos Guiotti como é investidor
-33	Guiotti:	han, é exatamente
-34	Éboli:	isso me preocupa
-35	???	é um investidor arrojado
-36	Éboli:	isso (.) eu fico preocupado
-37	???	Agressivo
38 39	Éboli:	é mas vocês já chegaram à conclusão de o - as ouvintes? tudo direitinho?
40	Guiotti:	senti uma bronquinha
41	Éboli:	posso falar?
42	???	senti o clima tenso
43	Guiotti:	senti uma bronquinha
44 45 46	Éboli:	não, não, tenso nenhum, nenhum, nada, que isso? oh, gaúchão? gaúchão tá de camisa de quem hoje? do esporte do Rio Grande?

No excerto (10), novamente observamos que durante os cumprimentos ocorre o enquadre brincadeira. Aqui, André e Sanches se alinham e ressaltam que a distinção de gênero para “ouvintes”, feita por Guiotti, é desnecessária. Sanches categoriza a ação de Guiotti como “destruição”, mas faz essa categorização em forma de pergunta (linha 19), tentando minimizar os danos que seu comentário pode causar no colega. Após as colocações de Sanches, Guiotti dá uma resposta que demonstra que ele não aceita a provocação do colega (linhas 23 e 24).

Na tentativa de mudar o tópico, mas manter o enquadre brincadeira, Éboli anuncia uma “preocupação” hipotética com uma notícia que seria de interesse do colega Guiotti. Guiotti já percebendo o enquadre que Éboli propunha, ri ao perguntar sobre a notícia. Assim, o tópico introduzido: “queda das ações da Petrobrás” não faz parte da agenda do programa,

Éboli ao abordar a questão das ações na bolsa de valores, categoriza o colega Guiotti como “endinheirado”, “investidor”, conforme já havia sido proposto em trechos anteriores. Além disso, ao denominarem Guiotti como investidor “arrojado”/ “agressivo”, isto é, experiente, os colegas tornam suas provocações mais evidentes, visto que seja improvável Guiotti assumir na vida real o papel que lhe propõem.

Nas linhas 38-39, Éboli busca retomar a questão do uso da palavra “ouvinte” e assim manter o enquadre brincadeira. Porém, Guiotti ao provocá-lo “senti uma bronquinha”, o obriga a retomar o enquadre comentários esportivos (linhas 44-46).

No excerto abaixo, observamos como os participantes reagem aos comentários provocativos dos colegas. O foco aqui são os participantes que não produzem os comentários provocativos e nem são alvos desses comentários. Afinal, como eles reagem? Observamos que geralmente eles se alinham a um dos lados (provocador ou alvo) e formam grupos.

Excerto (11):

TEMA DISCUTIDO: Estatísticas sobre vitórias das equipes anfitriãs da partida

PARTICIPANTES: Carolina, Sanches, Massini, Éboli e Guiotti.

ALVO DA PROVOCAÇÃO: Guiotti.

→08	Massini:	é:: sobre a final de amanhã, é curioso NOVE (.)
→09		NOVE vezes os visitantes levaram o caneco, hein?
→10		das DOze finais de Copa do Brasil, nove
→11		oportunidades os visitantes levaram o caneco
→12	Guiotti:	que isso? que goro era esse?
→13	Massini:	não é goro
→14	Éboli:	é uma informação
→15	Massini:	tá aqui no Globo esporte ponto com, é uma
→16		informação
→17	Carolina:	mas o visitante, na segunda partida, né?
→18	Massini:	é, na casa do adversário
→19	Guiotti:	i:::

-20	Éboli:	barro de novo
-21	Massini:	que que é esse i:: aí?
-22	Guiotti:	é estranho, de dez nove perdeu
23 24	Éboli:	por que DOZE? a Copa do Brasil tem mais de doze anos
25 26	Massini:	"visitantes saíram campeões em nove das doze finais de Copa do Brasil [deste
27	Éboli:	[por que doze?
28	Massini:	século"
29	Éboli:	ah, DESto século
-30	Guiotti:	ah, gostei dessa informação
-31 -32	Éboli:	ah, eu tô estranhando a Copa do Brasil tem mais que que doze anos (.) é então
-33	Guiotti:	vai fazer vinte e cinco anos
-34 -35	Éboli:	a partir de dois mil só deu visitante, prati[camente
-36 -37	Massini:	[é tá aqui blognumerólogos do Globo Esporte
-38	Carolina:	o que também não quer dizer nada ((risos))
-39 -40	Éboli:	absolutamente nada, absolutamente nada, mas estatísticas ((risos)) as estatísticas
-41	Carolina:	não é nada, não é nada, não é nada mesmo
-42	Éboli:	não, as estatísticas
-43 -44	Massini:	não é nada, não é nada, o Palmeiras foi campeão ano passado fora de casa
-45	Carolina:	é verdade
-46	Éboli:	o Vasco foi campeão fora de casa
-47	Massini:	isso
-48	Éboli:	contra o Coritiba
-49	Guiotti:	é Coriti::ba, duas vezes contra o Coriti::ba
-50	Éboli:	e aí, é isso
-51	Sanches:	duas zebras, né?

No excerto (11), Massini apresenta aos colegas (Carolina, Éboli e Guiotti) uma informação sobre as estatísticas dos jogos que, segundo ele, aponta que em 90% dos casos os donos da casa perdem a partida. Assim, ele ataca o amigo Guiotti, que considera sua equipe (Cruzeiro) campeã, mesmo ainda tendo uma partida por jogar no Mineirão. Busca então criar um enquadre brincadeira.

A princípio, Guiotti e Éboli (linhas 19 e 20) se alinham e demonstram preocupação com as informações fornecidas por Massini. Porém, nos turnos subseqüentes, eles assumem o papel de comentaristas esportivos e buscam verificar a consistência da informação (linhas 25-35). Até que Carolina expõe claramente sua opinião de que os dados apresentados por Massini são irrelevantes, ganhando com isso o apoio de Éboli. Assim, sinalizam que enquadram tais informações como não-sérias.

No entanto, Massini busca defender os dados apresentados por ele e cita exemplos conhecidos de casos em que os campeões venceram fora de casa (linhas 43, 44, 46).

Com os exemplos de eficácia da estatística apresentados por Massini, Guiotti é obrigado a se alinhar à Massini e reafirmar as vitórias do Vasco sobre o Coritiba. Neste momento, observamos que o enquadre novamente ganha forma de comentários esportivos, uma vez que Massini, Guiotti e Éboli passam a analisar fatos do futebol que recordam para avaliar a aplicabilidade da estatística proposta. Assim, na tentativa de retomar o enquadre inicial de brincadeira, proposto por Massini, Sanches prefere categorizar os exemplos citados como “duas zebras”, isto é, duas fatalidades inexplicáveis.

Vejamos abaixo outro excerto em que ocorre negociação de enquadres:

Excerto (12):

TEMA DISCUTIDO: Aposta na vitória do Flamengo.

PARTICIPANTES: Carolina, Sanches, Massini, Éboli e Guiotti.

ALVO DA PROVOCAÇÃO: Massini.

→01	Massini:	na verdade é que o Flamengo é MUITO favorito, eu
→02		não vou apostar [nada por que
→03	Éboli:	[muito? muito?
→04	Massini:	MUITO (.) eu não quero mais saber disso
→05	Sanches:	eu acho que cabe uma aposta
→06	Massini:	não, chega, chega
→07	Sanches:	cabe, cabe (.) final cabe uma aposta
→08	Massini:	chega
→09	Sanches:	cabe uma aposta
→10	Massini;	não, chega, chega
→11	Sanches:	não, cabe, cabe
→12	Carolina:	ele vai ficar sem dedo, André, daqui a pouco
→13	Sanches:	não precisa apostar o dedo, pode apostara unha
→14	Massini:	o que acontece é o seguinte (.) a maioria dos
→15		ouvintes entende, mas tem uma minoria xiita que
→16		tem por aí, aí começa (.) então não vou nem
→17		começar
→18	Carolina:	aí você sofre bullying
→19	Massini:	é (.) isso aí (.) bom (.) tô guardando, tô
→20		guardando
→21	Carolina:	mas eu não sei se o Flamengo é MUIto favorito,
→22		não? tem van[tagem

-23	Massini:	
-24		[é muito favorito
-25	Carolina:	joga em casa
-26	Massini:	é MUITO favorito, a vantagem é muito boa (.) a
-27		vantagem é MUITO boa
-28	Carolina:	a vantagem é do zero a zero, Massini, mas se
-29		tomar um gol, e aí?
-30	Massini:	já tem um gol em casa, já tem um gol fora de casa
-31	Guiotti:	fora de casa
-32	Massini:	exatamente
-33	Éboli:	mas qualquer gol na partida acaba a vantagem
-34	Massini:	COMO NÃO?
-35	Éboli:	o Atlético Paranaense continua jogando por um
-36		gol, Massini
-37	Massini:	como não? como não? (.) um a zero pro Flamengo
-38		(.) um a um ()
-39	Éboli:	ué penalty
-40	Massini:	não tá resolvido
-41	Éboli:	então ((risos))
-42	Carolina:	tem uma vantagem, né?
-43	Éboli:	ÓTIMO, né? MUITO BOA
-44	Carolina:	é favorito
-45	Massini:	é:: a vantagem muito boa
-46	Sanches:	quem é o favorito
-47	Guiotti:	eu acho que tem uma vantagem de jogar em casa
-48		(.) não adianta falar que não é uma vantagem (.)
-49		é outra coisa
-50	Massini:	vem cá, o maracanã com setenta mil pessoas
-51	Éboli:	então aí, aí você conseguiu chegar aonde eu
-01		quero [chegar
-02	Massini:	
-03		[a torcida
-04	Éboli:	dois a zero Santo André
-05	Massini:	a camisa
-06	Éboli:	dois a zero dois a zero Santo André
-07	Massini:	a camisa
08	Éboli:	you want to say that the Flamengo jersey is
09		heavier than the Flamengo one, is that so?
10	Massini:	NÃO eu quero dizer que- eu quero dizer que a
11		camisa tem mais PESO
12	Éboli:	Hun
13	Carolina:	a camisa (.) pra mim Ponte Preta três a um
14	Éboli:	é, é pois é, em casa

Neste excerto, Massini mesmo reconhecendo que sua informação estatística sobre as vitórias das equipes é irrelevante, reintroduz o tópico “Favoritismo ao título” e defende que o Flamengo ainda é muito favorito. Além disso, ele mesmo sugere uma provocação ao dizer: “não vou apostar”. Assim, Carolina e Sanches provocam Massini sugerindo-lhe que concretize o seu pensamento em uma aposta. Os comentários de

Carolina (linha 12) e de Sanches (linha 13) evidenciam que Massini não tem muita sorte em suas apostas, daí decorre o caráter provocativo da proposta que fazem ao colega. Com isso, entra em cena o enquadre brincadeira.

Massini continua defendendo o favoritismo do Flamengo por jogar em casa, entretanto, agora Carolina assume seu papel como comentarista e considerando o enquadre “comentários esportivos”, aborda questões que definem o resultado de uma partida de futebol (linhas 28 e 29). As colocações dos colegas mostram que eles relativizam as posições de Massini e Carolina, pois, de fato, a ocorrência de um gol da equipe adversária pode acabar com o favoritismo do Flamengo, conforme argumenta Éboli (linhas 35 e 39). Por outro lado, conforme argumentam Sanches, Guiotti e Massini, a vantagem do Flamengo é muito boa, principalmente, por ter o apoio da torcida (linhas 47-50). Por fim, Éboli se alinha aos colegas e mostra que compartilha com eles a opinião de que a presença da torcida é um fator importante para o bom desempenho de uma equipe (linha 51). Nesta parte, fica evidente o enquadre comentários esportivos e como os participantes se alinham para defender o seu ponto de vista.

Outra questão que despertou nosso interesse foi a realização do par: PROVOCAÇÃO – RESPOSTA. Deste modo, na próxima seção, nos dedicaremos à análise sequencial dos enunciados.

4.5 PAR: PROVOCAÇÃO- RESPOSTA

Nosso foco de análise é a provocação, assim buscamos observar também como ela se realiza sequencialmente. Por isso, a seguir observaremos o par adjacente: PROVOCAÇÃO – RESPOSTA. Nosso objetivo é analisar como se realiza a provocação e como os participantes a recebem. Vejamos a seguir alguns exemplos:

Excerto (13):

Tópico: Clássico mineiro - Atlético X Cruzeiro

Provocador: Éboli

Alvo da provocação: Guiotti

Papel do alvo: híbrido (torcedor e comentarista esportivo)

34 35	Guiotti:	agora, o: o: o ano já começa quente aqui em Minas, viu, ô Alberto
36	Piotto:	por quê?
37 38 39	Guiotti:	porque nós já estamos na hora do clássico mineiro né? Cruzeiro e Atlético, só que esse clássico é tão pujante, tão grandioso, que extrapolou as fronteiras de Minas e do Brasil
40	Éboli:	opa↓
41	Guiotti:	[opa↓
42	Piotto:	[puxa [vida
43	André:	[caram:ba
44	Piotto:	[tão pujante↓
→45 →46	Éboli:	[ah::, é::, tá certo, vocês vão fazer a preliminar do clássico: uruguaio, né?
→47	Guiotti:	não, Cruzeiro e Atlético vão jogar [no Uruguai no próximo sábado-
→48	Piotto:	[{h} na canela, canelada
49	Guiotti:	é, é bobo demais, né?
50	Éboli:	[hhh

No excerto acima, Guiotti faz comentários sobre o clássico mineiro: Atlético X Cruzeiro (linhas 34-35; 37-39). Entretanto, a forma como Guiotti qualifica a competição impulsiona os demais participantes da interação a se alinharem para fazerem brincadeiras com ele (linhas 40, 42, 43, 44).

A partir dessas brincadeiras, Éboli constrói uma provocação (linhas 45-46), menosprezando a “grandiosidade” do clássico mineiro ao qualificá-lo como campeonato uruguaio (menos importante que o brasileiro). Guiotti refuta a provocação (linha 47) e corrige a informação do colega que desqualificava a partida de suas equipes. Então, Piotto avalia a resposta dada pelo alvo como adequada (linha 48), isto é, que atinge a canela do adversário e o impossibilita de avançar com a jogada.

Podemos esquematizar a sequência dos atos de fala desse exemplo da seguinte maneira:

PRIMEIRA PARTE DO PAR- PROVOCAÇÃO (Linhas 45-46)

SEGUNDA PARTE DO PAR- RESPOSTA- ALVO REFUTA (linha 47)

PÓS-EXPANSÃO- COMENTÁRIO SOBRE A RESPOSTA DADA PELO ALVO (por um dos participantes) (linha 48)

Neste caso, notamos que o alvo da provocação se manifesta. Vejamos a seguir outro excerto em que há provocação:

Excerto (14):

Tópico: História do futebol (partidas históricas têm mostrado que número maior de atacantes não significa muitos gols).

Provocador: Piotto

Alvo da provocação: Guiotti

Papel do Alvo: Comentarista esportivo

08	Guiotti:	ô, André.você sabia que o primeiro jogo:, o jogo assim oficial
09		internacional que aconteceu foi mil c- mil oitocentos e sessenta
10		e sete, (h) e foi entre seleção da Inglaterra e da Escócia, e
11		tinha nove atacantes em cada time, era um goleiro, um zagueiro e
12		nove atacantes, <sabe quanto terminou o jogo>? zero a zero. nem
13		sempre muitos atacantes significam gols.(0.8)
14	Éboli:	é::
15	Piotto:	nossa,momento [histórico
16	Éboli:	[é, interessante isso-agora, hein
17	André:	eu não entendi muito a relação, [Guiotti-
→18	Piotto:	[e eu fico imaginando como é que
→19		conseguiríamos viver esse ano sem essa infor[mação
20	Éboli:	[é::-[é::-
21	Piotto:	[pó:xa vida=
→22	André:	=é, em dois mil e nove, falando da def ^e sa dos time da copa de São
23		Paulo, as def ^e sa são: muito r- não sei se por conta da formação,
24		se a-as bases jogam demais no-no esquema com três zagueiros (h) e
25		os zagueiros não são formados como- antigamente- enfim, mas as
26		defesas são- estão muito [fracas.
27	Éboli:	[e, olha só,<há uma explicação muito
28		simples pra esse dado-histórico- agora levantando >pelo nosso
29		nobre companheiro Marcos Guiotti (h)-
30	André:	o verdadeiro professor.
31	Éboli:	isso. é::,quanto mais desequilibrado é um time,mais desorganizado
32		ele é taticamente e as chances de dar tudo errado é enorme. né.
33		>não adianta realmente você colocar cinco, seis, sete,
34		atacantes<, (h) porque não va:i haver um equilíbrio-
35	Guiotti:	é::
36	Éboli:	na equipe, entã:o >não adianta nada<, realmente.
37	Guiotti:	não adianta jogar o time [todo pra cima-
38	Éboli:	[não, não adianta. você tem que ter
39		equilíbrio, tem que ter cada um na sua posição, é melhor <cada um
40		no seu quadrado>

No excerto 14, Guiotti, assumindo o papel de comentarista esportivo, faz comentários sobre a forma de escalação das equipes e cita um fato histórico que demonstra que uma equipe com muitos atacantes pode não ter uma boa atuação (linhas

08-13). Considerando o comentário de Guiotti, Éboli e Piotto se alinham para questionar a relevância da informação fornecida pelo colega (linhas 14-16). Entretanto, André se alinha a Guiotti, não aceitando o enquadre brincadeira, proposto por Éboli e Piotto (linha 22).

Piotto conclui as brincadeiras com uma provocação (linhas 18 e 19), que deixa explícita a irrelevância dos fatos narrados por Guiotti. Neste caso, o alvo simplesmente ignora a provocação do colega por meio do silêncio. Não temos nenhuma resposta verbal. Assim, dando continuidade ao comentário de Guiotti, André retoma o enquadre comentário esportivo (linhas 22-26) e, com isso, até mesmo Piotto, que havia iniciado as brincadeiras, embora ainda brinque com Guiotti (linhas 28 e 29), acaba assumindo também o papel de comentarista esportivo e se alinha aos colegas para construir o enquadre comentário esportivo (linhas 31-34).

Neste caso, temos a seguinte sequência de atos de fala:

PRIMEIRA PARTE DO PAR- PROVOCAÇÃO (linhas 18 e 19)

SEGUNDA PARTE DO PAR- RESPOSTA- NÃO OCORRE (silêncio)

Vejamos, a seguir, outro excerto:

Excerto (15):

Tópico: performance do Cruzeiro

Provocadores: Piotto e André

Alvo da Provocação: Guiotti

Papel do alvo: torcedor

29	Guiotti:	[a certeza que eu tenho eh que- um mineiro >tá na final<
30	Piotto:	é:-
31	Guiotti:	do torneio
32	Piotto:	é-isso é-
33	Guiotti:	isso eu posso te garantir hh
34	Piotto:	tá bom.
35	Éboli:	e que vai pegar um uruguaio, ne.
36	Guiotti:	e que vai pegar-(h) ou (h) Penharol (h) ou Nacional.hhh
37	Piotto:	ou-outra cer[teza.
→38	Andre:	[<brilhante> [dedução.
→39	Piotto:	[<brilhante>, [é, demais.
→40 41 42 43	Guiotti:	[ah -ah-, me mandou-u- um ouvinte > me mandou um e-mail aqui, até esqueci o nome dele, eu ia trazer aqui pro estúdio, ele dizendo que já<t-<quando> os times de São Paulo e do Rio fizeram um clássico dos internacionais fora do

44		país, o nome dos times que participavam do torneio ninguém
45		conhece, era da terceira divisão - e o Nacional-
46		[é da primeira divisão e de libertadores-
47	Eboli:	[mas olha só, o-os clubes do Rio não precisam jogar fora <pro
48		mundo assistir>, joga aqui dentro que todo mundo vê lá fora, não
49		tem pro[blema
50	Guiotti:	[hum- joga fora, né- se é do Rio joga fora
51	Éboli:	o apelo é grande, fla flu tem que ser no maracanã, não precisa ir
01		lá pra fora, [não-
02	André:	[pronto, virou um confronto, um duelo [Rio Minas

Neste excerto, Guiotti assume o papel de torcedor e com base na brilhante “performance” do Cruzeiro, ele faz afirmações consideradas óbvias pelos colegas (linhas 29-37). Avaliando os comentários de Guiotti desnecessários, Piotto e André se alinham para construir a provocação, como uma avaliação das afirmações de Guiotti (linhas 38-39).

Novamente, neste caso, na segunda parte do par, não há nenhuma resposta verbal do alvo, ele apenas ignora a provocação e ele mesmo retoma o enquadre comentário esportivo que havia proposto, conforme linhas 40-46. Com isso, Piotto, que participou da provocação, acaba assumindo também o enquadre comentário esportivo (linhas 47-49).

Neste excerto, observamos a seguinte sequência de atos de fala:

PRIMEIRA PARTE DO PAR-PROVOCAÇÃO (co-construída –linhas 38 e 39)

SEGUNDA PARTE DO PAR- RESPOSTA- NÃO OCORRE

Vejamos em outro excerto como a provocação se realiza. Cabe lembrar que no excerto a seguir temos três provocações.

Excerto (16):

A) PRIMEIRA PROVOCAÇÃO

Tópico: característica do alvo de gostar de falar

Provocador: Guiotti

Alvo da provocação: Éboli

Papel do alvo: colega

01	Carolina:	Carlos Eduardo Éboli, tudo bem?
02	Éboli:	tudo bem, Carolina, boa tarde!
03	Carolina:	Paulo Massini, boa tarde
04	Massini:	oi, Carol, como vai? boa tarde
05	Carolina:	André Sanches, tudo bom?
06	Sanches:	tudo bem, Carol? boa tarde!
07	Carolina:	Marcos Guiotti (.) tudo bom, Guiotti?
08	Guiotti:	tudo bem, Carolina (.) como vai você?
09	Carolina:	eu vou muito bem (.) o Éboli tá aqui ansioso pra
10		falar do- do Flamengo e Atlético Paranaense
11	Guiotti:	ansioso? ele tá sempre ansioso pra falar
12	Éboli:	a ansiedade
13	Carolina:	ele entrou agitado aqui -no estúdio
14	Éboli:	a ansiedade
→15	Guiotti:	eu termino boa tarde, ele já fica ávido para
→16		iniciar a conversa ((risos)) fica à vontade,
→17		Éboli, uma hora é pouco pra você
→18	Éboli:	antes de falar de Flamengo e Atlético Paranaense
19		também do São Paulo e Ponte Preta, eu tô
20		impressionado com a empolgação da torcida do
21		Cruzeiro, Guiotti (.) pra lotar o Mineirão,
22		fazer um jogo de festa, entrega de faixas , ou
23		SEja (.) o Bahia tá fudido

Neste excerto, a provocação decorre de uma “característica” atribuída pelos colegas ao alvo: ser falante. Assim, Carolina e Éboli brincam que Éboli, o alvo, está ansioso para falar do Flamengo (linhas 9-11). Éboli demonstra aceitar a brincadeira ao falar o substantivo “ansiedade” do qual deriva o adjetivo que foi usado para caracterizá-lo.

Guiotti, maximizando a ideia que vem sendo defendida por ele e Carolina, constrói uma provocação (linhas 15-17), argumentando que uma hora é pouco para Éboli falar. Por outro lado, Éboli, o alvo da provocação, não produz nenhuma resposta, simplesmente ignora o aspecto provocativo do comentário de Guiotti e assume o papel de comentarista esportivo para relatar sua “perplexidade” com a empolgação da torcida cruzeirense (linhas 18-23).

Neste caso, temos a seguinte sequência:

PRÉ-EXPANSÃO—COMENTÁRIOS SOBRE O FUTURO TÓPICO DA
PROVOCAÇÃO (linhas 11-14)

PRIMEIRA PARTE DO PAR – PROVOCAÇÃO (linhas 15-17)

SEGUNDA PARTE DO PAR- NÃO OCORRE

B) SEGUNDA PROVOÇÃO:

Tópico: empolgação da torcida do Cruzeiro
Provocador: Guiotti
Alvo da Provação: Éboli
Papel do alvo: comentarista esportivo

18	Éboli:	antes de falar de Flamengo e Atlético Paranaense
19		também do São Paulo e Ponte Preta, eu tô
20		impressionado com a empolgação da torcida do
21		Cruzeiro, Guiotti (.) pra lotar o Mineirão,
22		fazer um jogo de festa, entrega de faixas , ou
23		SEja (.) o Bahia tá fudido
→24	Guiotti:	() hello, que país você tá? hello?
25	Éboli:	o Bahia tá frito
→26	Guiotti:	ué, é jogo da taça, filho (.) volta olímpica (.)
→27		cê conhece volta olímpica?
→28	Éboli:	eu conheço, papai
→29	Guiotti:	pois é, o jogo de levantar a taça, mostrar pra
30		torcida (.)vão ter cem mil litros de cerveja, cê
31		que o quê?((começa a tocar o hino doCruzeiro))

Neste excerto, Éboli demonstra sua “perplexidade” com a empolgação da torcida do Cruzeiro. Guiotti, por considerar que o comportamento da torcida cruzeirense seja normal, visto que estão disputando um título, faz comentários questionando o conhecimento de mundo de Éboli (linha 24) e constrói sua provocação (linhas 26-27).

Éboli responde à provocação com uma contra-provocação, denominando Guiotti como “papai”, isto é, sabidão (linha 28). Na sequência, Guiotti ignora a contra-provocação e continua o comentário sobre o comportamento da torcida do Cruzeiro como natural (linhas 29-31).

Deste modo, temos a seguinte sequência:

PRIMEIRA PARTE DO PAR- PROVOCAÇÃO (linhas 24, 26, 27)

SEGUNDA PARTE DO PAR- RESPOSTA- CONTRA-PROVOCAÇÃO (linha 28)

Vejamos mais uma provocação nesse excerto:

C) TERCEIRA PROVOCAÇÃO:

Tópico: Hino do Cruzeiro
Provocadores: Carolina e Éboli
Alvo da provocação: Guiotti
Papel do alvo: torcedor

32	Éboli:	hino de novo?
33	Carolina:	de novo?
34	Guiotti:	é só falar de taça
35	Éboli:	cada dia aumenta o volume
36	Guiotti:	é só colocar
→37	Carolina:	podia mudar a parte do hino pelo menos
→38	Guiotti:	ahn mas sabe o que acontece?
39	Éboli:	Han
→40	Guiotti:	esse hino é automático (.) falou em taça ele já
→41		começa, não precisa apertar nada
42	Carolina:	entendi, é o dedo nervoso
43	Guiotti:	é:: não precisa ((risos))

Neste excerto observamos comentários provocativos co-produzidos por Éboli e Carolina a respeito de sempre tocarem o hino do Cruzeiro, isto é, de estarem apoiando Guiotti com seu fanatismo como cruzeirense. Então vemos uma sequência de comentários provocativos co-construídas por Éboli e Carolina (linhas 32, 33, 35) e de tentativas de Guiotti de tentar produzir uma resposta à provocação (linhas 34 e 36). Carolina conclui a provocação (linha 37) e Guiotti utiliza: “ahn mas sabe o que acontece?” como mecanismo discursivo para chamar a atenção dos colegas, conseguir tomar o piso conversacional e, assim, produzir sua resposta à provocação que vinha sendo construída pelos colegas nos turnos anteriores (linhas 40-41).

Neste excerto, temos, portanto, uma sequência de várias provocações com o mesmo tópico. Conforme representado abaixo:

PRIMEIRA PARTE DO PAR --PROVOCAÇÃO CO-CONSTRUÍDA (linhas 32 e 33)

SEGUNDA PARTE DO PAR---TENTATIVA DE PRODUZIR RESPOSTA (Linha 34)

PRIMEIRA PARTE DO PAR—CONTINUAÇÃO DA PROVOCAÇÃO – (LINHA 35)

SEGUNDA PARTE DO PAR--TENTATIVA DE PRODUZIR RESPOSTA- (linha 36)

PRIMEIRA PARTE DO PAR --- CONTINUAÇÃO DA PROVOCAÇÃO (linha 37)

EXPANSÃO POR INSERÇÃO ---estratégia discursiva para tomada de turno (linhas 38 e 39)

SEGUNDA PARTE DO PAR —RESPOSTA DO ALVO À PROVOCAÇÃO

Linhas 40 e 41)

Realçamos, com negrito, o último par, por este apresentar uma segunda parte diferente dos anteriores.

Vejamos a seguir mais uma realização do par Provação- Resposta:

Excerto (17):

Tópico: comportamento de Éboli durante o carnaval

Provocador: André e Piotto

Alvo da provocação: Éboli

Papel do alvo: amigo

33	Piotto:	é. não cabe, né. tem conta não fecha, né. é, não faz sentido.
34		mas, ô Andrezinho, você sabe que o Éboli, durante o carnaval [no
35		Rio de Janeiro-
36	Éboli:	
37		[ih:: voltei. voltei, voltei.
38	André:	[você quer voltar ao assunto, né.
→39	Piotto:	[ele perde a cidadania de carioca, ele fica suspenso.
40	André:	por quê?= →41 Piotto: =>aí na quarta-feira de cinzas ele recupera<,porque, <imagina, →42 isso não sabe sambar, né, Andrezinho, não faz isso>.
→43	Éboli:	[ah::,você não sabe o que tá falando.
→44	Piotto:	[imagina isso sambando como deve ser, um homem com dois metros
→45		de altura,sambando,você imagina-
→46	Éboli:	[<você não sabe o que-tá-falando>.
→47	Piotto:	[ele perde a cidadania. aí ele recupera, ele vai lá na câmara
→48		municipal, na quarta-feira de cinzas, e recupera a cidadania. é
→49		isso aí.
→50	André:	eu acho que o Éboli é um >grande passista do carnaval carioca<.
→51	Éboli:	eu sou uma das figuras mais bem recebidas em <todas as quadras
→01		de escola de samba do Rio de Janeiro>.
→02	Piotto:	(h) Ah (h), meu Deus do céu.
03	André:	ah, lá. depois (h) da (h) dança do quadrado, o Éboli <samba> no
04	????	estúdio >da CBN Rio de Janeiro<=

05	Éboli:	=ó, eu não vou sair da cadeira, posso sambar com um dedinho só?
----	--------	-----------------------------------------------------------------

Neste excerto, Piotto introduz o tópico que servirá para a construção da provocação: performance de Éboli no carnaval carioca e conseqüente perda da cidadania carioca (linhas 33-35). Éboli parece interessado no que vão falar sobre ele, o que impulsiona André a começar uma brincadeira (linha 38). Piotto se alinha a André e brinca sobre o comportamento de Éboli no carnaval. Até que a brincadeira culmina numa provocação: Éboli não sabe sambar e, por isso, perde a cidadania carioca (linhas 39, 41, 42). Éboli produz sua resposta, argumentando que o colega não tem conhecimento para falar tal coisa. Entretanto, Piotto responde repetindo a provocação. Éboli continua discordando de Piotto e argumentando que ele não sabe o que está falando.

Piotto insiste na provocação (linhas 47-49). Éboli parece ganhar o apoio de André, que o categoriza, ironicamente, como “grande passista” e, ignorando o aspecto irônico do comentário de André, Éboli refuta a provocação de Piotto e se denomina, conforme sugerido por André, um “grande passista”. Na sequência, observamos uma manifestação de espanto de Piotto com o posicionamento de Éboli, isto é, uma pós-expansão.

Neste excerto, da mesma forma que no anterior, observamos uma sequência de várias provocações que tratam de um mesmo tópico, conforme o esquema a seguir:

PRIMEIRA PARTE DO PAR-PROVOCAÇÃO (linhas 39, 41, 42)

SEGUNDA PARTE DO PAR-REFUTAÇÃO DA PROVOCAÇÃO (linha 43)

PRIMEIRA PARTE DO PAR -REPETIÇÃO DA PROVOCAÇÃO (linhas 44-45)

SEGUNDA PARTE DO PAR-REFUTAÇÃO DA PROVOCAÇÃO (linha 46)

PRIMEIRA PARTE DO PAR - REFORMULAÇÃO DA PROVOCAÇÃO (co-construída-linhas 47-50)

SEGUNDA PARTE DO PAR - RESPOSTA À PROVOCAÇÃO- REFUTAÇÃO DA PROVOCAÇÃO (linhas 51-01)

PÓS- EXPANSÃO --- COMENTÁRIO SOBRE A RESPOSTA DADA PELO ALVO

Realçamos aqui, em negrito, o último par: PROVOCAÇÃO- RESPOSTA por este apresentar uma pós-expansão e indicar a finalização da sequência.

Excerto (18):

Tópico: posição financeira de Guiotti
Provocador: Piotto
Alvo da provocação: Guiotti
Papel do alvo: amigo

A) PRIMEIRA PROVOCAÇÃO:

29	Éboli:	a crise <u>exi-existe</u> , só que é preciso ter <u>criatividade</u> para
30		combatê-la, e Corinthians tá tendo <u>criatividade</u> , tá tendo muito
31		trabalho na área de marketing, porque::tá todo mundo correndo
32		atrás de <u>patrocínio</u> , o flamengo vai reduzir investimentos, a,
→33		>todo mundo tá com problema<, a-, a não ser o-o Marcos Guiotti e
→34		o Sheik, lá, o:: Mansur, [>que tão esbanjando dinheiro<,né.
→35	Guiotti:	[((risos)) sheik-
→36	Piotto:	você tem h algum-
→37	Guiotti:	[olha <u>aqui</u> -
→38	Piotto:	[você tem pelo menos [cem reais aí-
→39	André:	[sheik Marcos Guiotti h
→40	Piotto:	você tem <u>cem</u> mangos no bolso, Guiotti, porque o sheik tem cem-
→41		milhões -h.
→42	Guiotti:	olha-é- um momento [de crise-

Neste excerto, Éboli ao narrar as dificuldades financeiras das equipes de futebol, introduz o tópico do *status* financeiro de Guiotti, que será utilizado para a formulação da provocação.

Éboli ganha o apoio de André, que também passa a categorizar Guiotti como “sheik”. Guiotti acha graça da denominação que lhe é dada e ri, mas tenta, sem êxito, mudar o tópico (linha 37). Então, Piotto provoca Guiotti, questionando se ele tem dinheiro. No entanto, Guiotti ignora a provocação e a pergunta que lhe foi direcionada, e segue tentando mudar de tópico (linha 42).

Vejam como de realiza o par PROVOCAÇÃO- RESPOSTA:

PRIMEIRA PARTE DO PAR- PROVOCAÇÃO (linhas 33- 34)

SRGUNDA PARTE DO PAR- NÃO OCORRE

PRIMEIRA PARTE DO PAR –CONTINUAÇÃO DA PROVOCAÇÃO (co-construída)
(linhas 38 -41)

SEGUNDA PARTE DO PAR- NÃO OCORRE

Neste excerto, observamos uma sequência com duas provocações que tratam do mesmo tópico. Destacamos que, diferentemente das sequências com mais de uma provocação apresentadas anteriormente, aqui as duas sequências apresentam a mesma configuração: PPP (PROVOCAÇÃO) e SPP (NÃO OCORRE).

B) SEGUNDA PROVOCAÇÃO:

Tópico: canoa de Guiotti
Provocadores: Éboli, André e Piotto
Alvo da provocação: Guiotti
Papel do alvo: amigo

42	Guiotti:	olha-é- um momento [de crise-
43	Piotto:	[de euros-ou de libras, melhor dizendo-
44	Guiotti:	[num momento de crise-
45	Piotto:	[ou de qualquer outra moeda, né.
46	Guiotti:	[num momento de crise, Piotto-
47	Piotto:	[é-hh mé-menos real.
48	Guiotti:	num momento de crise, a: criatividade supera >o conhecimento, né<
49		então a gente: usa a criatividade pra poder conseguir algum, né
50		hhh
51	André:	a gente quem? você e o sheik.
01	Guiotti:	(h) por exemplo, eu tenho- h eu tenho uma canoa lá em Angra. hh.
02	Éboli:	tem o <u>quê</u> ↑
03	Guiotti:	sério[- hhh
04	André:	>uma h canoa [em Angra
→05	Éboli:	[uma canoa- hh tá sendo humilde, porque ele fala que
→06		tem um >iate anco[rado em Angra dos Reis-
→07	André:	[isso <de três andares>-
→08	Piotto:	mas Angra fica <tão longe> de Belo Horizonte, poxa, tem o
→09		<Espírito Santo inteiro>, [tem o litoral norte do Rio-
→10	Guiotto:	[pra quem-para quem não tem helicóptero
→11		ou lancha-
→12	Piotto:	[ah, h bo(h)m, <u>nossa</u> , que <u>coisa</u> <u>b(h)oa</u> ,
→13		desculpa- (haha) desculpa, tá certo-

Neste excerto, as brincadeiras continuam a ter como tópico a boa condição financeira de Guiotti. Guiotti insiste em mudar de tópico, entretanto, ao dar um exemplo de sua “canoá” em Angra, fornece novo objeto para as brincadeiras dos colegas, que considerando a condição financeira que eles criaram para Guiotti, defendem que “canoá” deve ser categorizada como “iate”.

Assim, Éboli e André brincam sobre como é o iate de Guiotti (linhas 05-07). Entretanto, Piotto ao contribuir com a construção da provocação iniciada pelos colegas Éboli e André, cai em contradição e, desconsidera o *status* de endinheirado que eles criaram para Guiotti (linhas 08-09). Dessa forma, Guiotti, cria uma resposta à provocação do colega com base no enquadre de “endinheirado” que lhe foi proposto. Com isso, força Piotto a admitir sua contradição.

Deste modo, temos a seguinte sequência:

PRIMEIRA PARTE DO PAR – PROVOCAÇÃO (co-construída) (linhas 05-09)

SEGUNDA PARTE DO PAR- RESPOSTA-REFUTAÇÃO (linhas 10-11)

PÓS-EXPANSÃO-- AVALIAÇÃO DO PROVOCADOR DA RESPOSTA DO ALVO (linhas 12-13)

Excerto (19):

Tópico: o fato de Éboli ser desajeitado
Provocador: Piotto
Alvo da provocação: Éboli
Papel do alvo: colega

47 →48	André:	>na-na-na-na-não, melhor-melhor não melhor não <Guiotti, por favor, fale novamente, ele só tem tamanho (h)
→49 →50	Piotto:	é- h fala aí- h só tem tamanho- o grandão- pode falar aí né verd- h [que coisa-
51	Éboli:	[hhh-ah, olha aqui (h), [posso (h) cont-
→01 →02 →03	Piotto:	[>ele ficou-ele ficou envergonhado de dizer o refrão inteiro- ele só falou- cada um no seu quad- mas ele tava querendo dizer isso aí<
→04	Éboli:	não, mas pra bom entendedor, [meia palavra basta.
→05	Piotto:	[é:: pois é::
→06	Éboli:	ou meio refrão basta.=
→07	Piotto:	=é, tá bom
08	Éboli:	olha aqui, eu tô-eu tô surpreso é com essa-

Neste excerto, André reintroduz o tópico que já tinha sido objeto de provocações anteriores: a “falta de jeito” de Éboli. Logo, André recebe apoio de Piotto que, na sequência, conclui a provocação, citando um caso que exemplifica essa característica de Éboli (linhas 01-03). Éboli refuta a provocação, alegando que, na verdade, foi “esperto”, pois “para bom entendedor, meia palavra basta”. Assim, Piotto faz um comentário que demonstra que ele aceita o argumento de Éboli, embora possa não acreditar muito nessa esperteza. Éboli então complementa sua resposta, retificando que não seria “meia palavra”, mas no caso específico, “meio refrão” (linha 06).

Temos, portanto, a seguinte sequência:

PRIMEIRA PARTE DO PAR- PROVOCAÇÃO (linhas 48-50; 01-03)

SEGUNDA PARTE DO PAR- RESPOSTA- REFUTAÇÃO (linha 04)

PÓS-EXPANSÃO--

COMENTÁRIO DO PROVOCADOR SOBRE A RESPOSTA DADA PELO ALVO (linha 05)

ALVO COMPLEMENTA SUA RESPOSTA (linha 06)

PROVOCADOR COMENTA A RESPOSTA DO ALVO (linha 07)

Vejamos mais um excerto:

Excerto (20):

Tópico: falta de habilidade de Éboli para a dança

Provocador: Piotto

Alvo da provocação: Éboli

Papel do alvo: colega

09	André:	[imagi-imagina-imagina ele dançando no estúdio da cbn
10	Éboli:	Hhh
11	André:	assim hhh exatamente-
→12	Piotto:	nossa, deve ser uma coisa assim- lamentável, né.hh
→13	Éboli:	[deixa eu mudar de assunto↑
→14	Piotto:	[Carlinhos de Jesus - Carlinhos de Jesus fica <desesperado>
→15		quando vê isso aí, mas tudo bem...
→16	Éboli:	(h) <u>deixa</u> eu mudar de assunto. rapidamente, eu tô impressionado
→17		com o <u>voto</u> do:: Maradona e também >com o voto do Dunga pra essa
18		história de melhor jogador do mundo<.o Maradora colocou o Emanuel

19		(h) a-de-ba-yor (h) entre os melhores <e nem citou o Kaká> e o
20		Dunga, <não quis nem saber do Messi↓>Brasil e Argentina tão muito
21		bem servido de treinamentos, realmente, sabem tudo.

Neste excerto, André reintroduz o tópico Éboli não sabe dançar. E a partir de comentários co-construídos por Piotto e André, Piotto produz a provocação, alegando que Éboli dançando é uma cena lamentável (linha 12). Éboli ignora a provocação e tenta mudar de tópico (linha 13). Piotto refaz a provocação (linhas 14-15). O alvo continua ignorando a provocação, muda de tópico e passa para o enquadre comentários esportivos (linhas 16-21).

Neste excerto, também temos uma sequência de duas provocações com o mesmo tópico, conforme o esquema a seguir:

PRIMEIRA PARTE DO PAR- PROVOCAÇÃO (linha 12)

SEGUNDA PARTE DO PAR- RESPOSTA-NÃO OCORRE (linha 13)

PRIMEIRA PARTE DO PAR BASE--PROVOCAÇÃO REINTRODUZIDA

SEGUNDA PARTE DO PAR BASE---RESPOSTA- NÃO OCORRE

É importante destacar que temos a mesma realização sequencial para as duas provocações, isto é: PPP (PROVOCAÇÃO) e SPP (NÃO OCORRE).

Vejamos mais um excerto:

Excerto (21):

Tópico: caráter de Guiotti
Provocadora: Carolina
Alvo da provocação: Guiotti
Papel do alvo: amigo

01	Carolina:	Carlos Eduardo Éboli, boa tarde!
02	Éboli:	tudo bem, Carolina? boa tarde! que bom revê-la
03	Carolina:	o prazer é meu (.) ANDRÉ SANCHES, boa tarde!
04	Sanches:	olá, Carolina (.) boa tarde
05	Carolina:	Paulo Masini (.) tudo bem Massini?
06	Massini:	olá, Carol (.) Como vai? tudo bem? saudades de
07		você

08	Carolina:	bom, eu também tava com saudade (.) MARCOS
09		GUIOTTI (.) tudo bom, Guiotti?
10	Guiotti:	Olha, você não sabe a alegria em ouvir a sua voz
11		((risos))porque na sua [ausência
12	Éboli:	[jogada mestre
13		((risos))
14	Guiotti:	na sua ausência me boicotaram (.) tinha dia que
15		sequer me davam boa tarde, esqueciam que [eu
16		estava presente
17	Carolina:	[é mesmo?
18	Guiotti:	é, pensei até em sair, pra te falar a verdade
19	Carolina:	você so- sofreu bullying, Guiotti?
20	Guiotti:	É eu tava só escutando a rádio[()
21	Éboli:	[não entra nessa não
22	Carolina:	que drama, que drama, hein?
23	Sanches:	amanhã, amanhã a Tânia apresenta ele fala
24		exatamente a mesma coisa
-25	Carolina:	EU SEI(.) ele fala isso pra todas
-26	Guiotti:	ah vê se eu sou falso, se eu tenho cara de
-27		falsidade?
28	Carolina:	((gargalhadas))

No excerto 21, Éboli introduz com Sanches o tópico que será objeto da provocação, isto é, a maneira como Guiotti age com as mulheres. Assim, Carolina faz um comentário provocativo, enquadrando Guiotti como mentiroso (linha 25). Guiotti refuta a provocação e questiona o que Carolina acha dele (linhas 26-27).

Vejamos a sequência deste excerto:

PRIMEIRA PARTE DO PAR BASE- PROVOCAÇÃO

SEGUNDA PARTE DO PAR BASE- RESPOSTA- REFUTAÇÃO

Na próxima seção, discutiremos alguns aspectos interessantes revelados por nossa pesquisa.

5 DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

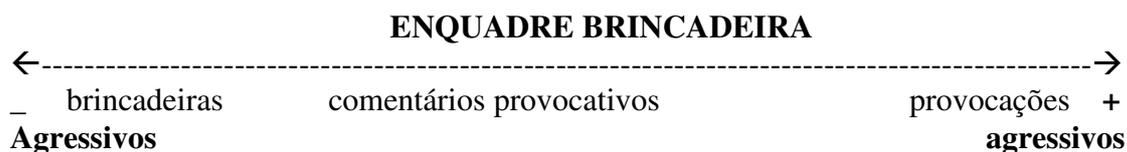
Após a análise dos dados, observamos alguns aspectos interessantes, os quais acreditamos que devem ser apresentados aqui.

Primeriamente, consideramos que o tipo de atividade analisada constitui um gênero híbrido (Sarangi, 2011), visto que além da função de informar sobre fatos esportivos, o programa deve também entreter o público. É importante esclarecer que os programas que tratam de esporte vêm ganhando novas configurações desde a década de 1980 e, atualmente, são poucos os programas que abordam estritamente assuntos esportivos. Mesmo os programas que se restringem a tópicos esportivos, buscam trazê-los de forma a torná-los mais divertidos e, assim, prender a atenção do espectador. Afinal, no mundo da informação atual, a concorrência pela audiência é sempre muito acirrada.

Destacamos que os participantes, nesse contexto, assumiam outros papéis além do papel de comentarista esportivo, prototípico do tipo de atividade em questão. Desta forma, observamos que os participantes, em muitas situações, assumiam papéis complementares ao papel de comentarista esportivo, tais como: papel de torcedor, defendendo as equipes para as quais torciam; papel de amigo, em alguns momentos, eles se posicionavam como amigos criando, talvez hipoteticamente, um contexto relacional; e papel híbrido, situações em que era difícil dizer se eles estavam assumindo o papel de torcedor ou de comentarista esportivo, já que esses papéis se apresentavam de forma tão mesclada que se tornava impossível separá-los.

Nesse contexto, notamos que os participantes negociam os enquadres “comentários esportivos” e “brincadeira”. Geralmente, a transição do enquadre “comentários esportivos” para “brincadeira” se realizava por meio do uso da provocação. As provocações, na maioria dos casos, eram produzidas por meio de exageros lexicais e fonéticos e repetição de palavras utilizadas pelo alvo, além de virem acompanhadas por risos. Essa forma de produzir a provocação evitava que os alvos as enquadrassem como sérias as provocações, tornando possível a interpretação da ofensa inicial como brincadeira. Assim, mesmo que as provocações fossem recebidas no enquadre brincadeira, observamos que os alvos da provocação podiam reagir de forma diferente às provocações, podendo ignorá-las, refutá-las ou aceitá-las.

As provocações variaram em termos de níveis de “ofensa”. Por isso, podemos pensar que as provocações ocorriam em um *continuum*, que ia de brincadeiras, menos agressivas, até provocações, com nível mais elevado agressividade, passando por brincadeiras, com nível médio de agressividade. Desta forma, o nível agressividade dos comentários, brincadeiras ou provocações pode ser estabelecido conforme o *continuum* a seguir:



Os dados sugerem haver ainda uma relação entre o papel assumido pelo alvo e a forma como ele reage às provocações. Assim, quando eles assumiam o papel oficial de comentarista esportivo, eles tendiam a refutar as provocações para defender o seu papel profissional ou ignorar os comentários provocativos para tentar manter ou retomar o enquadre profissional “comentário esportivo”. Por outro lado, se assumiam os papéis não-oficiais de torcedor, amigo ou um papel híbrido (torcedor e comentarista esportivo), eles podiam refutar ou ignorar as brincadeiras, mas tendiam a aceitá-las, mesmo que de maneira implícita, por meio de risos.

O enquadre “comentários esportivos” é o esperado para essa atividade. Entretanto, pode ocorrer a transição desse enquadre para o enquadre “brincadeira”. O enquadre “brincadeira” pode surgir de um comentário esportivo, por exemplo, quando os participantes questionavam a competência dos comentaristas, isto é, questionavam a credibilidade das informações que eles fornecem; ou quando provocavam os participantes, fazendo comentários sobre as equipes de seus estados. O enquadre “brincadeira” podia ainda surgir sem ter nenhuma relação com os comentários esportivos e abordar questões da vida pessoal dos participantes. É interessante destacar que, no segundo caso, isto é, quando as provocações têm como tópico a vida pessoal dos participantes, notamos que os alvos principais eram Guiotti e Éboli.

Durante a transição de um enquadre para outro, notamos que os participantes se alinhavam uns aos outros, formando grupos com objetivos opostos. Desta forma, geralmente os participantes se alinhavam, formando um grupo grande, para provocar um dos participantes e, assim, introduzir/retomar o enquadre brincadeira, do tipo “todos contra um”. Os participantes podiam ainda se alinhar de modo a produzirem dois

grupos com número semelhante de integrantes: um grupo tentando introduzir o enquadre “brincadeira” e outro tentando manter o enquadre “comentários esportivos”.

Além de nos interessarmos pela forma de reação dos alvos às provocações, buscamos analisar também como se realizava o par: PROVOCAÇÃO – RESPOSTA.

Eis alguns dos padrões encontrados:

PADRÕES DE SEQUÊNCIAS DO PAR: PROVOCAÇÃO-RESPOSTA

POSSIBILIDADES DE EXPANSÃO ⁹		EXEMPLOS											
		13	14	15	16 a	16 b	16 c*	17*	18 a	18 b	19	20	21
	←Pré-expansão				X			X					
PPPb		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	←Expansão por inserção						X						
SPPb		X				X	X	X		X	X		X
	←Pós-expansão	X						X		X	X		

A partir da análise do quadro, notamos que o par adjacente: PROVOCAÇÃO-RESPOSTA apresentou vários padrões. Embora não tivéssemos um padrão recorrente, observamos uma ocorrência ligeiramente mais significativa do seguinte padrão: PPPb, que se caracteriza pela presença somente da provocação.

De modo geral, pudemos observar que a PPPb podia ser antecedida ou não por pré-expansões. Essas pré-expansões, quando ocorriam, se realizavam como comentários provocativos co-construídos pelos participantes, que antecediam as provocações.

Outro aspecto interessante revelado pela análise dos padrões sequenciais é em relação à realização da SPPb. Na maioria dos excertos analisados, o alvo produzia uma SPPb, entretanto, em cerca de quarenta e dois por cento dos dados analisados não houve nenhuma SPPb, isto é, os alvos ignoravam as provocações e não produziam nenhuma resposta verbal. Além disso, quando ocorria SPPb, na maioria das ocorrências, havia

⁹Retirado de GAGO (2005, p.66)

*Nos excertos 16c e 17, temos uma sequência com várias provocações construídas a partir de um mesmo tópico. Entretanto, no quadro acima está representada somente a última sequência provocativa de cada um dos excertos, as quais foram marcadas por negrito na análise.

pós-expansões, as quais geralmente consistiam de um comentário do provocador a respeito da resposta dada pelo alvo à provocação.

Pelo que foi discutido aqui, pudemos notar que a atividade analisada permite que os seus participantes assumam diversos papéis que, de certa forma, complementam o papel principal de comentarista esportivo. Além disso, destacamos que um desses papéis é considerado híbrido e mescla o papel de comentarista com o papel de torcedor.

Ficou evidente ainda que nessa atividade há uma constante negociação entre os enquadres “comentários esportivos” e “brincadeira”. Essa negociação de enquadres é possível por meio do uso do humor, mais especificamente, pelo uso de provocações. É a forma como as provocações são construídas que permite que uma possível ofensa seja interpretada como brincadeira pelos alvos das provocações e evita conflitos abertos e afastamentos entre os participantes. No próximo capítulo, após a análise e discussão dos resultados, apresentaremos as considerações finais sobre este trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a execução deste trabalho, é de central importância o conceito de hibridismo (SARANGI, 2000), pois analisamos o programa “Quatro em Campo” que é um gênero híbrido, que mescla informações futebolísticas e brincadeiras com o propósito de entretenimento. Conforme já foi mencionado, esse hibridismo tem sido bastante recorrente nos programas esportivos da atualidade.

Observamos que o elemento de entretenimento desse programa é introduzido por meio do uso do humor. Desta forma, o humor surge como ferramenta que torna possível a mudança do enquadre sério “comentários esportivos” para o enquadre “brincadeira”. O humor, nesta atividade, se configura nos usos de provocações. As provocações são utilizadas para possibilitar a mudança de enquadres e entreter o público. As provocações surgem tanto de tópicos relacionados ao futebol como, por exemplo, a performance de determinadas equipes, dados estatísticos sobre vitórias, como a partir de tópicos relacionados à vida pessoal dos comentaristas como, por exemplo, habilidades, condição financeira, dentre outros.

Devemos lembrar que as provocações geralmente têm um alto grau de ofensividade, pois trazem em si uma crítica a alguém presente na interação. Com isso, podem causar sérios problemas de relacionamento entre quem as produz e quem constitui os seus alvos. Entretanto, é a forma como elas são construídas na atividade analisada que evita a produção de possíveis ofensas e problemas relacionais.

Nessa atividade, os participantes, ao construírem seus comentários provocativos, utilizam exageros lexicais e fonéticos, gírias, repetição de palavras utilizadas pelo alvo da provocação e risos. Com isso, o provocador dá pistas bastante claras de que a provocação está sendo construída em um enquadre “brincadeira”, evitando, com isso, uma interpretação literal do conteúdo das críticas por parte dos alvos. Desta forma, há uma mitigação de uma possível ofensa.

Além disso, geralmente, durante a construção da provocação, o provocador ganha o apoio de outros participantes. Assim, muitas vezes, surge uma disputa de todos contra um. Essa disputa por ser rara, dificilmente seria interpretada como verdadeira pelo alvo, o que pode ser considerado mais uma pista para ajudá-lo a enquadrar a provocação como “brincadeira”.

Pudemos observar, portanto, que o humor nessa atividade serve principalmente para tornar possível o aparecimento do enquadre “brincadeira” e, conseqüentemente, entreter o público. Além disso, a forma como as provocações são construídas e negociadas faz com que o humor tenha ainda a função de fortalecer os laços de amizade e/ou coleguismo entre os participantes, já que os comentários provocativos que inicialmente atacariam à face do alvo e causariam ofensa, via humor, criam um movimento ambivalente, de ataque e sustentação das faces envolvidas (HAUGH, 2010). Assim, a provocação resulta em movimentos que servem para fortalecer os vínculos sentimentais entre os participantes e criar um contexto amigável.

No programa “Quatro em Campo”, temos os papéis de atividade: comentarista esportivo e apresentador, que são prototípicos do tipo de atividade, ou seja, estão em conformidade com o *script* do programa. Porém, durante a interação os interagentes assumem também os papéis de torcedor, colega/amigo e híbrido (torcedor/comentarista) que, embora sejam papéis que possam, a princípio, parecer estranhos ao tipo de atividade (comentários esportivos), podem ser vistos como constituintes de um conjunto de papéis oriundos dos papéis prototípicos, uma vez que o programa constitui um gênero híbrido que mescla comentários esportivos e entretenimento.

Assim, atividades tais como: falar de características engraçadas dos colegas, narrar ou inventar histórias que abordam a vida pessoal dos colegas, ressaltar o fanatismo dos colegas por suas equipes, realçar a performance de suas equipes, dentre outras, podem ser importantes para entreter o público e são comuns quando os participantes assumem o papel de amigo, torcedor ou papel híbrido (comentarista e torcedor; comentarista e amigo). Desta forma, os papéis de torcedor, colega/amigo e papel híbrido tornam-se também familiares à atividade em foco.

Destacamos que o hibridismo além de estar presente na formatação do gênero do programa também participa da configuração dos papéis, já que, em muitas situações, os participantes assumem papéis em que as funções de torcedor e comentarista esportivo se mesclam de tal forma que se torna impossível dissociá-las. Por exemplo, quando os comentários abordam as equipes que os comentaristas representam, é impossível afirmar que o comentarista está sendo neutro, isto é, apenas comentarista, ele assume papel híbrido de torcedor/comentarista.

Observamos que, embora o alvo não interprete as provocações em um enquadre sério e não as considere ofensivas, ele pode reagir a elas de três formas: ignorar, refutar ou aceitar. No primeiro caso, o alvo simplesmente finge que não ouviu a provocação e continua seus comentários esportivos; no segundo caso, ele contesta a informação contida na crítica e busca defender-se; já no terceiro caso, ele sinaliza que aceita a brincadeira, pode ser apenas por meio de riso ou repetição das palavras que foram utilizadas na construção da provocação ou pode completar as brincadeiras dos colegas.

Ficou evidente, após a análise dos dados que, há uma relação entre o papel assumido pelos alvos das provocações e a forma como eles reagem a essas provocações. Assim, se os participantes assumem o papel oficial de comentarista esportivo, eles podem: (i) ignorar as provocações e não produzirem nenhuma resposta verbal, pois, dessa forma, evitam a mudança de enquadre e conseguem dar continuidade aos comentários esportivos; (ii) refutar as provocações, defendendo o seu papel profissional. Se, por outro lado, os alvos das provocações assumem papéis não oficiais ou híbridos (torcedor, amigo, comentarista/torcedor), eles tendem a refutar as provocações e/ou aceitá-las de forma bem solícita, isto é, ajudam a mudar o enquadre para brincadeira.

Destacamos ainda que, considerando o par PROVOCAÇÃO-RESPOSTA, encontramos vários padrões de sequências. O padrão mais recorrente foi:

PRIMEIRA PARTE DO PAR BASE-- PROVOCAÇÃO

SEGUNDA PARTE DO PAR BASE- RESPOSTA- NÃO OCORRE (IGNORA)

Essa sequência ocorria, geralmente, quando o alvo da provocação assumia um papel oficial, isto é, de comentarista esportivo ou um papel híbrido que envolvia os papéis prototípicos da atividade (torcedor e comentarista). Por isso, na tentativa de retomar o enquadre comentários esportivos, o alvo optava por ignorar as provocações dos colegas.

A aceitação das provocações geralmente era sinalizada por meio de risos e não envolvia, portanto, nenhuma resposta verbal. Por outro lado, a refutação das provocações se realizava como resposta verbal e, muitas vezes, era seguida por pós-expansões que traziam comentários do provocador sobre a resposta dada pelo alvo à provocação.

De modo geral, quando as provocações são produzidas *via* humor, conforme ocorre em nossos dados, não há dúvidas que os alvos recebem melhor a ofensa. No tipo de atividade analisada, elas são encaradas mais como mecanismos para entreter o público do que críticas propriamente ditas. Por isso, os alvos da provocação tendem a interpretar as críticas/provocações como brincadeira e acabam produzindo comentários também engraçados, isto é, a “possível” ofensa é minimizada pelo uso do humor, o que acaba atenuando as ameaças/ ataques às faces dos alvos da brincadeira. Além disso, desse processo surge uma solidariedade entre os participantes da interação, que evita que os comentários “ofensivos” se transformem em ofensas propriamente ditas, fortalecendo os vínculos sentimentais e o sentimento de pertencimento ao grupo.

Esperamos que, com este trabalho, possamos contribuir para estudos da linguagem, que adotam o “tipo de atividade” como um fator que contribui para identificar/restringir os significados que são atribuídos às ações dos participantes no curso da interação. A partir deste estudo, esperamos que novos olhares sejam lançados para outras atividades que também envolvam a questão do hibridismo, presente tanto no gênero analisado como nos papéis assumidos pelos participantes. Além disso, ao observarmos a relação entre Humor, (Im)polidez, Minimização de Ofensa, Papéis e Trabalho de Face, buscamos mostrar como esses constructos trabalham conjuntamente durante a interação, ajudando na construção de sentidos e no estabelecimento de relações entre os participantes.

Reconhecemos que ainda há muito que ser feito, visto que Humor, (Im)polidez, Minimização de Ofensa, Papéis e Trabalho de Face são campos vastíssimos para pesquisa. Esperamos, entretanto, que o novo olhar proposto aqui, da perspectiva da Pragmática Interpessoal, possa auxiliar a maneira de analisar a linguagem em situações de uso e a forma como as relações interpessoais são construídas/negociadas no curso das interações de fala.

6 REFERÊNCIAS

ARUNDALE, Robert B. An alternative model and ideology of communication for an alternative to politeness theory. **Pragmatics** 9, 119—154, 1999.

_____. Face as relational and interactional: a communication framework for research on face, facework and politeness. **Journal of Politeness Research** 2, p.193-216, 2006.

_____. Constituting face in conversation: Face, facework, and interactional achievement. **Journal of Pragmatics**, 42, p. 2078-2105, 2010.

ATTARDO, Salvatore & RASKIN, Victor. Script theory revis(it)ed: joke similarity and joke representation model. **Humor**, p.293-347, 1991.

ATTARDO, Salvatore. **Linguistic Theories of Humor**. New York: Mouton Gruyter, 1994.

BATESON, Gregory. **Steps to an Ecology of Mind**. New York: Ballantine Books, 1972.

BECKER, Howard S. **Segredos e Truques da Pesquisa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BERGSON, Henri. **Le rire. Essai sur la signification du comique**. Paris: Presses Universitaires de France. 203. ed., 1964 [1901].

BOXER, Diana; CORTÉS-CONDE, Florencia. From bonding to biting: conversational joking and identity display. **Journal of Pragmatics** 27, p. 275–294, 1997.

BROWN, Penelope & LEVINSON, Stephen C. **Politeness: Some Universals in Language Usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987 [1978].

CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: MIT Press, 1965.

CLARK, Herbert H. **Using language**. Cambridge: Cambridge University Press. 1996.

COOK-GUMPERZ, J.; GUMPERZ, J. Frames and contexts: another look at the macromicro link. **Pragmatics**, Antwerp, v. 21, n. 2, p. 283-286, 2011.

COUPER-KULEN, E.; SELTING, M. (eds). **Studies in Interactional Linguistics**. London: J. Benjamins Publishing, 2001.

CULPEPER, Jonathan. Towards an anatomy of impoliteness. **Journal of Pragmatics**, vol.25, p.349-367, 1996.

_____. Impoliteness and entertainment in the television quiz show: The Weakest Link. **Journal of Politeness Research**, vol.1, p. 35-72, 2005.

_____. Reflections on impoliteness, relational work and Power. In: Derek Bousfield & Miriam Locher (eds) **Impoliteness in Language: Studies on its Interplay with Power in Theory and Practice**. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, p.17- 44, 2008.

_____. Conventionalised impoliteness formulae. **Journal of Pragmatics**, 42, p. 3232-3245, 2010.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.) **The Sage Handbook of Qualitative Research**. 2nd. ed. Thousand Oaks: Sage, 2000.

DIVAN, Lillian M. F. **Posicionamentos e categorizações: mecanismos retóricos para apresentação/sustentação de pontos de vista em situações de conflito**. 2011. 203f. Tese (Doutorado em Linguística)- Universidade Federal de Juiz de Fora /Instituto de Ciências Humanas e Letras.

DREW, Paul, Po-faced receipts of teases. **Linguistics** 25, p. 219–253, 1987.

DUCROT, O.; TODOROV, T. **Dictionnaire encyclopédique dès sciences du langage**. Paris: Éditions du Seuil, 1972.

DURANTI, Alessandro. **Linguistic Anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

DURANTI & GOODWIN, Charles (eds). **Rethinking Context: language as an interactive phenomenon**. Cambridge University Press, 1992.

DYNEL, Marta. Setting our House in order: the workings of impoliteness in multi-party film discourse. **Journal of Politeness Research** 8, 161—194, 2012.

EDWARDS, Derek. Intentionality and *mens rea* in police interrogations: the production of activities as crimes. **Intercultural Pragmatics** 5, p. 178-199, 2008.

FILLMORE. C. Frame semantics. In: **Linguistics in the Morning Calm**. Seoul: Hanshin, 1982, p. 111-137.

GAGO, P. C.A organização sequencial da conversa. **Calidoscópio** (UNISINOS), v. 03, n.02, p. 61-73, 2005.

GOFFMAN, Erving. The neglected situation. In: GUMPERZ, J. & HYMES, D. (eds). The ethnography of communication. **American Anthropologist**. vol. 66, Washington, DC: American Anthropological Association, p. 133-136, 1964.

_____. **Interaction Ritual. Essays on Face-to-Face Behavior**. Harmondsworth, UK: Penguin, 1972 [1967]. 104.

_____. **Frame Analysis**. New York: Harper & Row. 1974.

_____. **Forms of Talk**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1981.

_____. Footing. In: RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. (org). **Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso**. Porto Alegre: AGE, p. 70-97, [1979], 1998.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. (eds). **Syntax and Semantics 3: Speech Acts**. New York: Academic Press, p. 41–58, 1975.

_____. **Studies in the Way of Words**. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1989 [1967].

GUMPERZ, John J. Convenções de Contextualização. In: RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. (org). **Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso**. Porto Alegre: AGE, p. 149-182, [1982], 1998.

_____. The linguistic and cultural relativity of conversational inference. In: GUMPERZ, J. & LEVINSON, S. (eds). **Rethinking Linguistic Relativity**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 374—406, 1996.

_____. On interactional sociolinguistic method. In: SARANGI & ROBERTS (eds). **Talk, Work and Institutional Order**. Berlin, New York: Mouton de Guyter, p. 453-471, 1999.

_____. Contextualization and Ideology in Intercultural Communication. In: DI LUZIO, A.; GUNTHNER, S.; ORLETTI, F. (eds.). **Culture in Communication: Analyses of intercultural situations**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001.

_____. On interactional sociolinguistic method. In: SARANGI & ROBERTS (eds). **Talk, Work and Institutional Order**. Berlin, New York: Mouton de Guyter, p. 453-471, 1999.

HARRÉ, R.; LANGENHOVE, L.V. (orgs). **Positioning Theory: moral contexts of intentional action**. Oxford: Blackwell Publishers, 1999.

HAUGH, Michael. Intention(ality) and Conceptualization of Communication in Pragmatics. **Australian Journal of Linguistics**, 29: 1, p. 91-113, 2009.

_____. Jocular mockery, (dis) affiliation, and face. In: **Journal of Pragmatics**, 2010.

_____. Conversational implicature. In: CHAPELLE, Carol A. (ed.). **The Encyclopedia of Applied Linguistics**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013.

GUMPERZ & HINZE, C. A metalinguistic approach to deconstructing the concepts of 'face' and 'politeness' in Chinese, English and Japanese. **Journal of Pragmatics** 35, 1-11:1581-1611, 2003.

HAUGH, M.; KADAR, D.; MILLS, S. Interpersonal pragmatics: issues and debates. **Journal of Pragmatics** 58, p. 1-11, 2013.

HAY, Jennifer. The pragmatics of humor support. **Humor** 14, p. 55-82, 2001.

HOLLWAY, W. Gender Difference and the Production of Subjectivity. In: HENRIQUES, J.; HOLLWAY, W.; URWIN, C.; VENN, C. & WALKERDINE, V. (eds.). **Changing the Subject: Psychology, Social Regulation and Subjectivity**. London: Methuen, p. 227-263, 1984.

HOLMES, Janet. Expressing doubt and certainty in English. **RELC Journal**13, 2: 9-28, 1982.

_____. Politeness, power and provocation: how humour functions in the workplace. **Discourse Studies** 2, p.159-185, 2000.

HYMES, Dell. Models of the Interaction of Language and Social Life. In.: GUMPERZ, John; HYMES, Dell. (eds.). **Directions in Sociolinguistics: The Ethnography of Communication**. New York: Holt, Rinehart & Winston, p. 35-71, 1972.

JOHNSON, Rebekah J. A Multi-Layered Framework of Framing. **TESOL & Applied Linguistics**, Vol. 8, No. 2, p. 1-8, 2008.

LAKOFF, George. **Don't Think of an Elephant: Know Your Values, Frame the Debate**. White River Junction, VT: Chelsea Green Publishing, 2004.

LEVINSON, Stephan. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

_____. Activity types and language. In: DREW, Paul & HERITAGE, John (eds). **Talk at work: interaction in institutional settings**. Cambridge University Press, p. 66-100, 1992.

LINTON, Ralph. **The Study of Man**. New York: D. Appleton-Century, 1936.

MERTON, Robert K. The Role-Set: Problems in Sociological Theory. *The British Journal of Sociology*, Vol. 8, No. 2. (Jun), p. 106-120, 1957.

_____. **Social Theory and Social Structure**. Enlarged edition. New York: Free Press, 1968.

LOCHER, Miriam; WATTS, Richard. Politeness theory and relational work. **Journal of Politeness Research** 1 (1), p. 9—34, 2005.

LOCHER, Miriam; WATTS, Richard. Relational work and impoliteness: negotiating norms of linguistic behaviour. In: BOUSFIELD, D., LOCHER, M. (Eds.). **Impoliteness in Language**. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 77—99, 2008.

LOCHER, Miriam A.; GRAHAM, Sage L. Introduction to interpersonal pragmatics. In: LOCHER, M.; GRAHAM, S. (Eds.). *Interpersonal Pragmatics*. Berlin: Mouton de Gruyter, Berlin, p. 1—13, 2010.

MAK, N. C. B.; LIU, Y.; DENEEN, C.C. Humor in the workplace: A regulating and coping mechanism in socialization. **Discourse & Communication** 6 (2), p. 163-179, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2013.

MULKAY, M. J. **On humour: Its nature and its place in modern society**. Oxford:Blackwell, 1988.

NORRICK, Neal R.& SPITZ, Alice. Humor as a resource for mitigating conflict in interaction. **Journal of Pragmatics**. 40, p. 1661-1686, 2008.

_____. Issues in conversational joking. **Journal of Pragmatics**. 35, p. 1333-1359, 2003.

O`DRISCOLL, Jim. The role of language in interpersonal pragmatics. *Journal of Pragmatics* 58, p. 170-181, 2013.

PARK, Joseph Sung-Yul; TAKANASHI, Hiroko. Reframing Framing: Interaction and the constitution of culture and society. **Pragmatics** 21:2, p. 185-190, 2011.

PENMAN, R. Facework and Politeness: Multiple Goals in Courtroom Discourse. **Journal of Language and Social Psychology**, vol 9, 15-38, 1990.

PLESTER, B. A.;SAYERS, J. "Taking the piss": Functions of banter in the IT industry. **Humor** 20 (2), p. 157-187, 2007.

PONTE, João Pedro. **Estudos de caso em educação matemática**. *Bolema*25, p. 105-132, 2006.

PREVIGNANO, Carlo L; DI LUZIO, A. A discussion with John J. Gumperz. In: EERDMANS, Susan.; PREVIGNANO, Carlo L.; THIBAUT, Paul J. (eds.) **Language and Interaction: Discussions with John J. Gumperz**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2003.

QUATRO EM CAMPO. Produção: CBN Globo Rádio. Acesso em: <http://cbn.globoradio.globo.com/programas/quatro-em-campo/QUATRO-EM-CAMPO.htm>

RAMOS, Paulo. Piadas e tiras cômicas: semelhanças entre gêneros. *In: Revista USP*, número 88, 2011.

RASKIN, Victor. **Semantic Mechanisms of Humor**. Dordrecht: Reidel, 1985.

RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SARANGI, Srikant. Activities types, discourse types and interactional hybridity: the case of genetic counseling. *In: SARANGI, Srikant & COULTHARD, Malcolm eds. Discourse and Social Life*. New York: Longman, pp.1-27, 2000.

_____. Reconfiguring Self/Identity/Status/Role: The Case of Professional Role Performance in Healthcare Encounters. **Journal of Applied Linguistics and Professional Practise**, p. 75-95, 2010.

_____. Role Hybridity in Professional Practice. *In: Sarangi, Srikant Kumar and Polese, Vanda and Caliendo, Giuditta eds. Genre(s) on the Move: Hybridization and Discourse Change in Specialized Communication*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, pp. 271-296, 2011a.

_____. **Hibridity Role and Facework**. Conferência ministrada na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, em 23 de agosto de 2011, 2011b.

SCHIFFRIN, Deborah. **Approaches to Discourse**. UK, USA: Blackwell, 1994.

SEARLE, John. **Speech Acts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SILVEIRA, Sonia Bittencourt. Uma perspectiva interacional em linguística. **Linguagem, Teoria, Análise e Aplicações** (3). Rio de Janeiro: Editora Letra Capital, p. 8-17, 2007.

SIMPSON, J. B. Simpson's contemporary quotations. **Houghton Mifflin**, 1998.

SPENCER-OATEY, Helen. (Im)Politeness, face and perceptions of rapport: unpacking their bases and interrelationships. **Journal of Politeness Research** 1 (1), p. 95—120, 2005.

_____. Theories of identity and the analysis of face. **Journal of Pragmatics** 39 (4), p. 639—656, 2007.

TAFFARELLO, Maria Cristina de Moraes. Humor político e a crítica à mentira. **Estudos Linguísticos**. Vol 3, 2003. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/31/htm/comunica/CiI05c.htm> em 15/02/2013

TANNEN, D. What's in a frame? Surface evidence for underlying expectations. In: TANNEN, D. (Ed.). **Framing in discourse**. New York: Oxford University Press, p. 14-56, 1993.

TANNEN, D., & WALLET, C. Interactive frames and knowledge schemas in interaction: Examples from a medical examination/interview. In: TANNEN, D. (Ed.). **Framing in discourse**. New York: Oxford University Press, p. 205-216, 1987.

TANNEN, D; WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em Interação: Exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B. e GARCEZ, P. (org.). **Sociolinguística Interacional**. Porto Alegre: Age, 1998, p. 120-14.

THOMAS, J. A. **The Dynamics of Discourse: A Pragmatic Analysis of Confrontational Interaction**. Unpublished Doctoral Thesis. Lancaster University, 1986. WINE, Linda. Towards a deeper understanding of framing, footing, and alignment. **Teachers College, Columbia University Working Papers in TESOL & Applied Linguistics**. vol. 8, n. 2, 2008.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Trad: Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001

ANEXO A - Tradução de exemplos

Exemplo (1) (p. 40):

1	Lea:	Eu vi uma foto sua na fita da Kay
2		Suas pernas pareciam magricelas
3		eh aquela foto de quando nós estávamos caminhando ao longo daquela
4	Tina:	Eu sei=
5	Lea:	=bem nós duas parecíamos magricelas
6	Tina:	Sim=
7	Lea:	=você era muito mais magricela naquela época você era
8		Você crê
9	Tina:	Você está mais magricela agora
10	Lea:	Não, não estou
11		Eu não acho que eu esteja mais magricela agora do que era
12	Tina:	oh não está
13	Lea:	não
14	Kay:	Você estava magricela quando estava em Aucklandou
15		Não estava=
16	Lea:	sim
17	Tina:	Não, EU NÃO ESTAVA
18	Lea:	Você tinha uma patch muito magricela
19	Tina:	oh Eu NUNCA FUI magricela
20	Kay:	((gargalhadas)) magricela=
21	Lea:	=((gargalhadas)) magricela ((gargalhadas))
22	Tina:	{voc} palavra estúpida=
23	Lea:	=eu estou indo um pouco longe demais, né?
24	Tina:	sim
25	Kay:	Sim, eu estou magricela agora eh=
26	Lea:	= você está magra, Ginny disse que você estava magra, Kay=
27	Kay:	= oh está bem, não poderia ser eu

28	Tina:	Hey isso é o que eu era
29		um, nós ouvimos Dale Spender
30		eh falando no rádio

Exemplo (2) (p.42):

1	Neil:	Odeio arrastar você para longe quando você está obviamente se divertindo
2		Mas É mais de dez
3	Ken:	[gargalhadas] um pouco de diversão

Exemplo (3) (p.42):

1	Hen:	Eles certamente vão cair assim que você apresentar esse material pra eles
2		Isso não pode ser recusado
3	Bob:	Deixe-me apenas acreditar que eles têm lido os mesmos livros didáticos que você
4		[os dois riem]

Exemplo (4)(p.43):

1	May:	Eu estou certa de que você teria amado ter mostrado seu novo whizz-bang
2		Computador com todos os seus efeitos especiais não amaria, Jenny
		[Gargalhadas geral]

ANEXO B- Tabela das convenções de transcrição

[colchetes] fala sobreposta

(0.5) pausa em décimos de segundo

(.) micropausa de menos de dois décimos de segundo

= contiguidade entre a fala de um mesmo falante ou de dois falantes distintos

. descida de entonação

? subida de entonação

, entonação contínua

: alongamento do som

- auto-interrupção

sublinhado acento ou ênfase de volume

MAIÚSCULA ênfase acentuada

°fala mais baixa imediatamente após o sinal

°palavras° trecho falado mais baixo palavra

↑ subida acentuada na entonação

↓ descida acentuada na entonação

>palavras< fala comprimida ou acelerada

<palavras> desaceleração da fala

<palavras início acelerado

hhh aspirações audíveis ou risos

(h) aspiração durante a fala

(()) comentários do analista

(palavras) transcrição duvidosa

() transcrição impossíveis

ANEXO C – Transcrições dos dados

Programa 1:

01	Piotto:	-érias?
02	Guiotti:	é::
03	Éboli:	merecidas, não?
04	Piotto:	foi, pois é, [só que não::
05	André:	[São Paulo terá nove dias até a sua estreia no
06		campeonato paulista.
07	Piotto:	ah, mas convenhamos, né? hh o time acabou de ser campeão
08		brasileiro::
09	Guiotti:	acabou não, ih::, tem mais de um mês
10	Éboli:	todos estão <u> muito </u> preocupados com isso, [os jogadores do São Paulo.
11	André:	[jogadores descansaram por
12		trinta e quatro dias (0.2)
13	Piotto:	bom-
14	Éboli:	merecidamente↓
15	André:	[também acho.
16	Piotto:	[tá, você pode até contar que esses trinta e quatro dias foram
17		além do que deveria porque em tese são trinta, mas-
18	Guiotti:	só [trinta
19	Piotto:	[vai mudar o quê? o time acabou de ser campeão↑ faz o quê?
20	Guiotti:	contratou os melhores jogadores.
21	Piotto:	ué, fez uma bela duma contratação, [pois é
22	Éboli:	[não perdeu ninguém.
23	Piotto:	não perdeu nin[guém-
24	André:	[por enquanto, só o Rodrigo, né?(0.2)há ainda uma
25		indefinição sobre a permanência dele, é um caso muito parecido com
26		o do Cleber no Palmeiras (.)então ainda o São Paulo não sabe se
27		vai cont[ar com, com o Rodrigo.
28	Piotto:	[ele é de um time lá também, [né?
29	André:	com o mesmo ti: do mesmo time do: [do Cleber, o dínamo.
30	Piotto:	[ah, do mesmo do: é, do time do
31		Cleber, é isso.
32	Éboli:	dínamo de (.) Kieve
33	André:	Kieve
34	Guiotti:	agora, o: o: o ano já começa quente aqui em Minas, viu, ô
35		Adalberto
36	Piotto:	por quê?
37	Guiotti:	porque nós já estamos na hora do clássico mineiro né? Cruzeiro e
38		Atlético, só que esse clássico é <u> tão </u> pujante, <u> tão </u> gran:dioso, que
39		extrapolou as fronteiras de Minas e do Brasil
40	Éboli:	opa↓
41	Guiotti:	[opa↓
42	Piotto:	[puxa [vida
43	André:	[caram:ba
44	Piotto:	[tão pujante↓
45	Éboli:	[ah::, é::, tá certo, vocês vão fazer a preliminar do clássico:
46		uruguaio, né?
47	Guiotti:	não, Cruzeiro e Atlético vão jogar [no Uruguai no próximo sábado-

48	Piotto:	[{h} na canela, canelada
49	Guiotti:	é, é bobo demais, né?
50	Éboli:	[hhh
51	André:	[antes de Penharol e Nacional.
01	Piotto:	só tem tamanho, viu.
02	Éboli:	vem cá, [eu falei alguma mentira?
03	Piotto:	[vai ser, viu, vai ser o James Blunt do [Elton John, é
04		isso?
05	Guiotti:	[levou uma bronca,
06		levou uma [bronca de pai, né? só tem tamanho
07	Éboli:	[olha aqui, olha aqui, <eu falei alguma mentira>? (0.3)
08		não [vai ser preliminar do Penharol e Nacional?
09	Guiotti:	[cê podia -cê podia esperar eu terminar de ter dado [a notícia
10	Éboli:	[não,
11		>pode continuar, pode continuar<.
12	Guiotti:	cruzeiro e atlético, professor, fazem o clássico mineiro
13		internacional sábado às quatro e quarenta e vinte da tarde, a CBN
14		de Minas vai transmitir esse jogo e: é o torneio de verão que
15		acontece no Uruguai, porque o Uruguai tem lá belas praias, com(),
16		cê sabe, né? então:: o bichinho tá lá e::tem esse clássico lá-
17	Piotto:	o quê (h) que tá lá? o bichinho?
18	Éboli:	hhh
19	André:	e qual é o horário do jogo, Guiotti?
20	Guiotti:	quatro e vinte da tarde. tem muitos mineiros lá, né, porque os
21		mineiros ...em Minas não tem praia, mas o pessoal aqui tem
22		dinheiro pra ir na praia, então ↑
23	Piotto:	ai::hh
24	Guiotti:	tá todo mundo por lá
25	André:	e aí depois jogam?
26	Guiotti:	aí tem Penharol e Nacional, os dois principais times do Uruguai e
27		os vencedores fazem a decisão do torneio na quarta-feira
28	André:	inclusive o Penharol tomou u::m pu↑xão de ore↑lha, porque tava
29		querendo ignorar esse torneio pra fazer a festa com o Corinthians
30		(.) no dia dezessete
31	Piotto:	porque gostou da proposta, né?
32	André:	é: duzentos mil, né? é uma belíssima proposta, mas aí no contrato
33		lá (.) pra fazer parte desse torneio↑ ele tomaria uma multa muito
34		grande se abandonasse a competição só colocasse o time reserva
35		(0.2)então recuou não vai mais fazer a festa com o Corinthians,
36		vai ter que jogar pra valer com o time titular
40	Guiotti:	é, e: e o Emerson Leão que tá no Atlético, >que foi a grande
42		contratação do galo esse ano<-
42	Piotto:	uh:::
43	Guiotti:	hh
44	Piotto:	a gente acabava de falar do (h) São Paulo aqui, que fez grande
45		contra (h) ta (h)ções-
46	Guiotti:	[oh, Diego Tardelli. Diego Tardelli-
47	Piotto:	[ele diz que a grande contratação do atlético foi o Leão?
48	Éboli:	mas olha só, no papel, o cruzeiro tá <muito, mas muito> à frente
49		do atlético mineiro, no papel=
50	Guiotti:	=cruzeiro manteve todo o time, né?
51	Éboli:	exatamente, e contratou , né. tem muitas opções hoje pro ataque.
01	Piotto:	como sempre, né. o cruzeiro tá sempre à frente do atlético,né(0.3)

02		[()
03	André	[nos últimos anos, sim-
04	Éboli:	[é:, já há algum tempo, né? [já há algum tempo.
05	Piotto:	[então você olha, ass- é só olhar os
06		resultados, eu não tô fazendo[menção aqui, porque por mim pouco
07		importa:, né?
08	Éboli:	[sim, sim, claro-[bom, se-
09	Piotto:	[é::: cê olha- cê olha pro histórico
10		dos times, cê vê quem tá na frente, né.
11	Éboli:	[não tenha dúvida.
12	Piotto:	[quem tem mais história internaciona:l, essa coisa toda, né.
13	Éboli:	não tenha dúvida que ultimamente Cruzeiro vem sendo o maior
14		representante de Minas Gerais .hh no aspecto nacional e também no-
15		no-cenário internacional
16	Piotto:	é:.hh
15	Guiotti:	e por isso mesmo::>agora o clássico internacional<, a partir de
16		agora.
17	Éboli:	ah, a partir de a-
18	Guiotti:	já teve um Corinthians e Palmeiras fora do Brasil? Já teve um big
19		mass fora do Brasil?= mas o clássico não continua sendo nacional?
20	André:	hum:: agora é internacional.
21	Guiotti:	hum:: agora é internacional.
22	André:	hhh corta.
23	Éboli:	hhh.hh [ai, meu Deus do céu, tá-
24	Piotto:	[escuta, p-falar-, um dia desses a gente tava falando aqui:
25		da copinha, o André falou do- péssimo- nível da copinha (h), a copa
26		São Paulo aqui...
27	Guiotti:	né:-né assim também péssimo, não.
28	André:	é::mas escuta, eu tava vendo o jogo-
29	André:	time que joga com [nove-
30	Piotto:	[flu-fluminense e quem, aqui? fluminense e quem
31		tava-
32	André:	rio branco.
33	Piotto:	[ué-
34	André:	[não- rio claro, perdão.
35	Piotto:	tava uma coisa <horrorosa>, mas <muito> horrorosa ...era um bate
36		rebate no meio-campo, na intermediá- não passava de lá- de
37		intermediária pra [intermediária-
38	Guiotti:	[mas você viu preliminar?
39	Piotto:	nada acontecia, eu falei, ah que coisa [feia-
40	Guiotti:	[você viu um time azul na
39		preliminar jogador? (.)
40	Piotto:	não, por quê?= =porque foi cinco zero. cruzeiro ganhou do juventude no Rio Grande
41	Guiotti:	do Sul por cinco a zero agora há pouco.
42		do Sul por cinco a zero agora há pouco.
43	Éboli:	é, o cruzeiro tá deitando e rolando nessa copinha, né. tá numa
44		campanha muito boa.
45	André:	mas o nível técnico é baixíssimo.
46	Éboli:	[é::
47	André:	[a gente pode pegar as goleadas, o São Paulo <por exemplo> ganhou
48		de dez a zero
49	Éboli:	teve um outro [dez a zero também, né.
50	André:	[placar de basquete, né? teve outro.
51	Éboli:	[então foram dois-dois h pla (h) ca (h) res desse aí, de dez a zero

01	Guiotti:	[()
02	André:	não há a menor dificuldade pros atacantes-
03	Éboli:	não==
04	André:	=conseguirem chegar na defesa adversária, eles tocam a bola,
05		tabelam lá na frente-
06	Guiotti:	[ô-ô-
07	André:	[e ninguém faz nada. (0.8)
08	Guiotti:	ô, André.você sabia que o primeiro jogo:, o jogo assim oficial
09		internacional que aconteceu foi mil c- mil oitocentos e sessenta e
10		sete, (h) e foi entre seleção da Inglaterra e da Escócia, e tinha
11		nove atacantes em cada time, era um goleiro, um zagueiro e nove
12		atacantes, <sabe quanto terminou o jogo>? zero a zero. nem-
13		sempre-muitos atacantes-significam gols.(0.8)
14	Éboli:	é::
15	Piotto:	nossa,momento [histórico
16	Éboli:	[é, interessante isso-agora, hein
17	André:	eu não entendi muito a relação, [Guiotti-
18	Piotto:	[e eu fico imaginando como é que
19		conseguiríamos viver esse ano sem essa infor[mação
20	Éboli:	[é::-[é::-
21	Piotto:	[pó:xa vida=
22	André:	=é, em dois mil e nove, falando da defesa dos time da copa de São
23		Paulo, as defesa são: muito r- não sei se por conta da formação,
24		se a-as bases jogam demais no-no esquema com três zagueiros (h) e
25		os zagueiros não são formados como- antigamente- enfim, mas as
26		defesas são- estão muito [fracas.
27	Éboli:	[e, olha só,<há uma explicação muito
28		simples pra esse dado-histórico- agora levantando >pelo nosso
29		nobre companheiro Marcos Guiotti (h)-
30	André:	o verdadeiro professor.
31	Éboli:	isso. é::, quanto mais desequilibrado é um time,mais desorganizado
32		ele é taticamente e as chances de dar tudo errado é enorme. né.
33		>não adianta realmente você colocar cinco, seis, sete, atacantes<,
34		(h) porque não va:i haver um equilíbrio-
35	Guiotti:	é::
36	Éboli:	na equipe, então: >não adianta nada<, realmente.
37	Guiotti:	não adianta jogar o time [todo pra cima-
38	Éboli:	[não, não adianta. você tem que ter
39		equilíbrio, tem que ter cada um na sua posição, é melhor <cada um
40		no seu quadrado>
41	Piotto:	[hhh
42	Éboli:	[hhh
43	Piotto:	como h é h que h é? a coisa tá piorando-
44	Éboli:	hhh
45	Piotto:	incrível. (h)cada- (h)você só quis dizer que p refrão é ado,
46		ado,ado-
47	André:	>na-na-na-na-não, melhor-melhor não melhor não <Guiotti, por
48		favor, fale novamente, ele só tem tamanho (h)
49	Piotto:	é- h fala aí- h só tem tamanho- o grandão- pode falar aí né verd-
50		h [que coisa-
51	Éboli:	[hhh-ah, olha aqui (h), [posso (h) cont-
01	Piotto:	[>ele fiou-ele ficou envergonhado de
02		dizer o refrão inteiro- ele só falou- cada um no seu quad- mas ele
03		tava querendo dizer isso aí<

04	Éboli:	não, mas pra bom entendedor, [meia palavra basta.
05	Piotto:	[é:: pois é::
06	Éboli:	ou meio refrão basta.=
07	Piotto:	é, tá bom
08	Éboli:	[olha aqui, eu tô-eu tô surpreso é com essa-
09	André:	[imagi-imagina-imagina ele dançando no estúdio da cbn
10	Éboli:	hhh
11	André:	assim hhh exatamente-
12	Piotto:	nossa, deve ser uma coisa assim- lamentável, né.hh
13	Éboli:	[deixa eu mudar de assunto↑
14	Piotto:	[Carlinhos de Jesus - Carlinhos de Jesus fica <desesperado> quando
15		vê isso aí, mas tudo bem...
16	Éboli:	(h) <u>deixa</u> eu mudar de assunto. rapidamente, eu tô impressionado
17		com o <u>voto</u> do:: Maradona e também >com o voto do Dunga pra essa
18		história de melhor jogador do mundo<.o Maradona colocou o Emanuel
19		(h) a-de-ba-yor (h) entre os melhores <e nem citou o Kaká> e o
20		Dunga, <não quis nem saber do Messi↓>Brasil e Argentina tão muito
21		bem servido de treinamentos, realmente, sabem tudo.
22	Piotto:	olha, não vamos falar da Argentina, mas do Dunga eu não espera(h)
23		va muita coisa diferente, não, hein.
24	Guiotti:	Maradona-
25	Piotto:	=tá bom=
26	Guiotti:	=tá no mesmo caminho=
27	Éboli:	=<A-de-ba-yor, melhor que o Kaká>
28	Guiotti:	>mas eu tenho que dizer o seguinte<, que cada seleção tem o trei(h)
29		nador que merece.
30	Éboli:	é verdade
31	Piotto:	(h) é::
32	Guiotti:	é::
33	Piotto:	é. não cabe, né. tem conta não fecha, né. é, não faz sentido. mas,
34		ô Andrezinho, você sabe que o Éboli, durante o carnaval [no Rio de
35		Janeiro-
36	Éboli:	[ih::
37		voltei. voltei, voltei.
38	André:	[você quer voltar ao assunto, né.
39	Piotto:	[ele perde a cidadania de carioca, ele fica suspenso.
40	André:	por quê?=-
41	Piotto:	=>aí na quarta-feira de cinzas ele recupera<, porque,<imagina,
42		isso não sabe sambar, né, Andrezinho, não faz isso>.
43	Éboli:	[ah::, você não sabe o que tá falando.
44	Piotto:	[imagina isso sambando como deve ser, um homem com dois metros de
45		altura, sambando, você imagina-
46	Éboli:	[<você não sabe o que-ta-falando>.
47	Piotto:	[ele perde a cidadania. aí ele recupera, ele vai lá na câmara
48		municipal, na quarta-feira de cinzas, e recupera a cidadania. é
49		isso aí.
50	André:	eu acho que o Éboli é um >grande passista do carnaval carioca<.
51	Éboli:	eu sou uma das figuras mais bem recebidas em <todas as quadras de
01		escola de samba do Rio de Janeiro>.
02	Piotto:	(h) Ah (h), meu Deus do céu.
03	André:	ah, lá. depois (h) da (h) dança do quadrado, o Éboli <samba> no
04		estúdio >da CBN Rio de Janeiro<=
05	Éboli:	=ó, eu não vou sair da cadeira, posso sambar com um dedinho só?
06	Piotto:	de onde- de onde veio esse <ado, ado, ado>, o que que é, >não sei

07		o que do quadrado<, hein. de onde vem esse negócio, hein?
08	Éboli:	isso é funk, né. alguma coisa dessa história aí.
09	Piotto:	ah::
10	Éboli:	é::: é (verba) mpb.
11	André:	é um- é um- vídeo <viral na internet> feito por um >grupo de
12		malucos<
13	Piotto:	[ah-ah, é?
14	Guiotti:	[hein, ô, Piotto, eu tenho a definição, Piotto.
15	Piotto:	hã
16	Guiotti:	o Luís Mendes- disse uma vez que o- os narradores antigamente, eles
17		desenhavam um quadrado no- no campo, e fazia, e falava, o jogador
18		saiu do quadrado trinta e dois e entrou no quadrado trinte e três-
19	Piotto:	hã-
20	Guiotti:	agora passou a bola pro jogador que tava no quadrado cinquenta e
21		dois-
22	Piotto:	(h) hã
23	André:	[aguard-aguarda pelo final
24	Guiotti:	[então o Éboli tá indo nessa regra...
25	Éboli:	exatamente, se o time for organizado, ado-a-ado-, cada -um-no-seu-
26		qua-dra-do>, entendeu? e assim vai.hh
27	André:	era-era pra ter termina(h)do na(h)tes dessa-
28	Piotto:	e o Luís Mendes não precisava ser citado, dessa maneira,<ima[gina>
29	Éboli:	[é
30		verdade, é verdade-
31	Piotto:	a- importância- do Luís Mendes-[não deveria ser colocado aqui-
32	Éboli:	[mas é, a gente absorve essas coisas
33		da juventude, o meu filho fala isso pra mim e a gente absorve, né:
34		fazer [o quê, né.
35	Piotto:	[é, né.
36	Éboli:	é::
37	Piotto:	meu santo, hoje foi- (h) <terrível>.
38	André:	ho (h) rrível
39	Éboli:	hhh
40	Piotto:	>sem contar que hoje eu ouvi repercussões sobre- os comentários de
41		Guiotti do tapa na cabeça do Kaká<, de novo, é incrível como essa
42		história rende (h)=
43	Guiotti:	=amanhã, [amanhã eu-
44	André:	[eu acho que ele deve contar essa história uma vez por
45		semana.
46	Guiotti:	amanhã eu [explico filosoficamente...
47	Piotto:	[e aquele tope-cuidado- topete do- do Cristiano Ronaldo,
48		ele vai tomar um tapa aí também. (h)=
49	Guiotti:	=amanhã eu explico>filosoficamente< de onde surgiu o quadrado=
50	Piotto:	(h) tá bom=
51	André:	=melhor não, melhor não
01	Éboli:	[hhh
02	Piotto:	[tchau, senhores, até amanhã, hein.
03	Éboli:	um abraço, hein.
04	Piotto:	ai, <comecem os campeonatos logo>, hein.

Programa 2

01	Piotto:	André Sanches, boa tarde, hein.
02	André:	boa tarde, Piotto.
03	Piotto:	Éboli, boa tarde.
04	Éboli:	olá, Piotto, boa tarde.
05	Piotto:	Guiotti, boa tarde.
06	Guiotti:	eu >tô ligado<, um abraço.
07	Piotto:	bom, é só pra:: deixar claro aqui, >ontem a gente tratou dessa
08		polêmica <mas, rapidamente, o:: Keirrison vai se apresentar ao
09		Palmeiras >acho que no final de semana ou na segunda-feira<, é
10		isso, [mesmo?
11	Éboli:	[segunda-feira.
12	André:	<provavelmente> [na segunda-feira.
13	Piotto:	[segunda-feira é, acertaram [lá::
14	André:	[junto com o novo
15		patrocinador [do Palmeiras.
16	Piotto:	[a penden- a pendência jurídica vai continua::r, mas
17		chegaram ao- à <sensatez> de deixar o rapaz trabalhar, né, porque
18		ele tava sendo prejudicado duplamente, né.
19	André:	agora, o Palmeiras já tem->um atacante, né, Piotto<?
20	Éboli:	um belo atacante, por sinal.
21	Guiotti:	[é, mas- precisa de alguém, né-
22	Piotto:	[é, mas você não considera o Leni atacante?
23	André:	ah, o Luxemburgo não o considera atacante, né, porque ele coloca
24		dois meias-
25	Piotto:	aliás, [o Felipe Rocha-
26	André:	[como atacantes-
27	Piotto:	o Felipe tava contando aí- que o Felipe acompanhou o treino do
28		Palmeiras- disse que o Luxemburgo <tá pegando pesado>, que, assim,
29		aquele tratamento pouco educado já não é uma g-não é uma novidade,
30		né. (h) de- de boa parte dos treinadores, <inclusive> Luxemburgo.
31		(h) mas diz que tá pegando pesado com o Leni, que tá uma coisa
32		assim, ass- que todo mundo fica até <meio constrangido> ali
33	Éboli:	é, o Leni não é um homem gol, né? o Leni não é: >um jogador
34		[de área, é, é<
35	André:	[definitivamente (h) né-
36	Éboli:	[e, ele é- ele é um jogador que prepara-
37	André:	[não marcou nenhum gol (h) com a camisa do Palmeiras <nem em
38		treinamento>.
39	Éboli:	um jogador que prepara a jogada, formiguinha que fica ali, rodando
40		a área, e precisa de um cara lá no meio pra-pra receber essa bola,
41		>e esse cara é o Keirrison<.
42	André:	em alguns momentos da temporada passada, o Leni: não jogava nos
43		coletivos >nem no time reserva<, enquanto o Luxemburgo dava um
44		treino tático, um coletivo com a equipe titular e com a equipe
45		reserva, Leni ficava batendo bola do lado de fora.
46	Piotto:	que coisa, né.
47	Guiotti:	e ele surgiu como a grande- eu, eu só vi o Leni fazer uma grande
48		partida foi aqui no mineirão contra o Cruzeiro, ele aarrebentou.
49	Éboli:	é verdade
50	Guiotti:	e depois, surgiu como a grande- promessa e nunca mais jogou >nem

51		no fluminense<, tanto que o fluminense soltou (.) né. e:: o
01		Palmeiras encaixa, agora, eu não sei- ele eh franzino. né, num dá
02		pra ser u- um marcador. ele tem->ele pode só fazer o trabalho de
03		formiguinha<, <correr, carcar, pegar a bola, sair distribuindo>,
04		mas- tem que ter uma habilidade e muito preparo físico pra isso,
05		[né
06	Eboli:	[é, porque às vezes é aquele jogador- falta <objetividade>, cai
07		<demais> porque não tem o-o corpo avantajado pra dividir com os
08		zagueiros, então, (h) eh um jogador que:: em vários momentos
09		>irrita o treinador, né? <não aguento mais te ver, fica um pouco
10		n-no canto aqui, ó.h
11	André:	então, o-o- esse corpo, a estrutura, enfim, eh a mesma do
12		Keirrison, por exemplo, mas que eh um jogador que sabe finalizar,
13		que sabe chutar,/sabe fazer [gol-
14	Piotto:	[foi artilheiro do [campeonato
15		brasileiro
16	André:	diferentemente do::Leni. alias, >o campeonato paulista que terá os
17		três:: artilheiros do campeonato brasileiro do ano passado,
18		Washington no São Paulo, Kleber Pereira no Santos e agora o
19		<Keirrison oficialmente (h) [jogador do Palmeiras
20	Guiotti:	[começa quando o campeonato paulista?
21	André:	começa na quarta-feira, `as quatro e meia da tarde: Santo André e
22		Palmeiras em Ribeirão Preto
23	Guiotti:	ih, logo com o Palmeiras, hein, Piotto?
24	Piotto:	quarta-feira [já?
25	André:	[é o atual campeão.
26	Guiotti:	lo- hã?
27	André:	é, o atual campeão. (h)[o jogo de estreia.
28	Piotto:	[o empa-[o empate ai é bom resultado
29	Éboli:	[mas é um campeonato que começa
30		mais reforçado. é o campeonato que começa mais atraente e:: um bom
31		exemplo foi isso que o André falou, (h) os três: artilheiros do
32		campeonato brasileiro do ano passado, (h) o <Corinthians>
33		conseguiu manter a <base>, contratou muita gente, tem a coisa do
34		<Ronaldo>, o São Paulo segurou os campeões, ainda contratou <mais
35		também>(h) o Palmeiras vai se acertando, perdeu- muita gente-
36		importante, (h) mas, é::, aos pouquinhos também vai <construindo>
37		[um novo time-
38	André:	[() hoje- anunciou- o Leo, [lateral esquerdo que foi
39		campeão-
40	Guiotti:	[o Santos [tá com um timão, hein-
41	Éboli:	[belíssima contratação-
42	André:	com aquela equipe do:: Robinho, do Diego, aquela geração dois mil
43		e dois, [ele volta- (.)[ele volta só time do Santos e o Kleber,
44		que o lateral titular da-
45	Piotto:	[você comemorou ali naquela praça central
46		de Santos esse título, né, André, eu me lembro de você pulando lá
47		hhh
48	André:	seleção brasileira, vai pro internacional, não fica mais (h) na
49		equipe do Santos.
50	Guiotti:	agora, apostar no campeonato paulista >esse ano vai ser
51		difícil,<viu? são quatro times- o Palmeiras é o que tá mais atrás
01		né, Piotto.
02	Piotto:	ah, olhando hoje- pro elenco, não tenho a meno:r dúvida, e não, n-
03		n- e não- sei- se colocaria, em quarto, não se coloca em quarto

04		porque tem tradição, porque é o último campeão, mas-
05	Guiotti:	[é, dos quatro, tá o que tá mais fraco-
06	Piotto:	[se-se- sempre- e o co- e São Paulo tem umas surpresas vindas do
07		interior, né?
08	Éboli:	mas eu acho que o São Paulo e o Corinthians tão destacados na
		frente.
09	Piotto:	[é, eu também
10	Guiotti:	[mas o Santos tá montando um bom time. ô.
11	André:	[o Luxemburgo -
12	Éboli:	[<alguns reforços do Santos>, eu->eu tenho um pezinho atrás<Lúcio
13		Flávio, Madson, (h) [tem esperar pra ver-
14	Guiotti:	[mas que má vontade com o Lúcio
15		Flávio, hein? (2.0)
16	Éboli:	o quê?
17	Guiotti:	má vontade que você tem [com o Lúcio Flávio-
18	Éboli:	[não, má vontade, não, é-
19	André:	hhh não é o verdadeiro camisa [dez ()]-
20	Éboli:	[eu acho que o Lúcio Flávio não
21		é jogador p- que pega time e coloca nas costas como acham que ele
22		faz isso [e não faz-
23	Piotto:	[toda vez que eu ouço o Lúcio Flávio,
24		/sim-
25	Guiotti:	[põe ele pra bater falta-
26	Piotto:	[eu falo que eu me lembro do passageiro da agonia, aquele filme dos
27		anos setenta, assim, (h) que eu só fui assistir nos anos oitenta,
28		mas tudo bem.
29	Éboli:	ele é um bom jogador, mas eu t- eu quero esperar pra ver, só isso,
30		é um bom jogador, [bate falta bem-
31	André:	[eu tô com você, Éboli-
32	Piotto:	mas olha, o Éboli- o Éboli tem razão, Guiotti, quando ele diz que
33		São Paulo e Corinthians tão na frente, â, o São Paulo porque
34		manteve a base e é o último campeão do país, é, re- se reforçou
35		mais ainda, então, tá com o mesmo treinador, essa- tem quer dizer,
36		tem um uma organiz-monta um time campeão pronto(h) e o Corinthians
37		que chega com uma sede de ganhar um título na primeira divisão
38		depois que [>ficou um ano inteiro passando na segunda e-<
39	André:	[e-e fez algumas contrataç- contratações interessantes-
40	Piotto:	[é
41	André:	[e começou a trabalhar antes-[antes dos outros times, antes dos
42		seus adversários-
43	Piotto:	[então tá muit- tão- tão- muito na
44		frente- eu acho que tão <muito> na frente, aí você desce uns quatro
45		degraus, acha o Santos, depois (h) u-uma [ribanceira inteira e vai
46		decorrendo-
47	Guiotti:	[h-h- hoje eu ouvi, eu ouvi
48		uma reportagem na CBN inclusive (h) é- falando que o Corinthians
49		vai fechar um patrocínio pra- pras mangas da camisa, e- <oitenta>
50		por cento do dinheiro é do Ronal[do-
51	Piotto:	[é, mas isso tá no-[tá no contrato,
01		né?
02	André:	[isso foi-[>feito
03		no contrato<-
04	Guiotti:	[mas
05		<oitenta por cento>?

06	Éboli:	mas foi assinado↓-
07	André:	o Ronaldo tem direito na participação: da bilheteria na- na venda
08		de ingressos pra: cadeiras numeradas do >Pacaembu, por exemplo<.
09	Éboli:	e você acha que o Corinthians tinha no <cofre dele> dinheiro pra
10		pagar o salário do Ro[naldo]?
11	Guiotti:	[não, [tudo bem, mas-
12	André:	[como disse o diretor, quem contrato o
13		Corinthians foi o [Ronaldo, não o cotário-
14	Guiotti:	[mas <oitenta por cento>? se fechar por dez
15		milhões, ele vai levar- ele leva oito milhões? (0.3)
16	Piotto:	ué
17	Guiotti:	quê que é isso? >porque uma manga de camisa hoje num time como o
18		Corinthians tá valendo essa faixa, de dez milhões<-
19	André:	no meio da cri:se-
20	Guiotti:	(h) a crise não <existe>, então: [pó gastar lá-
21	André:	[há uma semana atrás nenhum time
22		de São Paulo, tirante o Santos, Corinthians, Palmeiras e São Paulo,
23		não tinham (h) seus patrocinadores.o São Paulo(h) acabou renovando
24		(h) com seu patro- pro- patrocinador d- >dos últimos anos<, pelo
25		mesmo valor de dois mil e oito, queria um aumento, o Corinthians
26		esperava esse aumento pra valorizar também (h) a sua camisa, o
27		Corinthians deve anunciar (h) um novo patrocinador na semana que
28		vem e o Palmeiras também.
29	Éboli:	a crise exi-existe, só que é preciso ter criatividade para
30		combatê-la, e Corinthians tá tendo criatividade, tá tendo muito
31		trabalho na área de marketing, porque::tá todo mundo correndo atrás
32		de patrocínio, o flamengo vai reduzir investimentos, a, >todo
33		mundo tá com problema<, a-, a não ser o-o Marcos Guiotti e o sheik,
34		lá, o:: Mansur, [>que tão esbanjando dinheiro<, né.
35	Guiotti:	[hhh sheik-
36	Piotto:	você tem h algum-
37	Guiotti:	[olha aqui-
38	Piotto:	[você tem pelo menos [cem reais aí-
39	André:	[sheik Marcos Guiotti h
40	Piotto:	você tem cem mangos no bolso, Guiotti porque o sheik tem cem-
41		milhões -h.
42	Guiotti:	olha-é- um momento [de crise-
43	Piotto:	[de euros-ou de libras, melhor dizendo-
44	Guiotti:	[num momento de crise-
45	Piotto:	[ou de qualquer outra moeda, né.
46	Guiotti:	[num momento de crise, Piotto-
47	Piotto:	[é-hh mé-menos real.
48	Guiotti:	Num momento de crise, a: criatividade supera >o conhecimento, né<
49		então a gente: usa a criatividade pra poder conseguir algum, né
50		hhh
51	André:	a gente quem? você e o sheik.
01	Guiotti:	(h) por exemplo, eu tenho- h eu tenho uma canoa lá em Angra. hh.
02	Éboli:	tem o quê↑
03	Guiotti:	sério- hhh
04	André:	>uma h canoa [em Angra
05	Éboli:	[uma canoa- hh tá sendo humilde, porque ele fala que
06		tem um >iate anco[rado em Angra dos Reis-
07	André:	[isso <de três andares>-
08	Piotto:	mas Angra fica <tão longe> de Belo Horizonte, poxa, tem o <Espírito

09		Santo inteiro>, [tem o litoral norte do Rio-
10	Guiotto:	[pra quem-para quem não tem helicóptero [ou lancha-
11	Piotto:	[ah, h
12		bo(h)m, <u>nossa</u> , que <u>coisa</u> <u>b(h)oa</u> , desculpa- (haha) desculpa, tá
13		certo-
14	Guiotti:	eu não- eu não sou Deus, mas sou amigo dele-hh
15	Piotto:	tá bom-
16	Éboli:	mas olha só, [é-
17	André:	[e o sheik, que é amigo do Guiotti, diz a amigos que::
18		a negociação com o Kaká foi >concretizada<-
19	Piotto:	ah, olha, mas aí::, é uma das- [dessas coisas que é difícil não
20		ser concreti[zada
21	Guiotti:	[e o sheik-
22	André:	[não sei se ele disse pro Guiotti, né?
23	Guiotti:	e se o Sheik pagar bem, eu vou lá: em Manchester dar- mais um
24		tapinha pra ver se ele:: desenvolve mais.
25	André:	[mas tem que ir em Milão, né?
26	Piotto:	[puxa, por falar em <tapinha>, [>por falar em<-
27	Éboli:	[há <muito> tempo que eu não vejo
28		<tanta> informação truncada e diferente numa única negociação
29		porque o Kaká- disse que não conversou com ninguém, aí o assessor
30		do Kaká fala que o pai dele foi lá e conversou com os árabes, o
31		Kaká desmente essa história. â, o Milan diz que autorizou o Kaká a
32		negociar- com os árabes, e também está [estudando a proposta-
33	Guiotti:	[o Kaká quer (h) aposentar
34		no Milan- hh
35	Éboli:	os árabes falam que já fe (h) cha (h)ram o negócio- sem ninguém
36		saber, quer dizer, t-[tá um rolo danado-
37	Guiotti:	[e aumentou a proposta, hein, é três
38		setecentos- é::- é tre- é trezentos setenta e cinco já, hein-
39	Éboli:	e o que aparece de milhão é >uma festa<, toda hora tá- ó- a oferta
40		tá aumentando, já chegou em cento e cinquenta milhões, né.
41	Piotto:	[mas olha-
42	Éboli:	[começou em cem, tá em cento e cinquenta-
43	Piotto:	essa história do tapinha, eu recebi um e-mail de um ouvinte aqui,
44		que: eu tive problema pra abrir o e-mail, depois apareceu uma
45		parte, e eu até, se ela tá nos ouvindo, que ele por favor mande de
46		novo (h) porque ele dizia que se fosse um tapinha não é nada, ele
47		também deu um cacareco no- (h) no Kaká, ele diz no e-mail, eu me
48		lembro dessa parte, (h) que:: foi um empurrão ali, alguma coisa
49		pro Kaká jogar, porque o j-o Kaká jogava com o irmão, alguma coisa
50		do gênero assim- olha, eu tava- (h) tá rendendo o seu tapinha o
51		seu tapinha, viu, [Guiotti-
01	Guiotti:	[é, vai aparecer mais gente aí, tá vendo-
02	Piotto:	é, pois é- por isso que o Kaká é isso aí. [porque levou muito-
03	André:	[poxa, eu não dei tapinha
04		em ninguém-
05	Guiotti:	mas o Sheik só vai levar o::- só vai le[var o primeiro-
06	Piotto:	[ele levou- ele levou muito
07		pedala Robinho, foi isso, né.
08	André:	hahaha
09	Guiotti:	hahaha
10	Piotto:	que[<coisa>
11	Guiotti:	[é muito, né?

12	Piotto:	é-
13	Guiotti:	lá em Santos, pedala Robinho >era mania<
14	Piotto:	pois [é-
15	Guiotti:	[era o cumpri[mento das pessoas, sabia.
16	Piotto:	[mas olha, se o ouvinte me enviar de novo e se
17		eu não- se eu não conseguir ler hoje, eu leio na semana que vem,
18		mas era alguma coisa nesse:-
19	Guiotti:	não, na semana que vem venceu, nós vamos começar a falar de
20		campeonato estadual.
21	Piotto:	[é.
22	Guiotti:	[>cê vai de-< cê vai deixar eu falar do clássico- mi[neiro-
23		internacional?
24	André:	[>e-e-e-, n-n-
25		n-< não, >só s- s- pra gente finalizar essa história de novela,
26		tem a novela do Kaká, do Keirison que chegou- a- ao final e tem
27		uma novela aí no Rio de Janeiro<, né, Éboli, do Fred.
28	Éboli:	é, mas o Fred:: através da assessoria dele:: tá desmentindo
29		qualquer tipo de negociação com o fluminense.
30	André:	e o fluminense diz quê?
31	Éboli:	que tá adianta: do o neg- n- num chegou a bater o martelo, mas que
32		o Fred tá adiantando e que pode pintar no meio do ano com a camisa
33		do fluminense. agora, a assessoria do Kaká já desmentiu isso tudo,
34		quer dizer, é mais uma novela que já vem >de:::sde< lá de trás,né?
35		que o fluminense tá interessado no Fre::d, aí a coisa esfria,
36		esquenta, esfria, esquenta, só que a gente nunca sabe que quando-
37		se- quando é verdade, se é quando esfria ou se >quando esquenta<,
38		né?
39	Guiotti:	hehehe. (h) Piotto, e pra encerrar, Cruzeiro e Atlético amanhã
40		quatro e vinte.
41	Piotto:	[hum
42	Guiotti:	[lá no- em Montevideú, no Uruguai
43	Piotto:	uhum
44	Guiotti:	e: tem muitos torcedores de Cruzeiro e Atlético vindo de ônibus,
45		de avião, de carro, são dois mil e quinhentos quilômetros até, de
46		Belo Horizonte a::- Montevideú. (.)e::é um clássico que va:i tá
47		mexendo com o Conisul-
48	Piotto:	no (hhh)[ssa.
49	Éboli:	[tanto sacrifício pra assistir uma preliminar, hein.
50	Guiotti:	<poxa vida, hein.> é [Cruzeiro e Atlético
51	André:	[preliminar, é isso?
01	Guiotti:	Cruzeiro e Atlético é clássico em qualquer lugar do planeta, ô:
02		Carlos Eduardo Éboli, aliás, quando foi construído Brasília, os-
03		o clássico que ab-inaugurou Brasília pro futebol em mil novecentos
04		e sessenta foi Cruzeiro e Atlético, você sabia disso?
05	Éboli:	ele é que nem minha mãe, ele fala meu nome completo, significa que
06		vem bronca.[hhh
07	Guiotti:	[hhh entendeu? então Cruzeiro e Atlético[inauguraram-
08	Éboli:	[sim(h), senhor
09	Guiotti:	Brasília pro futebol em [mil novecentos e sessenta-
10	André:	[vem alguma bronca ou alguma data
11		histórica, né.
12	Guiotti:	campo de terra-
13	Éboli:	[tô de cabeça baixa aqui

14	Guiotti:	[que (h) virou (h) dois a dois.
15	Piotto:	Guiotti, só conte pra mim, o: Atlético vai levar outra saraivada
16		do Cruzeiro, porque ultimamente só foi isso, né.
17	Guiotti:	não, o Atlético tá reforçado agora, [né.
18	Piotto:	[>não, não, mas- eu- não-ma-<
19		a [pergunta/ não é <essa>- vai levar um saraivada ou não vai?
20	Guiotti:	[o Júnior é penta campeão-
21	Piotto:	[eu tô falando de longe, eu tô aqui, na arquibancada, longe- é
22		que- ah.
23	Guiotti:	[é, mas- vai ser um <jogo equilibrado>. vai ser um jogo
24		equilibrado, jogo bem disputado, [como sempre é-
25	Éboli:	[sai do muro, ô. ô.
26	Guiotti:	mas é, uai- [eu acho que-
27	Piotto:	[Guiotti, cê vai vibrar se o Cruzeiro â-â-â- se o
28		Cruzeiro passar por cima do Atlético, [cê vai vibrar de novo, né.
29	Guiotti:	[a certeza que eu tenho eh que- um mineiro >tá na final<
30	Piotto:	é:-
31	Guiotti:	do torneio
32	Piotto:	é-isso é-
33	Guiotti:	isso eu posso te garantir hh
34	Piotto:	tá bom.
35	Eboli:	e que vai pegar um uruguaio, ne.
36	Guiotti:	e que vai pegar-(h) ou (h) Penharol (h) ou Nacional.hhh
37	Piotto:	ou-outra cer[teza.
38	Andre:	[<brilhante> dedução.
39	Piotto:	[<brilhante>, [e, demais.
40	Guiotti:	[ah -ah-, me mandou-u- um
41		ouvinte > me mandou um e-mail aqui, até esqueci o nome dele, eu ia
42		trazer aqui pro estúdio, ele dizendo que já<t-<quando> os times de
43		São Paulo e do Rio fizeram um clássico dos internacionais fora do
44		país, o nome dos times que participavam do torneio ninguém
45		conhece, era da terceira divisão - e o Nacional-
46		[é da primeira divisão e de libertadores-
47	Eboli:	[mas olha só, o-os clubes do Rio não precisam jogar fora <pro
48		mundo assistir>, joga aqui dentro que todo mundo vê lá fora, não
49		tem pro[blema
50	Guiotti:	[hum- joga fora, né- se é do Rio joga fora
51	Eboli:	o apelo é grande, fla flu tem que ser no maracanã, não precisa ir
01		lá pra fora, [não-
02	André:	[pronto, virou um confronto, um duelo [Rio Minas
03	Éboli:	[faz no maracanã que o <mundo> inteiro vai ter- vai
04		ficar-[na - é interessado em assistir esse jogo, em querer saber
		notícias-
05	André:	[não era Rio São Paulo- aquele campeonato, ná.
06	Piotto:	é::, que interrente, né.
07	André:	estranho, né. era sul Minas, né?
08	Piotto:	é, agora interessante é-
09	Guiotti:	o futebol carioca está em <depressão>, o futebol carioca-
10		[sem dinheiro, sem craque-
11	Éboli:	[tem nada de depressão, amigo-[tem nada de depressão-
12	Piotto:	[ah lá, tão brigando pela periferia
13		(h) dos times (h) brasileiros-
14	Guiotti:	sem dinheiro pra [treinar-
15	André:	[nos últimos- nos últimos quatro anos, o campeão

16		veio de onde?
17	Piotto:	[hahaha
18	Guiotti:	[os times treinam na praia, porque não tem campo-
19	Piotto:	é::, (h) a periferia do futebol. (h) tchau, senhores, bom final de
20		semana (h), hein. podem continuar a briga do[més (h)tica.
21	André:	[até segunda.

Prévia do Programa -04/11/2013

01	Carolina:	Carlos Eduardo Éboli, boa tarde!
02	Éboli:	tudo bem, Carolina? boa tarde! que bom revê-la
03	Carolina:	o prazer é meu (.) ANDRÉ SANCHES, boa tarde!
04	Sanches:	olá, Carolina (.) boa tarde
05	Carolina:	Paulo Masini (.) tudo bem Massini?
06	Massini:	olá, Carol (.) Como vai? tudo bem? saudades de
07		você
08	Carolina:	bom, eu também tava com saudade (.) MARCOS
09		GUIOTTI (.) tudo bom, Guiotti?
10	Guiotti:	Olha, você não sabe a alegria em ouvir a sua voz
11		((risos))porque na sua [ausência
12	Éboli:	[jogada mestre
13		((risos))
14	Guiotti:	na sua ausência me boicotaram (.) tinha dia que
15		sequer me davam boa tarde, esqueciam que [eu
16		estava presente
17	Carolina:	[é mesmo?
18	Guiotti:	é, pensei até em sair, pra te falar a verdade
19	Carolina:	você so- sofreu bullying, Guiotti?
20	Guiotti:	É eu tava só escutando a rádio[()
21	Éboli:	[não entra nessa nao
22	Carolina:	que drama, que drama, hein?
23	Sanches:	amanhã, amanhã a Tania apresenta ele fala
24		exatamente a mesma coisa
25	Carolina:	EU SEI(.) ele fala isso pra todas
26	Guiotti:	ah vê se eu sou falso, se eu tenho cara de
27		falsidade
28	Carolina:	((gargalhadas))
29	Éboli:	eu acho estranho que ele não tocou o hino do
30		Cruzeiro hoje
31	Carolina:	pois é (.) eu já ia começar perguntando se já
32		temos um campeão
33	Guiotti:	já
34	Éboli:	claro (.)domingo que vem a tendência é essa
35	Guiotti:	eu só posso tocar o hino com a (.) conivência de
36		vocês (.) cêis acham que já ganhou, ou não?
37	Éboli:	é, tô falando
38	Carolina:	tem que esperar a [próxima rodada, né?
39	Éboli:	[eu estou falando isso::já há
40		algum tempo
41	Sanches:	acho que não (.) acho que ainda vai ganhar
42	Éboli:	pode tocar o hino que o Cruzeiro é [campeão

43	Sanches:	[domingo
44	Guiotti:	é campeão? É Massini? Posso tocar ou não?
45	Massini:	POde ((toca o Hino do Cruzeiro))
46	Guiotti:	finalmente
47	Carolina:	vai ficar tocando este hino daqui até [domingo,
48		gente
49	Guiotti:	[finalmente
50	Carolina:	segunda-feira ele já tá tocando o hino
51	Éboli:	não, vai tocar até dia oito de dezembro
01	Carolina:	segunda-feira já tá tocando o hino
02	Guiotti:	finalmente o pessoal do Rio-São Paulo reconhece a
03		vitória antes de domingo
04	Éboli:	AI AI
05	Carolina:	esse pessoal da imprensa é fogo, né?
06	Éboli:	ai () do mal
07	Guiotti:	tem gente que não, tem gente que acha o Atlético
08		Paranaense pode ganhar seis seguida e o Cruzeiro
09		perder seis seguida, ma::s tudo bem
10	Éboli:	agora, o que chama a atenção, né?
11	Guiotti:	hum
12	Éboli:	ninguém esperava um desfecho como esse pro
13		campeonato (.) um campeonato que vinha se
14		anunciando como muito equilibrado e de repente o
15		Cruzeiro: conseguiu essa arrancada
16	Carolina:	desde aquele jogo Cruzeiro e Botafogo começou a
17		desenhar-
18	Éboli:	-é::
19	Carolina:	desenhar, né? esse cenário
20	Guiotti:	ele tá equilibrado do segundo pra baixo (.) você
21		não pode esquecer (.) pode deixar
22	Éboli:	não, não(.) sim
23	Guiotti:	tá superequilibrado
24	Éboli:	não, eu tô falando de disputa de título , já há
25		algum tempo que ela tá sem graça
26	Guiotti:	é
27	Éboli:	o Cruzeiro, ele vai só a cada rodada confirmando
28		aquilo que todo mundo sabe que o Cruzeiro é:: o
29		campeão nacional deste ano
30	Carolina:	é (), se o Botafogo tivesse ganho dava
31		outra vida[competição
32	Éboli:	[só que
33	Carolina:	mas o Botafogo perdeu
34	Éboli:	Carol, os outros não se definem, todos ficam
35		naquela coisa "não, eu vou engrenar não consigo,
36		agora vai, num vai
37	Carolina:	isso, campeonato da hepatite (.) todo mundo, né?
38	Éboli:	é exatamente
39	Guiotti:	()
40	Éboli:	e o Cruzeiro vai nadando de braçada porque
41		ninguém consegue acompanhar (.) sempre deixa um
42		pontinho pelo caminho, né? é: a-ameaça a
43		empolgar o seu torcedor e depois joga uma ducha
44		de água fria (.) coisa que o Cruzeiro fe- NÃO fez
45		com o seu torcedor em momento algum no campeonato

46	Guiotti:	é, a minha visão é um campeonato superequilibrado
47		com o Cruzeiro desequilibrando (.) o Cruzeiro foi
48		embora (.) agora a briga pelo rebaixamento tá
49		MUITO grande, intensa inclusive
50	Carolina:	tá (.)disputadíssima
51	Guiotti:	e pro G4 também (.) o Botafogo::, eu tô dizendo
01		desde o inicio do campeonato, eu tô achando que
02		na última rodada (.) vai se concretizar o que eu
03		disse
04	Éboli:	na última?
05	Carolina:	será? na série, as coisas que só acontecem com o
06		Botafogo?
07	Guiotti:	é, é tá desenhando
08	Carolina:	será possível?
09	Éboli:	eu acho que o Botafogo tá fazendo por onde, né?
10		porque, ontem, por exemplo, jogando no Serra
11		Dourada mostrou uma total falta de atitude em
12		campo (.) não foi um jogo de todo ruim, um jogo
13		tecnicamente fraco, mas que o Goiás acabou sendo
14		o:::- dominou a partida no segundo tempo, foi pra
15		cima e o Botafogo ali apático, controlando a bola
16		no seu campo de defesa com uma PREguiça pra ir
17		pro ataque e até uma incapacidade, com o (Silas)
18		se arrastando e o Goiás não, numa outra rotação,
19		no clima de que, intendendo que aquele jogo era
20		de fato muito importante e decisivo
21	Carolina:	e era
22	Éboli:	e era, tanto é que o Goiás se aproximou do
23		Botafogo e tá um ponto do Botafogo
24	Guiotti:	jogo de seis pontos, como gosta de dizer o Aielo
25	Carolina:	é verdade, os botafoguenses vão ter que torcer
26		pro Flamengo na próxima rodada, né? É Flamengo e
27		Goiás
28	Éboli:	o Flamengo tem a oportunidade de acabar com o ano
29		do Goiás, né?
30	Carolina:	pois é
31	Éboli:	porque são dois jogos
32	Carolina:	é:: confronto duplo, né?
33	Éboli:	assim como Goiás também tem a oportunidade de
34		jogar u:m u:m gelo nessa euforia toda do
35		Flamengo na Copa do Brasil (.) é difícil? É
36		difícil, né? existe uma vantagem considerável
37		para o Flamengo, por isso que penso que o Goiás,
38		hoje, já alimenta muito mais a esperança de
39		chegar na Libertadores via Campeonato Brasileiro
40		do que Copa do Brasil ((4:22))

Prévia do Programa -26/11/2013

01	Carolina:	Carlos Eduardo Éboli, tudo bem?
02	Éboli:	tudo bem, Carolina, boa tarde!
03	Carolina:	Paulo Massini, boa tarde
04	Massini:	oi, Carol, como vai? boa tarde
05	Carolina:	André Sanches, tudo bom?
06	Sanches:	tudo bem, Carol? boa tarde!
07	Carolina:	Marcos Guiotti (.) tudo bom, Guiotti?
08	Guiotti:	tudo bem, Carolina (.) como vai você?
09	Carolina:	eu vou muito bem (.) o Éboli tá aqui ansioso pra
10		falar do- do Flamengo e Atlético Paranaense
11	Guiotti:	ansioso? ele tá sempre ansioso pra falar
12	Éboli:	a anSIEdade
13	Carolina:	ele entrou agGITado aqui -no estúdio
14	Éboli:	a ansiedade
15	Guiotti:	: eu termino boa tarde, ele já fica ávido para
16		iniciar a conversa ((risos)) fica à vontade,
17		Éboli, uma hora é pouco pra você
18	Éboli:	antes de falar de Flamengo e Atlético Paranaense
19		também do São Paulo e Ponte Preta, eu tô
20		impressionado com a empolgação da torcida do
21		Cruzeiro, Guiotti (.) pra lotar o Mineirão, fazer
22		um jogo de festa, entrega de faixas , ou SEja (.)
23		o Bahia tá fudido
24	Guiotti:	() hello, que país você tá? hello?
25	Éboli:	o Bahia tá frito
26	Guiotti:	ué, é jogo da taça, filho (.) volta olímpica (.)
27		cê conhece volta olímpica?
28	Éboli:	eu conheço, papai
29	Guiotti:	pois é, o jogo de levantar a taça, mostrar pra
30		torcida (.) vão ter cem mil litros de cerveja, cê
31		que o quê? ((começa a tocar o hino do Cruzeiro))
32	Éboli:	hino de novo?
33	Carolina:	de novo?
34	Guiotti:	é só falar de taça
35	???	cada dia aumenta o volume
36	Guiotti:	é só colocar
37	Carolina:	podia mudar a parte do hino pelo menos
38	Guiotti:	ahn mas sabe o que acontece?
39	Éboli:	han
40	Guiotti:	esse hino é automático (.) falou em taça ele já
41		começa, não precisa apertar nada
42	Carolina:	entendi, é o dedo nervoso
43	Guiotti:	é:: não precisa ((risos))
44	Éboli:	é claro
45	Guiotti:	é pra fechar (.) o gran finale
46	Éboli:	é óbvio (.) é óbvio ((risos))
47	Massini:	é um poliglota
48	Éboli:	mas é Óbvio que o comportamento do Cruzeiro vai
49		ser diferente, é Óbvio que o Cruzeiro vai jogar
50		numa outra rotação, diferente ah do- do-
51		comportamento contra o Vasco da Gama, antes que
01		vem aí os-as teorias de conspiração (.) então

02		veremos um Cruzeiro diferente, uma questão óbvia
03		de motivação, de jogar diante do seu torcedor, de
04		se despedir da sua torcida, entrega de faixas, é
05		um jogo de festa, então o time vai encarar de uma
06		maneira diferente (.) pra mim tá tudo dentro da
07		normalidade
08	Massini:	é:: sobre a final de amanhã, é curioso NOVE (.)
09		NOVE vezes os visitantes levaram o caneco, hein?
10		das DOze finais de Copa do Brasil, nove
11		oportunidades os visitantes levaram o caneco
12	Guiotti:	que isso? que goro era esse?
13	Massini:	não é goro
14	Éboli:	é uma informação
15	Massini:	tá aqui no Globo esporte ponto com, é uma
16		informação
17	Carolina:	mas o visitante, na segunda partida, né?
18	Massini:	é, na casa do adversário
19	Guiotti:	i::::
20	Éboli:	barro de novo
21	Massini:	que que é esse i:: aí?
22	Guiotti:	é estranho, de dez nove perdeu
23	Éboli:	por que DOZE? a Copa do Brasil tem mais de doze
24		anos
25	Massini:	"visitantes saíram campeões em nove das doze
26		finas de Copa do Brasil [deste
27	Éboli:	[por que doze?
28	Massini:	século"
29	Éboli:	ah, DESto século
30	Guiotti:	ah, gostei dessa informação
31	Éboli:	ah, eu tô estranhando a Copa do Brasil tem mais
32		que que doze anos (.) é então
33	Guiotti:	vai fazer vinte e cinco anos
34	Éboli:	a partir de dois mil só deu visitante,
35		prati[camente
36	Massini:	[é tá aqui blognumerólogos do Globo Esporte
37	Carolina:	o que também não quer dizer nada ((risos))
38	Éboli:	absolutamente nada, absolutamente nada, mas
39		estatísticas ((risos)) as estatísticas
40	Carolina:	não é nada, não é nada, não é nada mesmo
41	Éboli:	não, as estatísticas
42	Massini:	não é nada, não é nada, o Palmeiras foi campeão
43		ano passado fora de casa
44	Carolina:	é verdade
45	Éboli:	o Vasco foi campeão fora de casa
46	Massini:	isso
47	Éboli:	contra o Coritiba
48	Guiotti:	é Coriti::ba, duas vezes contra o Coriti::ba
49	Éboli:	e aí, é isso
50	Sanches:	duas zebras, né?
51	Massini:	na verdade é que o Flamengo é MUITOfavorito, eu
01		não vou apostar [nada por que
02	Éboli:	[muito? muito?
03	Massini:	MUITO (.) eu não quero mais saber disso

04	Sanches:	eu acho que cabe uma aposta
05	Massini:	não, chega, chega
06	Sanches:	cabe, cabe (.) final cabe uma aposta
07	Massini:	chega
08	Sanches:	cabe uma aposta
09	Massini;	não, chega, chega
10	Sanches:	não, cabe, cabe
11	Carolina:	ele vai ficar sem dedo, André, daqui a pouco
12	Sanches:	não precisa apostar o dedo, pode apostar a unha
13	Massini:	o que acontece é o seguinte (.) a maioria dos
14		ouvintes entende, mas tem uma minoria xiita que
15		tem por aí, aí começa (.) então não vou nem
16		começar
17	Carolina:	aí você sofre bullying
20	Massini:	é (.) isso aí (.) bom (.) tô guardando, tô
21		guardando
22	Carolina:	mas eu não sei se o Flamengo é MUITO favorito,
23		não? tem van[tagem
24	Massini:	[é muito favorito
25	Carolina:	joga em casa
26	Massini:	é MUITO favorito, a vantagem é muito boa (.) a
27		vantagem é MUITO boa
28	Carolina:	a vantagem é do zero a zero,Massini, mas se tomar
29		um gol, e aí?
30	Massini:	já tem um gol em casa, já tem um gol fora de casa
31	Guiotti:	fora de casa
32	Massini:	exatamente
33	Éboli:	mas qualquer gol na partida acaba a vantagem
34	Massini:	COMO NÃO?
35	Éboli:	o Atlético Paranaense continua jogando por um
36		gol, Massini
37	Massini:	como não? como não? (.) um a zero pro Flamengo
38		(.) um a um ()
39	Éboli:	ué pênalti
40	Massini:	não tá resolvido
41	Éboli:	então ((risos))
42	Carolina:	tem uma vantagem, né?
43	Éboli:	ÓTIMO, né? MUITO BOA
44	Carolina:	é favorito
45	Massini:	é:: a vantagem muito boa
46	Sanches:	quem é o favorito
47	Guiotti:	eu acho que tem uma vantagem de jogar em casa (.)
48		não adianta falar que não é uma vantagem (.) é
49		outra coisa
50	Massini:	vem cá, o maracanã com setenta mil pessoas
51	Éboli:	então aí, ai você conseguiu chegar aonde eu quero
01		[chegar
02	Massini:	[a torcida
03	Éboli:	dois a zero Santo André
04	Massini:	a camisa
05	Éboli:	dois a zero dois a zero Santo André
06	Massini:	a camisa
07	Éboli:	você quer dizer que a camisa do Santo André é
08		mais pesada que a do Flamengo, é isso?

09 10	Massini:	NÃO eu quero dizer que- eu quero dizer que a camisa tem mais PESO
11	Éboli:	hun
12	Carolina:	a camisa (.) pra mim Ponte Preta três a um
13	Éboli:	é, é pois é, em casa